

ALICE A. BAILEY

O REAPARECIMENTO DO CRISTO

Título do original em inglês:
The Reappearance of the Christ
Tradução: Núcleo Aquariano Brasil
1ª edição digital em português, março de 2026.

NOTA-CHAVE

“Sempre que houver um debilitamento da Lei e um aumento da ilegalidade em todas as partes, Eu Me manifesto”.

“Para a salvação dos justos e a destruição daqueles que fazem o mal, para o firme estabelecimento da Lei, Eu volto a nascer era após era”.

Bhagavad Gita

Livro IV, Aforismos 7 e 8

ÍNDICE

Capítulo 1 – A DOUTRINA DAQUELE QUE VEM - Ensino Ocidental A DOUTRINA DOS AVATARES - Ensino Oriental	03
Capítulo 2 – A OPORTUNIDADE EXCEPCIONAL DO CRISTO	07
Capítulo 3 – O REAPARECIMENTO DO CRISTO	16
Capítulo 4 – O TRABALHO DO CRISTO NO PRESENTE E NO FUTURO	28
Capítulo 5 – OS ENSINAMENTOS DO CRISTO	46
Capítulo 6 – A NOVA RELIGIÃO MUNDIAL	62
Capítulo 7 – PREPARAÇÃO PARA O REAPARECIMENTO DO CRISTO	73
CONCLUSÃO	85

Capítulo I

A DOCTRINA DAQUELE QUE VEM

Ensino Ocidental

A DOCTRINA DOS AVATARES

Ensino Oriental

Em todas as eras, em muitos ciclos mundiais e em muitos países (e em todos hoje), houve grandes momentos de tensão, que se caracterizaram por um esperançoso sentimento de expectativa. Um Ser é esperado e Sua vinda é antevista. No passado, eram sempre os instrutores religiosos da época que nutriam e proclamavam esta expectativa, e sempre nas épocas de caos e dificuldades, no ponto próximo ao fim de uma civilização ou cultura e quando os recursos das antigas religiões pareciam inadequados para enfrentar as dificuldades dos homens ou solucionar seus problemas.

A vinda do Avatar, o advento d'Aquele que Vem¹, nas palavras de hoje o Reaparecimento do Cristo, eis o conceito-chave da expectativa corrente. Quando os tempos estão maduros, a invocação das massas é suficientemente potente e a fé dos conhecedores ardente, então Ele vem, como sempre, e os dias de hoje não serão exceção a esta antiga regra ou Lei universal. Há décadas o Reaparecimento do Cristo, o Avatar, é previsto pelos fiéis de ambos os hemisférios, não somente pelos cristãos, como também por aqueles que esperam o Senhor Maitreya, o Boddhisattva, assim como por aqueles que esperam o Iman Mahdi.

Quando os homens percebem que esgotaram todos os recursos próprios e chegaram ao fim das suas possibilidades inatas e que os problemas e as condições diante deles estão além do que podem solucionar ou conduzir, estão então propensos a buscar um Intermediário divino e um Mediador que postule a sua causa perante Deus e lhes traga uma salvação. Buscam um Salvador. Encontra-se com abundância, em todas as partes, esta doutrina de Mediadores, Messias, Cristos e Avatares, perpassando como um fio dourado todas as crenças e Textos Sagrados do mundo, relacionando-os com alguma fonte central de emanção. Até mesmo a alma humana é considerada como intermediária entre o homem e Deus. Incontáveis milhões de seres humanos creem que o Cristo atua como o divino Mediador entre a humanidade e a divindade.

Todo o sistema de revelação espiritual se baseia (e sempre se baseou) nesta doutrina de interdependência, de vinculação consciente, planejada e ordenada, e de transmissão de energia de um aspecto da manifestação divina para outro – de Deus, no “Lugar secreto do Altíssimo” até o ser humano mais humilde que vive, luta e sofre na Terra. Esta transmissão se encontra em toda parte. “Eu vim para que tenham vida”, diz o Cristo, e os Textos Sagrados do mundo estão repletos de intervenção de algum Ser procedente de uma fonte mais elevada do que a estritamente humana. Encontra-se sempre o mecanismo apropriado por meio do qual a divindade pode chegar até a humanidade e se comunicar com ela, e é precisamente dessa comunicação e dos Instrumentos de energia divina de que trata a doutrina dos Avatares, aqueles “Seres divinos que vêm”.

Um Avatar é Quem possui uma capacidade intrínseca (além de uma tarefa autoiniciada e de um destino preestabelecido) de transmitir energia ou poder divino. Trata-se necessariamente de um profundo mistério, que foi demonstrado de maneira característica e em relação com a energia cósmica pelo Cristo, o Qual – pela primeira vez na história planetária, até onde podemos saber – transmitiu a energia divina do *amor* diretamente ao nosso planeta e, em um

¹ N. do T.: The Coming One – cujas traduções são: Aquele que Vem ou O Ser Esperado.

sentido muito definido, à humanidade. Esses Avatares ou Mensageiros divinos também estão sempre vinculados com o conceito de determinada Ordem subjetiva e espiritual ou Hierarquia de Vidas espirituais envolvida com o desenvolvimento do bem-estar da humanidade. Tudo o que sabemos de fato é que, ao longo das eras, grandes e divinos Representantes de Deus encarnaram o propósito divino e de tal maneira exerceram efeito sobre todo o mundo que Seus nomes e Sua influência são conhecidos e sentidos milhares de anos depois de não mais caminharem entre os homens. Repetidas vezes vieram e deixaram um mundo transformado e alguma nova religião mundial em Seu rastro; sabemos também que a profecia e a fé sustentaram sempre à humanidade a promessa de uma nova vinda entre nós na hora da necessidade. Trata-se aqui de declarações de fatos com comprovação histórica. Para além disso, conhecemos relativamente poucos detalhes.

A palavra “Avatar” vem do sânscrito e significa, literalmente, “descendo de muito longe”. Ava (como prefixo de verbos e substantivos verbais) expressa a ideia de “fora, longe, através do tempo”. *Avataram* (comparativo) significa ainda mais longe. A raiz AV parece denotar a *ideia de proteção do alto*, e é usada em palavras compostas que fazem referência a proteções de reis e governantes. Com relação aos deuses, significa favoravelmente aceito, ao ser oferecido um sacrifício. Assim, podemos dizer que a raiz da palavra significa: “Descendo com a aprovação da fonte superior da qual provém e para o benefício do lugar ao qual chega”².

Todos os Avatares ou Salvadores mundiais, porém, expressam dois estímulos básicos: a necessidade de Deus de fazer contato com a humanidade e se relacionar com os homens e a necessidade da humanidade de contato, ajuda e compreensão divinos. Submetidos a esses estímulos, todos os verdadeiros Avatares são, portanto, Intermediários divinos. Assim podem atuar, porque já se desvincularam completamente de toda limitação, de todo senso de euísmo e de separatividade e deixaram de ser – como nas normas humanas comuns – o centro relevante de Suas vidas, como ocorre com a maioria de nós. Quando alcançam essa etapa de descentralização espiritual, podem se tornar, Eles próprios, *eventos* na vida do nosso planeta; para Eles, todo olho pode olhar e, por Eles, todos os homens podem ser tocados. Portanto, um Avatar ou um Cristo se revela por duas razões: primeiro, a Causa inescrutável e desconhecida que O incita a assim fazer e, segundo, pela demanda ou invocação da própria humanidade. Assim sendo, um Avatar é um evento espiritual, que ocorre para nós a fim de viabilizar grandes mudanças e restaurações importantes para inaugurar uma nova civilização ou restabelecer “antigos reconhecimentos” e levar o homem para mais perto do divino. Foram definidos como “homens extraordinários que aparecem periodicamente para mudar a face do mundo e inaugurar uma nova era nos destinos da humanidade”. Eles vêm em horas de crise; muitas vezes criam crises para pôr fim ao antigo e indesejável e abrir caminho para formas novas e mais adequadas para a vida em evolução do Deus Imanente na Natureza. Eles vêm quando o mal está desenfreado. Por essa razão, nem que somente por ela, é possível esperar um Avatar nos dias de hoje. O cenário necessário está pronto para o reaparecimento do Cristo.

Os Avatares são de todos os graus e atributos; alguns deles são de grande importância planetária porque expressam em Si Mesmos ciclos inteiros de desenvolvimentos futuros, emitem a nota e propiciam os ensinamentos que introduzirão uma nova era e uma nova civilização; personificam grandes verdades com relação às quais as massas humanas devem trabalhar e que indicarão um objetivo para as maiores mentes da época, embora ainda não compreendido. Determinados Avatares também expressam em Si Mesmos o somatório das conquistas humanas e da perfeição racial, tornando-se, assim, os “homens ideais” daquela época. A outros, ainda maiores, é conferida autorização de ser guardião de algum princípio divino ou qualidade divina que precisa de uma nova apresentação e expressão na Terra; Eles

² N. do T.: A edição em inglês menciona como fonte o *Dicionário Sânscrito* de Monier Williams, o qual está disponível na Internet.

podem ser, porque alcançaram a perfeição e atingiram as iniciações mais elevadas possíveis. Eles têm o dom de ser essas qualidades espirituais corporificadas e, como expressam plenamente referido princípio ou qualidade, podem atuar como canais para transmiti-las do centro de toda a Vida espiritual. É esta a base da doutrina dos Avatares ou Mensageiros Divinos.

O Cristo foi um Deles e foi Avatar duas vezes, porque não somente emitiu a nota dominante da nova era (há mais de dois mil anos) como também, de maneira misteriosa e incompreensível, encarnou em Si Mesmo o divino Princípio do Amor; Ele foi o primeiro a revelar aos homens a verdadeira natureza de Deus. O clamor invocativo da humanidade (o segundo dos estímulos que geram uma intervenção divina) exerce um efeito potente, porque as almas dos homens, em especial em ação conjunta, têm um algo afim com a natureza divina do Avatar. Somos todos Deuses e filhos do Pai Uno, como nos disse o último dos Avatares, o Cristo. É este centro divino em todo coração humano que, quando desperto e devidamente em atividade, pode evocar resposta das Altas Esferas, onde Aquele que vem espera a hora de seu reaparecimento. Somente a invocação em uníssono da humanidade, ou sua intenção conjunta pode precipitar a descida (nome que se dá) de um Avatar.

Em resumo, pois: a doutrina dos Avatares é comparável à doutrina da continuidade da revelação. Ao longo das eras e em toda grande crise humana, e sempre nas horas de necessidade, seja na criação de uma nova raça ou no despertar de uma humanidade já preparada para uma visão nova e mais ampla, o Coração de Deus – impulsionado pela Lei da Compaixão – envia um Instrutor, um Salvador Mundial, um Portador da Luz, um Avatar, um Intermediário Transmissor, um Cristo. Ele dá a mensagem que vai curar, que vai indicar o próximo passo para a raça humana, que vai iluminar um obscuro problema mundial e dar ao homem uma expressão de algum aspecto da divindade até então não reconhecido. É neste fato da continuidade da revelação e da sequência da manifestação sucessiva da Natureza divina que se fundamenta a doutrina dos Avatares, Mensageiros divinos, Aparecimentos divinos e Salvadores. A história os testifica, a Todos Eles, de maneira inequívoca. É no fato desta continuidade, desta sequência de Mensageiros e Avatares, e nesta terrível e extrema necessidade da humanidade, no momento presente, que se baseia a expectativa, em todo o mundo, do reaparecimento do Cristo. É o inato reconhecimento de todos esses fatos que vem gerando o clamor invocativo cada vez mais forte da humanidade, em todas as nações, por alguma forma de socorro divino ou de intervenção divina; é o reconhecimento destes fatos que também move a ordem procedente do “centro de onde a vontade de Deus é conhecida” de que o Avatar deva vir novamente; é o fato de saber desses apelos que leva o Cristo a permitir que Seus discípulos, de todas as regiões do mundo, saibam que Ele reaparecerá quando tiverem feito o necessário trabalho preparatório.

Os Avatares mais conhecidos e reconhecidos são o Buda, no Oriente, e o Cristo, no Ocidente. Todos conhecem Suas mensagens e os frutos de Suas vidas e palavras condicionaram o pensamento e as civilizações dos dois hemisférios. São Avatares humano-divinos, representam o que a humanidade pode compreender com facilidade; como são de natureza similar à nossa, “carne da nossa carne e espírito do nosso espírito”, nós conhecemos e confiamos n’Eles, e Eles significam mais para nós do que outros Aparecimentos divinos. Inúmeros milhões de seres Os conhecem, confiam n’Eles e Os amam. O núcleo de energia espiritual que cada um d’Eles ativou vai além do que podemos avaliar. *A criação de um núcleo de energia estável, espiritualmente positivo, eis a invariável tarefa de um Avatar.* Ele enfoca ou ancora uma verdade dinâmica, uma potente forma-pensamento ou um vórtice de energia magnética no mundo do viver humano. Este ponto focal atua cada vez mais como transmissor de energia espiritual; habilita a humanidade a expressar alguma ideia divina e isso, no devido tempo, produz uma civilização, sua cultura, religiões, políticas, governos e processos educativos. Assim é feita a história. A história, afinal, nada mais é do que o registro da reação

cíclica da humanidade a determinada energia divina entrante, a algum líder inspirado ou a algum Avatar.

No presente, um Avatar é, em geral, um Representante do segundo aspecto divino, o de Amor-Sabedoria, o Amor de Deus. Ele se manifestará como o Salvador, o Construtor, o Preservador; a humanidade ainda não está suficientemente desenvolvida nem orientada de maneira adequada para a vida do Espírito a ponto de suportar com facilidade o impacto de um Avatar que expresse a dinâmica vontade de Deus. Para nós, nesse momento (e é esta a nossa limitação), um Avatar é Aquele que preserva, desenvolve, constrói, protege, defende e socorre os impulsos espirituais pelos quais vivem os homens; o que O traz à manifestação é a necessidade do homem e o pedido do homem por preservação e ajuda. A humanidade necessita de amor, de compreensão e de corretas relações humanas, como expressão de divindade alcançada. Foi esta necessidade que trouxe o Cristo antes para nós, como o Avatar do Amor. O Cristo, Aquele grande Mensageiro humano-divino, devido à Sua estupenda realização – na linha da sabedoria – transmitiu à humanidade um aspecto e uma potência da natureza do próprio Deus, o Princípio Amor da Deidade. Luz, aspiração e o reconhecimento do Deus Transcendente eram a vacilante expressão da atitude humana frente a Deus, antes da vinda do Buda, o Avatar da Iluminação. Veio o Buda e Ele demonstrou, em Sua própria vida, a realidade do Deus Imanente, assim como do Deus Transcendente, do Deus no universo e do Deus na humanidade. O homem se tornou consciente da existência de Deus e do Eu no coração do indivíduo. Tratava-se de uma verdade relativamente nova para o homem.

Contudo, até que Cristo viesse e vivesse uma vida de amor e serviço e desse aos homens o novo mandamento de se amarem uns aos outros, pouco se havia enfatizado Deus como Amor em quaisquer dos Textos Sagrados do mundo. Depois que Ele veio como o Avatar de Amor, Deus se tornou conhecido como amor supremo, amor como meta e objetivo da criação, amor como princípio básico das relações, e amor atuando por toda a manifestação, para fins de um Plano motivado pelo Amor. O Cristo revelou e enfatizou esta divina qualidade e, assim, mudou a vida, as metas e os valores humanos.

Ele ainda não veio novamente porque Seus seguidores não realizaram o trabalho necessário em todos os países. Sua vinda depende, em grande parte, como veremos a seguir, do estabelecimento de corretas relações humanas. Isto a Igreja obstruiu, ao longo dos séculos, e não ajudou em razão do seu fanático empenho de fazer de todos os povos “cristãos” e não seguidores do Cristo. Enfatizou a doutrina teológica e não o amor e a compreensão amorosa, como o Cristo exemplificou. A Igreja pregou o exaltado Paulo de Tarso, e não o manso carpinteiro da Galileia. E assim, Ele esperou. Mas a Sua hora chegou, devido à necessidade das pessoas em todas as nações e ao clamor invocador das massas de todas as partes e da recomendação de Seus discípulos de todos os credos e de todas as religiões do mundo.

Não nos cabe ainda saber a data e a hora do reaparecimento do Cristo. A Sua vinda depende do apelo (do apelo em geral silencioso), de todos que permanecem com intenção maciça; depende, também, do melhor estabelecimento de corretas relações humanas e de determinado trabalho que está sendo feito, nesse momento, pelos Membros avançados do Reino de Deus, a Igreja Invisível, a Hierarquia espiritual do nosso planeta; depende, também, da persistência dos discípulos do Cristo que se encontram no mundo nesse momento e dos Seus colaboradores iniciados – todos trabalhando nos muitos grupos religiosos, políticos e econômicos. Some-se a isso o que os cristãos gostam de chamar de “a inescrutável Vontade de Deus”, aquele propósito não reconhecido do Senhor do Mundo, o Ancião dos Dias (como é chamado no Antigo Testamento), o qual “conhece Sua própria Mente, irradia a mais elevada qualidade de amor e enfoca Sua vontade em Seu próprio elevado lugar, no centro onde a vontade de Deus é conhecida”.

Quando o Cristo, o Avatar de Amor, reaparecer, “os filhos dos homens, que agora são os Filhos de Deus, darão as costas à luz brilhante e irradiarão essa luz sobre os filhos dos homens que ainda não sabem que são Filhos de Deus”. Então O *Ser Esperado* aparecerá, Seus passos sendo acelerados pelo vale das sombras por Aquele de sublime poder, que permanece no alto da montanha, exalando amor eterno, luz suprema e pacífica e silente Vontade.

“Então os filhos dos homens responderão. Uma nova luz brilhará no lúgubre e esgotado vale da terra. Uma nova vida circulará pelas veias dos homens, e então sua visão alcançará todos os caminhos do que poderá ser.”

“Assim a paz virá novamente à Terra, mas uma paz muito diferente de todas conhecidas até agora. A vontade-para-o-bem florescerá como discernimento, e o discernimento frutificará como boa vontade entre os homens.”

Capítulo II

A OPORTUNIDADE EXCEPCIONAL DO CRISTO

O Mundo de Hoje

Uma das dificuldades nos dias de hoje para a aceitação do ensinamento de que o Cristo virá está na sensação de que esse ensinamento foi dado há muitos séculos e nada nunca aconteceu. Isto é bem verdade, e essa é grande parte da nossa dificuldade. A expectativa de Sua vinda não é novidade, não contém nada de excepcional nem de diferente; aqueles que ainda sustentam essa ideia são olhados com ar divertido ou pesaroso. Uma análise dos períodos e épocas, dos significados, da intenção divina ou vontade de Deus, além de uma consideração da situação mundial, pode nos levar a crer, porém, que o momento presente é excepcional, em mais de um sentido, e que o Cristo está diante de uma oportunidade singularíssima. Referida oportunidade corrente é desencadeada por determinadas condições mundiais, elas próprias excepcionais. Há fatores vigentes no mundo de hoje e ocorreram eventos no século passado³ nunca antes havidos; seria de grande valor para nós considerarmos estas questões para então alcançarmos uma melhor perspectiva. O mundo ao qual Ele virá é um mundo novo, ainda que não seja um mundo melhor; novas ideias estão ocupando a mente das pessoas e novos problemas aguardam solução. Examinemos esta singularidade e tenhamos um certo conhecimento da situação na qual o Cristo será precipitado. Sejam realistas na nossa abordagem ao tema, e evitemos pensamentos místicos e vagos. Se é verdade que Ele está planejando reaparecer, se é um fato que trará com Ele os Seus discípulos, os Mestres de Sabedoria, e se esta vinda é iminente, quais são os fatores que Ele e Seus discípulos devem levar em consideração?

Primeiramente, Ele virá para um mundo que, em essência, é um só mundo. Seu reaparecimento e Sua conseqüente obra não podem ficar confinados a uma pequena localidade ou região desconhecida da grande maioria, como foi o caso quando esteve aqui antes. O rádio, a imprensa e a difusão de notícias farão da Sua vinda algo diferente do que houve com qualquer Mensageiro anterior; os velozes sistemas de transporte O disponibilizarão a incontáveis milhões que, de embarcação, trem ou avião chegarão até Ele; pela televisão, Seu rosto será conhecido de todos e, em verdade, “todos os olhos O verão”. Mesmo que não haja um reconhecimento geral de Sua condição espiritual e de Sua mensagem, necessariamente

³ N. do T.: Lembrar que o livro foi escrito em 1948. Portanto, trata-se aqui do século XX.

haverá um interesse universal, pois hoje até mesmo os muitos falsos Cristos e Mensageiros despertam a curiosidade universal e não podem ficar ocultos. Isto cria uma condição realmente singular na qual trabalhar, como nenhum outro Filho de Deus, salvador e transmissor de energia, jamais enfrentou.

A suscetibilidade das pessoas do mundo ao que é novo ou necessário é também singularmente diversa: a reação do homem ao bem e ao mal avançou muito e ele possui um mecanismo de resposta muito mais sensível do que tinha a humanidade em épocas remotas. Se houve uma rápida resposta ao Mensageiro quando veio antes, ela agora será muito mais generalizada e rápida, seja como rejeição ou como aceitação. Os homens são mais inquisitivos, têm mais instrução, são mais intuitivos e mais afeitos ao incomum e ao excepcional, como em nenhuma outra época da história. Sua percepção intelectual é mais apurada; seu senso de valores mais agudo; sua capacidade de discriminar e de fazer escolhas está se desenvolvendo rapidamente e penetram muito mais prontamente nas significações. Estes fatos condicionarão o reaparecimento do Cristo e tenderão a difundir mais rapidamente as notícias de Sua vinda e o teor da Sua mensagem.

Quando Ele vier, encontrará um mundo singularmente livre da esfera de ação e da forte influência do eclesiasticismo. Quando veio antes, a Palestina era mantida sob o malfazejo domínio dos líderes religiosos judeus, e os fariseus e saduceus eram para as populações daquelas terras o que os potentados da igreja são para os povos do mundo hoje. No entanto, no século passado, aconteceu um proveitoso e salutar distanciamento da igrejidade e da religião ortodoxa, o que vai representar uma oportunidade ímpar para a restauração da verdadeira religião e para a exposição de uma volta direta aos caminhos da vida espiritual. Os sacerdotes, os levitas, os fariseus e os saduceus não foram os que O reconheceram quando Ele veio antes. Eles O temiam. Hoje, é muito improvável que os eclesiásticos reacionários O reconheçam. Ele pode reaparecer de modo totalmente inesperado. Quem pode dizer se virá como político, economista, líder popular (surgido do meio do povo), cientista ou artista?

É um engano achar, como fazem alguns, que a principal direção da obra do Cristo será por meio das igrejas ou das religiões do mundo. Ele necessariamente trabalhará por meio delas quando as condições permitirem e nelas houver um núcleo vivo de verdadeira espiritualidade, ou quando o apelo invocador que demonstrarem for potente o suficiente para chegar até Ele. Ele usará todos os canais possíveis pelos quais a consciência do homem possa ser ampliada e a correta orientação ser impulsionada. Contudo, seria mais exato dizer que é como Instrutor Mundial que atuará consistentemente e que as igrejas serão apenas uma das possibilidades que empregará. Tudo que ilumine a mente dos homens, toda disseminação de ideias que tenda a viabilizar corretas relações humanas, todos os modos de adquirir verdadeiro conhecimento, todos os métodos de transmutar conhecimento em sabedoria e entendimento, tudo que expanda a consciência da humanidade e todos os estados subumanos de percepção e sensibilidade, tudo que dissipe o espelhismo e disperse a ilusão, que desintegre a cristalização e perturbe as condições estáticas, caberão nas efetivas atividades da Hierarquia que Ele supervisiona. Ele ficará limitado pela qualidade e dimensão da demanda invocadora da humanidade, a qual, por sua vez, estará condicionada pelo ponto de evolução alcançado.

Na Idade Média, e antes dela, eram as igrejas e as escolas de filosofia que proviam os principais canais para Sua atividade subjetiva, mas não será mais assim quando Ele estiver aqui, objetivamente, de forma real. Bem fariam as igrejas e organizações religiosas em lembrar deste ponto. A Sua ênfase e atenção estão se direcionando para dois novos campos de mobilização de forças: primeiro, o campo da educação em todo o mundo e, segundo, a esfera de implementação inteligente de atividades da competência do departamento governamental, em seus três aspectos: ofício de governar, ações políticas e legislação. O homem comum está despertando para a importância e a responsabilidade do governo; portanto, entende a

Hierarquia que para que o ciclo da verdadeira democracia passe a existir (como existe em essência e se manifestará oportunamente), é absolutamente necessário instruir as massas sobre a ciência de governar de modo cooperativo, sobre estabilização econômica por meio da correta partilha e sobre interação política transparente. A longa separação entre política e religião *deve* chegar ao fim, o que pode acontecer agora em razão do alto nível de inteligência que a massa dos homens alcançou e, também, pelo fato de que a ciência aproximou muito os homens, a um ponto tal que o que acontece em uma área remota da superfície da Terra em poucos minutos vira assunto de interesse geral. Este fato torna possível, de maneira absolutamente singular, a Sua atuação no futuro.

A grande necessidade hoje, na preparação para o Seu reaparecimento, é o desenvolvimento do reconhecimento espiritual; ninguém sabe em que nação Ele virá; poderá ser inglês, russo, negro, latino, turco, hindu ou de qualquer outra nacionalidade. Quem poderia dizer? Pode ser cristão, ter a crença hindu ou budista, inclusive não ter crença nenhuma; Ele não virá como restaurador de nenhuma das antigas religiões, a cristã entre elas, virá para reconstruir a fé entre os homens no Amor do Pai, na realidade da existência do Cristo e na estreita relação, subjetiva e inquebrantável, de todos os homens de todas as partes. À Sua disposição estarão todos os recursos do mundo de comunicação e relação, e isso será parte integrante da originalidade de Sua oportunidade e, para isto, também Ele deve se preparar.

Outro fator específico que vai distinguir a Sua vinda será não apenas a expectativa geral, como também o fato de que hoje se sabe muito, e muito se ensina, sobre o Reino de Deus, ou a Hierarquia Espiritual do planeta. Por todo lado, em todos os países, há milhares de pessoas interessadas na realidade dessa Hierarquia, que creem nos Mestres de Sabedoria, os discípulos do Cristo, e que não ficarão surpresas quando este grupo de Filhos de Deus, em volta do Seu grande Guia, o Cristo, aparecer sobre a Terra. As igrejas de todos os países acostumaram o público com a frase “o Reino de Deus”; os esoteristas e ocultistas de toda parte, no século passado, divulgaram a realidade da Hierarquia; os espíritas enfatizaram a continuidade da vida daqueles que passaram para o mundo oculto do ser e seus Guias também testemunharam a existência de um mundo interno, espiritual. Tudo isso cria um estado de preparação singular, que submete ao Cristo oportunidades inéditas e problemas sem precedentes.

Todas essas forças espirituais, e muitas outras, dentro e fora das religiões mundiais e dos grupos filosóficos e humanitários, estão atuando neste momento sob direção, estão estreitamente relacionadas e suas atividades estão sincronizadas de maneira muito próxima. Estão trabalhando *juntas* (mesmo que isso não seja aparente fisicamente), porque a família humana comporta indivíduos com capacidade de resposta em todas as etapas. As forças de regeneração, reconstrução, restauração e ressurreição estão fazendo sentir sua presença em todos os diversos grupos que procuram ajudar e elevar a humanidade, reconstruir o mundo, restaurar a estabilidade e o sentido de segurança e que, portanto (consciente ou inconscientemente) estão preparando o caminho para a vinda do Cristo.

Há também uma revivificação sem par dos antigos ensinamentos do Buda, os quais estão penetrando nos países ocidentais e reunindo adeptos devotados em todos os países. O Buda é o símbolo da iluminação e hoje há, em toda parte, uma ênfase excepcional no tópico da *luz*. Incontáveis milhões de indivíduos, ao longo das épocas, reconheceram o Buda como o Portador da Luz oriunda do alto. As Suas *Quatro Nobres Verdades* expuseram as causas dos sofrimentos humanos e indicaram a solução. Ele ensinou: “Deixem de se identificar com as coisas da matéria e com seus desejos; adquiram o correto senso de valores; deixem de atribuir maior importância às posses e à existência terrena; sigam o Nobre Caminho Óctuplo, que é o Caminho das corretas relações – corretas relações com Deus e corretas relações com seus semelhantes – e, assim, sejam felizes”. Os passos deste Caminho são:

Corretos Valores.	Correta Aspiração.
Correta Palavra.	Correta Conduta.
Corretos Modos de Vida.	Correto Esforço.
Correto Pensamento.	Correto Êxtase ou Felicidade.

Esta mensagem é singularmente necessária nos nossos dias, em um mundo no qual a maior parte dos passos corretos para a felicidade é ignorada de maneira consistente. O Cristo edificará a superestrutura da fraternidade entre os homens sobre os fundamentos desse ensinamento, pois corretas relações humanas são uma expressão do amor de Deus; elas constituirão a principal e a nova demonstração da divindade no homem. Hoje, em meio a este mundo devastado, caótico e infeliz, a humanidade tem uma nova oportunidade de rejeitar o modo de vida egoísta e materialista e começar a trilhar o Caminho Iluminado. No momento em que a humanidade demonstrar sua disponibilidade de assim fazer, o Cristo virá, e há neste momento todos os indicativos de que os homens estão aprendendo esta lição e dando os primeiros e vacilantes passos nesse Caminho Iluminado de corretas relações.

O momento presente é originalíssimo, no sentido de que (como nunca antes) trata-se de um ciclo, um período de conferências – da vida pública regional, nacional e internacional – e de reuniões. Formam-se clubes e elaboram-se plataformas, realizam-se conferências, congressos e comitês em toda parte, a fim de debater e estudar o bem-estar e a liberação do homem, fenômeno que é uma das indicações mais contundentes de que o Cristo está a caminho. Ele é a personificação da liberdade, é o Mensageiro da Liberação. Estimula o espírito e a consciência grupais e Sua energia espiritual é a força atrativa que une os homens para o bem comum. Seu reaparecimento trará coesão e unirá os homens e mulheres de boa vontade em todo o mundo, independente da religião e da nacionalidade. Sua vinda evocará entre os homens um mútuo e generalizado reconhecimento do bem em todos, o que é parte da singularidade de Sua vinda, para a qual já estamos nos preparando e que um exame das publicações da imprensa pode comprovar. O clamor invocador dos muitos grupos que trabalham pelo bem da humanidade (consciente ou inconscientemente) é o que produzirá a Sua vinda. São as pessoas de orientação espiritual, os governantes iluminados, os líderes religiosos e os homens e mulheres cujos corações estão cheios de boa vontade que realizam este grande ato de invocação e O evocarão, se conseguirem se manter com intenção maciça, esperança e expectativa. Este trabalho preparatório deve ser focado e implementado pelos intelectuais de todo o mundo, pelos que amam intensamente a humanidade, pelos grupos dedicados ao melhoramento humano e pelas pessoas altruístas representativas. O sucesso desta iniciativa, que o Cristo e a Hierarquia espiritual estão agora planejando, depende da capacidade da humanidade de usar a luz que já tem, de maneira a estabelecer corretas relações em suas famílias, comunidades, nações e no mundo.

Há, pois, esta diferença excepcional entre a esperada vinda do Cristo e a época em que veio antes; o mundo está repleto de grupos trabalhando pelo bem-estar dos homens. Este empenho, à luz dos éons passados da história humana, é algo relativamente novo, e para ele o Cristo deve se preparar e com essa tendência terá de trabalhar. O “ciclo de conferências”, em plena culminação, é parte da condição sem precedentes que se coloca diante do Cristo.

Antes que Ele possa vir com Seus discípulos, porém, a nossa civilização atual terá que acabar. No próximo século, começaremos a compreender o significado da palavra “ressurreição” e a nova era começará a revelar seu profundo propósito e significação. O primeiro passo será o erguimento da humanidade da morte de sua civilização, de suas antigas ideias e modos de viver, da renúncia às suas metas materialistas e censurável egoísmo, e seu direcionamento para a clara luz da ressurreição. Não são palavras simbólicas ou místicas, mas parte do marco geral que circundará o período do reaparecimento do Cristo; é um ciclo tão real

como o ciclo de conferências que agora está sendo organizado tão intensamente. Em Sua vinda anterior, o Cristo nos ensinou o verdadeiro significado da Renúncia, ou da Crucificação; desta vez Sua mensagem tratará da *vida de ressurreição*. O presente ciclo de conferências está preparando os homens em todas as partes para as relações humanas, embora hoje pareçam ser de natureza amplamente divergente; o fator importante é o interesse humano geral e o pensamento acerca de estabelecer a necessidade, os objetivos envolvidos, os meios a empregar. O período de ressurreição que o Cristo inaugurará e que constituirá Seu trabalho singular – dentro do qual todas as Suas outras atividades terão lugar – será o resultado da fermentação e da germinação que já se processam hoje no mundo dos homens, das quais as inúmeras conferências são a comprovação externa.

Foram essas diferentes condições sem precedentes que o Cristo enfrentou durante os anos de guerra, quando a necessidade da humanidade O forçou a se decidir por apressar a Sua vinda. A desditosa condição do mundo, resultado de séculos de egoísmo e da guerra mundial, a sensibilidade invulgar que os homens de toda parte estavam demonstrando (resultante do processo evolutivo), a extraordinária difusão do conhecimento sobre a Hierarquia espiritual e o desenvolvimento sem par da consciência grupal que se transparecia por todo lado por meio da pluralidade de conferências, eis o que se colocou diante do Cristo como Sua oportunidade excepcional e submeteu a Ele uma decisão que não podia evitar.

Podemos dizer, com toda reverência, que nesta “oportunidade” para o Cristo, dois fatos estavam envolvidos, ambos difíceis para a compreensão do homem. O fato da sincronização da Sua vontade com a do Pai e o fato de que tal sincronização levou a uma decisão fundamental, que devemos reconhecer. Não é fácil para o cristão comum compreender que o Cristo continua passando constantemente por experiências cada vez mais potentes e que em Sua divina experiência não há nada estático nem permanente – a não ser Seu inalterável amor pela humanidade.

Um estudo cuidadoso do relato do Evangelho, desembaraçado das interpretações religiosas, revela algumas coisas. As interpretações comuns – pudessem os homens reconhecê-las em seu verdadeiro sentido – são apenas o que algum indivíduo entendeu de uma série de palavras em aramaico, grego ou latim. O fato de que a maioria dos analistas aceitos tenha vivido há muitos séculos parece ter dado a tais palavras um valor totalmente injustificável. As palavras de um analista ou intérprete hoje aparentemente não têm valor algum, em comparação com as ditas no passado; contudo, o analista moderno provavelmente é mais inteligente e dotado de mais instrução que o antigo, além da vantagem de dispor de muitas traduções admitidas e de uma ciência exata. Sofremos, nos níveis teológicos, da ignorância do passado; é algo arbitrário que um analista do passado tenha mais mérito do que o moderno, mais instruído e inteligente. Se o *Novo Testamento* é verdadeiro na apresentação que faz do Cristo, se é fiel ao repetir Suas palavras, de que podemos fazer “coisas maiores” do que Ele fez; e se o que nos disse “Sede, pois, perfeitos, como vosso Pai Celestial é perfeito” é verdade, o que há de errado em reconhecer a capacidade de um ser humano de estar em sintonia com a mente do Cristo e saber o que Ele pretende que saibamos? O Cristo disse que “se um homem fizer a vontade de Deus, saberá”; foi assim que o Próprio Cristo aprendeu e, nos assegura Ele, é esse o modo que dará certo para todos nós.

Foi o despontar deste significado da vontade de Deus na consciência do Cristo que O levou a determinadas grandes decisões, obrigando-O a exclamar: “Pai, faça-se a Tua Vontade e não a minha”. Estas palavras incontestavelmente indicam conflito e não a sincronização de duas vontades; indicam a determinação, por parte do Cristo, de não haver oposição entre a Sua vontade e a de Deus. Subitamente, recebeu uma visão da intenção divina em via de desenvolvimento para a humanidade e – por meio da humanidade – para todo o planeta. Na etapa específica de desenvolvimento espiritual que o Cristo havia atingido naquela

oportunidade e que fez d'Ele o Guia da Hierarquia espiritual, Aquele que pôs em movimento a exteriorização do Reino de Deus e que O estabeleceu como Mestre dos Mestres e Instrutor de anjos e homens, Sua consciência estava plenamente unificada com o Plano divino. Sua aplicação na Terra e sua meta de estabelecer o Reino de Deus e o aparecimento do quinto reino da natureza eram simplesmente para Ele o cumprimento da lei, para o qual toda a Sua vida tinha sido orientada, como de fato foi.

O Plano, seu objetivo, suas técnicas e leis, sua energia (a do amor), e a estreita e crescente relação entre a Hierarquia espiritual e a humanidade, tudo isso Ele conhecia e compreendia plenamente. No ponto mais elevado da consumação desse conhecimento, e no momento de Sua entrega total ao necessário sacrifício de Sua vida para o cumprimento deste Plano, sobreveio, subitamente, uma grande expansão de consciência. O significado, a intenção, o propósito de tudo isso, assim como a abrangente Ideia divina (tal como existia na mente do Pai) ficaram claros em Sua alma – não em Sua mente, porque a revelação era muito maior. Ele viu ainda mais do significado da divindade do que jamais parecera possível; o mundo dos significados e o mundo dos fenômenos se desvaneceram e – falando em termos esotéricos – o todo Ele perdeu. Naquelas circunstâncias, nada lhe restou, nem a energia da mente criadora nem a energia do amor. De tudo foi despojado, tudo que tornava a vida suportável e repleta de significado. Um novo tipo de energia foi disponibilizado – a energia da própria vida, *imbuída de propósito e impulsionada pela intenção*. Mas era algo novo e desconhecido e, até então, não reconhecido. Pela primeira vez ficou claro para Ele a relação entre a vontade, que até então se expressara em Sua vida por meio do amor, com o trabalho criador, o de inaugurar a nova dispensação. Nesta altura, passou pelo Getsêmani da renúncia. A Ele foi revelado o maior, mais abundante e mais inclusivo e tudo que lhe parecera tão vital e importante perdeu a visibilidade, dentro da visão maior.

Foi este entendimento vivo de Ser e de identificação com a intenção divina do próprio Deus, o Pai, o Senhor do Mundo, nos níveis de percepção consciente do qual nada sabemos (ainda) que constituiu a sensibilização em expansão do Cristo no Caminho da Evolução Superior. Ele hoje está trilhando esse Caminho, tendo começado a trilhá-lo na Palestina, há dois mil anos. Ele *soube*, em um sentido que até então desconhecia, qual era o desígnio de Deus e a intenção do destino humano, assim como o papel que deveria exercer no cumprimento desse destino. Pouca atenção demos, em séculos de pensamento humano, à reação do Cristo ao Seu próprio destino, no sentido do efeito que exercia sobre o humano. Pouca atenção demos ao aspecto da Sua reação ao conhecimento, quando se expôs para Ele. Nossa reação ao Seu trabalho e sacrifício foi egoísta e interesseira.

A palavra “*saber*” (em relação à consciência iniciática do Cristo e mesmo de iniciados menores) diz respeito à certeza do conhecimento que o iniciado obtém por meio da experimentação, da experiência e da expressão. A primeira leve vibração da reação ao “destino” monádico e à predominante influência universal que um Filho de Deus pode exercer se fizeram sentir na consciência do Cristo – tal como ocorrerá na consciência de todos aqueles que obedecem aos Seus preceitos e atingem a perfeição que Ele mostrou ser possível. A qualidade ou aspecto divino mais elevado se faz sentir agora na vida do Filho de Deus, que avança; Ele sabe qual é o significado da inteligência, compreende o alcance do amor e de sua qualidade atrativa. Agora – em razão desses dois reconhecimentos – Ele se torna consciente da potência da vontade e da realidade da intenção divina, a qual esta vontade deve implementar (a qualquer custo). Foi esta a maior crise do Cristo.

No relato do Evangelho (como testemunho deste desenvolvimento que avança divinamente), há quatro momentos em que esse entendimento monádico ou universal se evidenciou. Examinemos, brevemente, cada um deles:

1. Primeiramente, há a afirmação a Seus pais, no Templo: “Não sabeis que devo me ocupar dos assuntos do meu Pai?”. Observemos que Ele tinha então doze anos de idade e que o trabalho do qual se ocupara (como alma) estava concluído: doze é o número do trabalho consumado, como testificam os doze trabalhos de Hércules, outro Filho de Deus. O simbolismo de Seus doze anos substituiu-se agora pelo dos doze apóstolos, símbolo de serviço e sacrifício. E Ele também estava no Templo de Salomão, que é o símbolo da vida perfeita da alma, tal como o Tabernáculo no deserto é o símbolo da vida imperfeita e efêmera da personalidade transitória. O Cristo, portanto, estava falando dos níveis da alma e não apenas como homem espiritual na Terra. Também estava servindo, quando pronunciou essas palavras, como Membro ativo da Hierarquia Espiritual, pois Seus pais O encontraram ensinando aos sacerdotes, aos fariseus e saduceus. Todos esses pontos indicam que Ele reconhecia Seu trabalho como Instrutor Mundial, conscientizando-se, pela primeira vez em Seu cérebro físico, da divina intenção, da divina vontade.

2. Em seguida vem a Sua declaração aos discípulos: “Devo subir para Jerusalém”, após a qual vemos que Ele “resolutamente, firmou o rosto para ir” para aquela cidade. Assim os notificou de que agora tinha um novo objetivo. O único lugar de completa “paz” (que é o significado do nome “Jerusalém”) e “o centro onde a vontade de Deus é conhecida”. A Hierarquia espiritual do nosso planeta (a Igreja invisível do Cristo) não é um centro de paz, mas um vórtice de atividade amorosa, o ponto de convergência de energias oriundas do centro da vontade divina e da humanidade, o centro da inteligência divina. O Cristo havia se orientado para esse centro divino que, nos antigos Textos Sagrados é chamado de “o lugar de serena determinação e de vontade estável e imperturbável”. Esta afirmação assinalou um ponto crucial e de determinação na vida do Cristo, e demonstrou Seu progresso para a plenitude divina.

3. Posteriormente, no Horto de Getsêmani, exclamou: “Pai, faça-se a Tua Vontade e não a minha”, indicando assim Sua tomada de consciência do destino divino. O significado destas palavras não é (como tanto afirmaram os teólogos cristãos) uma declaração de aceitação da dor e de um futuro abominável e de morte. Tratava-se de uma exclamação, certamente evocada por Sua verdadeira conscientização das implicações universais de Sua missão, e pelo intenso enfoque de Sua vida em um sentido universal. A experiência do Getsêmani foi uma experiência só possível aos Filhos de Deus que alcançaram o Seu excepcional ponto de evolução; não tinha nenhuma relação de fato com o episódio da Crucificação, como enfatizam os analistas religiosos.

4. As últimas palavras do Cristo aos Seus apóstolos foram: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até o fim dos séculos” ou ciclo. (Mt 28:20). A palavra importante é “fim”. A palavra usada é grega, “sun-teleia” que significa o fim de um período de tempo, havendo outro que o segue imediatamente (o que se poderia chamar de fim de um ciclo). Em grego, para fim definitivo há outra palavra: “telos”. Em Mateus 24:6, “mas ainda não é o fim” é usada a outra palavra, telos, pois significa “o fim do primeiro período ainda não foi atingido”. Nesse caso Ele estava falando como Guia da Hierarquia Espiritual e expressando Sua vontade divina (agora unificada com a vontade de Deus) para animar e impregnar continuamente o mundo dos homens com Sua consciência sobrepairante. Notável afirmação foi essa, proferida com a energia de Sua vontade desenvolvida, Seu amor inclusivo e Sua mente inteligente. Esta afirmação tornou todas as coisas possíveis.

Foi também ao poder magnético da vontade que o Cristo se referiu quando disse: “Eu, se for elevado, atrairei todos os homens para mim”. Não foi uma referência à crucificação, mas à vontade magnética do Cristo de atrair todos os homens, por meio da vida do Cristo interno em todo coração, do mundo de valores materiais para o mundo dos reconhecimentos espirituais. Não tinha relação com a morte, mas com a vida; não fazia referência à Cruz, mas à ressurreição. No passado, o princípio dominante da religião cristã era a morte, para nós

simbolizada pela morte do Cristo e muito distorcida por São Paulo, em seu empenho de combinar a nova religião que o Cristo trouxera com a antiga religião de sangue dos judeus. No ciclo que o Cristo inaugurarão depois do Seu reaparecimento, a meta de todo ensinamento religioso no mundo estará na ressurreição do espírito na humanidade; a ênfase será a existência viva da natureza crística em todo ser humano e o uso da vontade para viabilizar esta transfiguração viva da natureza inferior. A prova disso será o Cristo ressuscitado. Este “Caminho da Ressurreição” é o Caminho radiante, o Caminho iluminado que conduz o homem de uma grande expressão da divindade para outra, é o caminho que expressa a luz da inteligência, a substância radiante do verdadeiro amor e a vontade inflexível que não permite derrota nem retrocesso. São estas as características que serão indicativas do Reino de Deus.

A humanidade se encontra hoje em um ponto médio, único e inédito, entre um passado desditoso e um futuro cheio de promessas, desde que o reaparecimento do Cristo seja reconhecido e empreendida a preparação para a Sua vinda. O presente está cheio de promessas, como também cheio de dificuldades; nas mãos dos seres humanos, hoje e no presente imediato, está o destino do mundo e – dizendo da maneira mais reverente – a atividade imediata do Cristo. A agonia da guerra e o sofrimento de toda a família humana levaram o Cristo, em 1945, a tomar uma grande decisão – decisão esta que foi expressa em duas importantes declarações. Ele anunciou à Hierarquia espiritual reunida e a todos os Seus servidores e discípulos na Terra que havia decidido se exteriorizar novamente e estabelecer contato físico com a humanidade, desde que ela impulsionasse as etapas iniciais do estabelecimento de corretas relações humanas; em segundo lugar, deu ao mundo (para o uso do cidadão comum) uma das preces mais antigas conhecidas, mas que até então somente os Seres espirituais mais elevados tinham permissão de usar. Ele próprio a entoou, pela primeira vez, como nos é dito, por ocasião da Lua Cheia de junho de 1945, conhecida como a Lua Cheia do Cristo, tal como a Lua Cheia de maio é a do Buda. Não foi fácil traduzir estas antigas frases para palavras modernas (tão antigas que não têm data nem contexto de nenhum tipo); no entanto, foi feito, e a Grande Invocação, que oportunamente vai se tornar a prece mundial, foi entoada por Ele e transcrita por Seus discípulos. A tradução é a seguinte:

Desde o ponto de Luz na Mente de Deus,
Que aflua luz às mentes dos homens;
Que a Luz desça à Terra.

Desde o ponto de Amor no Coração de Deus,
Que aflua amor aos corações dos homens;
Que o Cristo retorne à Terra.

Desde o centro onde a Vontade de Deus é conhecida,
Que o propósito guie as pequenas vontades dos homens,
O propósito que os Mestres conhecem e servem.

Desde o centro a que chamamos raça dos homens,
Que se cumpra o Plano de Amor e Luz
E que se sele a porta onde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder restabeleçam o Plano na Terra.

Sua potência extraordinária pode ser constatada pelo fato de que centenas de milhares de pessoas já a estão usando diariamente e várias vezes por dia; está traduzida (1947) para dezoito idiomas⁴ e é usada por pessoas em todas essas línguas; nas selvas da África, grupos de nativos a estão empregando e podemos vê-la nas mesas de grandes executivos das nossas

⁴ Hoje está traduzida para mais de 80 idiomas e dialetos.

principais cidades; é entoada pelo rádio na Europa e na América e não há país nem ilha onde seu uso seja desconhecido. Tudo isto se processou no espaço de dezoito meses.

Esta nova Invocação, se tiver uma extensa distribuição, poderá ser para a nova religião mundial o que o Pai Nosso foi para a cristandade e o Salmo 23 foi para o judeu de orientação espiritual. Há três abordagens a esta grande Prece ou Invocação:

1. a do público em geral;
2. a dos esoteristas, ou dos aspirantes e discípulos do mundo;
3. a dos Membros da Hierarquia.

Primeiro, o público em geral a considerará como uma prece a Deus Transcendente. Ainda não O reconhece como Imanente em Sua criação; as pessoas vão emití-la nas asas da esperança – esperança de luz, amor e paz, pela qual anseiam incessantemente. Também a considerarão como prece por iluminação de todos os dirigentes e líderes de todos os grupos que tratam dos assuntos mundiais; como prece pela afluência de amor e compreensão entre os homens, para que possam viver em paz uns com os outros; como clamor pelo cumprimento da vontade de Deus – uma vontade da qual nada sabem e que lhes parece tão impenetrável e inclusiva que a sua reação normal é paciência e propensão a não questionar; como prece pelo fortalecimento da responsabilidade humana, de maneira que os males atuais – que tanto afligem e perturbam a humanidade – possam ser abolidos e alguma vaga fonte do mal ser reprimida. E a considerarão, afinal, como uma oração para que determinada condição primeva de jubilosa felicidade, igualmente vaga, seja restaurada e toda desventura e dor desapareçam da Terra. Para essas pessoas, isso é inteiramente bom e útil e tudo que é possível de imediato.

Segundo, os esoteristas, aspirantes e pessoas de orientação espiritual terão uma abordagem mais profunda e abrangente. A eles transmitirá o reconhecimento do mundo das causas e d'Aqueles que estão subjetivamente por trás dos assuntos mundiais, os Dirigentes espirituais da nossa vida. Eles estão prontos para fortalecer aqueles que têm uma verdadeira visão, prontos para indicar não apenas a razão dos acontecimentos havidos nos diversos setores da vida humana, como também de fazer as revelações que habilitarão a humanidade a avançar das trevas para a luz. Com esta atitude fundamental, a necessidade de uma expressão abundante destes fatos subjacentes ficará evidente e se processará uma era de disseminação de ideias espirituais, planejada pelos discípulos e implementada pelos esoteristas. Esta era teve início em 1875, quando foi proclamada a realidade da existência dos Mestres de Sabedoria. Ela seguiu seu curso, apesar de toda distorção, ataques ao conceito e desprezo. Muito útil vem sendo o reconhecimento da natureza substancial das evidências acessíveis e o surgimento de uma resposta intuitiva dos estudantes ocultistas e de muitos intelectuais de todo o mundo.

Um novo tipo de místico começa a ser reconhecido; ele difere dos místicos do passado em razão do seu interesse prático pelos assuntos mundiais e não somente pelas questões da igreja e de cunho religioso; ele se caracteriza pela falta de interesse no próprio desenvolvimento pessoal, pela capacidade de ver Deus Imanente em todas as crenças, e não apenas em seu próprio rótulo de fé religiosa, e também pela capacidade de viver a sua vida na luz da divina Presença. Assim agem todos os místicos, em maior ou menor grau, porém o místico moderno difere em relação ao do passado, no sentido de que é capaz de indicar claramente aos demais as técnicas do Caminho; ele combina mente e coração, inteligência e sentimento, além de uma percepção intuitiva, que não havia até então. A clara luz da Hierarquia Espiritual ilumina agora o caminho do místico moderno e não somente a luz de sua própria alma; essa condição ocorrerá cada vez mais.

Terceiro, ambos os grupos – o público em geral e os aspirantes do mundo, em seus diversos graus – têm entre eles aqueles que sobressaem da média pelo fato de possuírem percepção interna e entendimento muito mais profundos; eles ocupam a terra de ninguém, o ponto intermediário entre as massas e os esoteristas, de um lado e, de outro, entre os esoteristas e os Membros da Hierarquia, os quais, não se esqueçam, também empregam a Grande Invocação, e *não há um dia sequer em que o próprio Cristo não a entoe*.

Para o observador externo, a beleza e a força dessa invocação residem em sua simplicidade e na expressão de certas verdades essenciais que todos os homens aceitam inata e normalmente: a verdade da existência de uma Inteligência básica, à qual damos o nome de Deus; a verdade de que, por trás das aparências externas, o Amor é o poder motivador do Universo; a verdade de que veio à Terra uma grande Individualidade, chamada Cristo pelos cristãos, que encarnou esse Amor para que pudéssemos compreendê-lo; a verdade de que o Amor e a Inteligência são consequências da Vontade de Deus e, por fim, a verdade inconteste de que o Plano Divino só pode se desenvolver através da própria humanidade.

Este Plano convoca o gênero humano à expressão do Amor e incita os homens para que “deixem brilhar sua luz”. Em seguida, temos a solene e final súplica para que este Plano de Amor e Luz, florescendo através da humanidade, possa “selar a porta onde mora o mal”. A linha final contém então a ideia de restauração, indica o princípio predominante para o futuro e que o dia virá quando a ideia original de Deus e Sua intenção inicial deixarem de ser frustradas pelo livre-arbítrio e a malignidade do homem – puro materialismo e egoísmo; então o propósito divino advirá, por meio dos corações e metas transformados da humanidade.

É este o significado evidente e simples, e ele está associado com a aspiração espiritual de todos os homens.

O uso desta Invocação ou Prece e a crescente expectativa pela vinda do Cristo sustentam a maior esperança para a humanidade de hoje. Caso contrário, a oração não teria utilidade, seria apenas uma alucinação e os Textos Sagrados do mundo, com suas profecias comprovadas, seriam inúteis e utópicos. O testemunho das eras prova o contrário. A Prece é sempre atendida, como sempre foi; eminentes Filhos de Deus sempre vieram em resposta ao clamor da humanidade e sempre virão e Aquele que todos os homens esperam hoje está a caminho.

Capítulo III

O REAPARECIMENTO DO CRISTO

A Expectativa Mundial

Deus Transcendente, maior, mais vasto e mais inclusivo do que o mundo que criou, é reconhecido universalmente e, de maneira geral, enfatizado; todas as crenças religiosas afirmam, com Shri Krishna (ao falar como Deus, o Criador) que, “tendo compenetrado todo o universo com um fragmento de Mim Mesmo, Eu permaneço”. Este Deus Transcendente dominou o pensamento religioso de milhões de pessoas simples e de orientação espiritual ao longo dos séculos que transcorreram desde que a humanidade começou a avançar para a divindade.

Lentamente, vai surgindo na consciência desperta da humanidade, a grande verdade paralela do Deus Imanente – que “interpenetra” divinamente todas as formas, condicionando de dentro todos os reinos da natureza, expressando a divindade inata por meio dos seres

humanos e – dois mil anos atrás – representando a natureza dessa divina Imanência na Pessoa do Cristo. Hoje, como resultado desta divina Presença que se revela, está penetrando na mente dos homens, em todo lugar, um novo conceito: o do “Cristo em nós, esperança de glória” (Cl 1:27). Há uma crença que vai crescendo e se desenvolvendo, segundo a qual o Cristo está em nós, como estava no Mestre Jesus, e essa crença alterará os assuntos do mundo e toda a atitude do gênero humano em relação à vida.

O prodígio daquela vida, vivida há dois mil anos, ainda está conosco e nada perdeu de sua singularidade; é eternamente uma inspiração, uma esperança, um alento e um exemplo. O amor que Ele demonstrou ainda mantém o mundo de pensamentos nesta pista, embora relativamente poucos tenham, de fato, procurado demonstrar a mesma qualidade de amor que Ele – um amor que infalivelmente leva ao serviço mundial, ao autoesquecimento e a uma vida irradiante, magnética. As palavras que Ele pronunciou foram poucas e simples, e todos os homens as compreendem, embora o significado tenha se perdido em grande parte nas complexas legitimidades e discussões de São Paulo e nas prolixas disputas dos analistas teológicos, desde que o Cristo viveu e nos deixou – ou nos deixou aparentemente.

Ainda assim, o Cristo hoje está mais próximo da humanidade do que em qualquer outro momento da história humana; está mais perto do que saberia o discípulo que mais aspira e mais tem esperança, e pode estar ainda mais perto, se o que está escrito aqui for compreendido e levado à atenção dos homens de todas as partes. Isso porque o Cristo pertence à humanidade, ao mundo dos homens, e não somente à igreja e aos credos religiosos que há pelo mundo.

Em volta Dele – nas Altas Esferas da Terra onde tem morada – estão reunidos hoje Seus grandes Discípulos, os Mestres de Sabedoria, e todos os Filhos de Deus liberados, Aqueles que, ao longo das eras, passaram das trevas para a Luz, do irreal para o Real e da morte para a Imortalidade. Estão prontos para realizar Suas ordens e obedecer a Ele, o Mestre dos Mestres e Instrutor de Anjos e homens. Os Exponentes e Representantes de todos os credos do mundo que estão sob a Sua guia esperam o momento de revelar, àqueles que lutam no turbilhão dos assuntos mundiais e que procuram resolver a crise mundial, que eles não estão sós. Deus transcendente está atuando por meio do Cristo e da Hierarquia Espiritual para trazer alívio; Deus Imanente em todos os homens está à beira de reconhecimentos estupendos.

A grande Sucessão Apostólica dos Conhecedores de Deus está hoje pronta para uma atividade renovada – uma sucessão d’Aqueles que viveram na Terra, aceitaram o fato do Deus Transcendente, descobriram a realidade do Deus Imanente, expressaram em Suas próprias vidas as características divinas da vida do Cristo e (como viveram na Terra como Ele viveu e vive), “penetraram por nós por trás do véu, deixando-nos um exemplo de que também nós devemos seguir os passos do Cristo” e os d’Eles. Oportunamente, também nós pertenceremos a essa grande sucessão.

O próprio Buda permanece por trás do Cristo, em humilde reconhecimento da tarefa divina que Ele está por consumir, e em razão da proximidade dessa realização espiritual. Não apenas todos que atuam conscientemente no Reino de Deus estão conscientes dos Seus Planos, como também os grandes Seres espirituais que vivem e moram na “Casa do Pai”, no “centro onde a vontade de Deus é conhecida”, estão também mobilizados e organizados para auxiliá-lo em Seu trabalho. A linha espiritual da sucessão, desde o trono do Ancião dos Dias até o discípulo mais humilde (reunido com outros aos pés do Cristo) está hoje enfocada na tarefa de ajudar a humanidade.

O grande momento pelo qual Ele espera tão pacientemente está quase chegando; despontou o “fim dos tempos”, ao qual Ele fez referência quando falava para Seu pequeno grupo de

discípulos: “Eis que estou convosco todos os dias até o final dos tempos”). Ele hoje permanece e espera, sabendo que chegou a hora em que “verá o trabalho de Sua alma e ficará satisfeito”. (Is 53:11).

Em toda a sucessão espiritual dos Filhos de Deus, nada há para ver e sentir a não ser expectativa e preparação: “A Hierarquia espera”. Fez tudo que era possível pela oportunidade presente. O Cristo permanece em paciente silêncio, atento ao empenho que materializará Sua obra na Terra e O habilitará a consumir a iniciativa que estabeleceu há dois mil anos na Palestina. O Buda paira sobre o planeta, pronto para desempenhar o Seu papel, desde que a humanidade Lhe ofereça essa oportunidade. Tudo agora depende da correta ação dos homens de boa vontade.

Da Casa do Pai (“o centro onde a vontade de Deus é conhecida”, Shamballa para os esoteristas) emanou a ordem: Chegou a hora. Do Reino de Deus, onde reina o Cristo, foi lançada a resposta: “Pai, seja feita a Tua vontade”. No nosso mundo, aturdido, infeliz e em luta, eleva-se um incessante clamor: “Que o Cristo retorne à Terra”. Para os três grandes centros espirituais: a Casa do Pai, o Reino de Deus e a Humanidade desperta há um único propósito, uma única ideia e uma esperança comum.

É fundamental que haja em nossos dias maior alcance do conhecimento sobre o “centro onde a vontade de Deus é conhecida”. É necessário que o público tenha algum entendimento do centro espiritual mais elevado, ao qual – se cremos no relato do Evangelho – o próprio Cristo esteve sempre atento. Lemos com frequência no *Novo Testamento* que “o Pai Lhe falou” ou que “Ele ouviu uma Voz”, inaudível para outros, ou que foram ouvidas as palavras: “Este é Meu Filho Amado”. Lemos, muitas vezes, que a Ele foi conferido o selo da confirmação (conforme a denominação espiritual). Somente o Pai, o Logos Planetário, “Aquele em quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” (At 17:28), o Senhor do Mundo, o Ancião dos Dias (Dn 7:9) pode proferir esta palavra final de confirmação. Como bem sabemos, o Mestre Jesus passou por cinco crises ou iniciações – o Nascimento em Belém, o Batismo, a Transfiguração, a Crucificação e a Ressurreição – contudo, por trás deste ensinamento evidente e prático, há uma corrente subjacente, um pensamento sobre algo muito maior e de mais importância – a Voz de confirmação do Pai, credenciando aquilo que o Cristo fez.

Quando o Cristo concluir, ao longo dos próximos dois mil anos, a obra que inaugurou há dois mil anos, certamente essa Voz confirmatória será ouvida outra vez e Lhe será deferido o reconhecimento divino de Seu advento. Então o Cristo tomará aquela egrégia iniciação da qual nada sabemos, a não ser que dois aspectos divinos vão se combinar e fundir em n’Ele (amor-sabedoria em plena manifestação, motivado pela vontade ou poder divino). O Buda e o Cristo passarão diante do Pai, o Senhor do Mundo e, juntos, verão a glória do Senhor e, oportunamente, passarão para um serviço mais elevado, de natureza e qualidade desconhecidas para nós.

Não escrevo aqui com espírito fanático ou sectário; não estou falando como um teólogo especulativo nem como expoente de uma fase do pensamento religioso fantasioso. Falo porque muitos sabem que o momento está maduro e que o apelo de corações simples e devotos alcançou as esferas espirituais mais elevadas e colocou em movimento energias e forças que não podem mais ser detidas. O clamor invocador da humanidade aflita atingiu hoje tal extensão sonora que – junto à sabedoria e ao conhecimento da Hierarquia espiritual – alavancou certas atividades na Casa do Pai, as quais resultarão na glória de Deus, na transformação da divina vontade-para-o-bem em boa vontade humana e na resultante paz na Terra.

Um novo capítulo no grande livro da vida espiritual está a ponto de ser escrito; uma nova expansão de consciência é um acontecimento iminente; um novo reconhecimento da atenção divina agora é possível para a humanidade e a expressiva expectativa comprovará a exatidão do enunciado bíblico de que “todo olho O verá” (Ap 1:7). A vida religiosa, a história espiritual da humanidade resume-se para nós em uma série de reconhecimentos – o reconhecimento Daqueles Que, ao longo das eras, integraram a Sucessão Apostólica, cuja culminação para nós foi o aparecimento dos grandes líderes religiosos que vieram a partir de 700 a.C. e fundaram os grandes credos modernos e – acima de tudo – do próprio Cristo, que personificou a perfeição de Deus Imanente, além do claro entendimento de Deus Transcendente; o reconhecimento dos grandes conceitos espirituais de amor, vida e relação, que sempre pairaram no background do pensamento humano e que agora estão próximos de uma correta expressão; o reconhecimento da verdadeira fraternidade entre os homens, *baseada na divina Vida Una, que atua através da alma una e se expressa através da humanidade una*; reconhecimento, portanto, da relação tanto da vida divina por todo o mundo como com a própria humanidade. É essa atitude espiritual, ora em desenvolvimento, que redundará em corretas relações humanas e, oportunamente, na paz mundial.

Em nossos dias, outro reconhecimento está se tornando possível. Trata-se do reconhecimento, em todo lugar, do iminente retorno do Cristo (como se essa frase fosse válida para Aquele que nunca nos deixou) e das novas oportunidades espirituais que tal evento propiciará.

O fundamento desse reconhecimento se encontra na convicção profundamente enraizada e inata na consciência humana de que algum grande Instrutor, algum Salvador, Revelador, Legislador ou Representante divino deve vir do mundo das realidades espirituais, em razão da necessidade humana e da invocação dos homens. No correr dos séculos, na hora de maior necessidade do homem e em resposta à sua demanda expressa, veio um divino Filho de Deus, sob muitos nomes diferentes. Em seguida veio o Cristo e, aparentemente, nos deixou, com Sua obra inacabada e Sua visão para a humanidade ainda por se consumir. Durante dois mil anos pareceu que toda Sua obra estivesse bloqueada, frustrada e fosse infrutífera, pois a propagação das igrejas ao longo dos séculos não é garantia do sucesso espiritual ao qual Ele visava. Era preciso mais do que interpretações teológicas e crescimento numérico das religiões do mundo (entre as quais o cristianismo e o budismo) para comprovar que Sua missão fora cumprida com êxito. Tudo parecia impossível e que necessitava de três condições com as quais procurar testar a Sua obra; hoje essas três condições são fatos comprovados. Primeiro, como já vimos, a situação planetária geral que, infelizmente (devido ao egoísmo do homem) mostrou ser de natureza tão catastrófica que a humanidade se viu forçada a reconhecer a causa e a origem do desastre; segundo, um despertar espiritual que seria impulsionado a partir das profundezas mais recônditas da consciência do homem e tal é o caso hoje, em consequência da Guerra Mundial (1914-1945); terceiro, o clamor invocativo, oração ou súplica que continua aumentando e se dirige para as elevadas fontes espirituais, independente do nome aplicado a essas fontes.

Hoje, essas três condições foram cumpridas e a humanidade está diante de uma nova oportunidade. O desastre que oprimiu a humanidade é de caráter universal e bem disseminado; ninguém escapou e todos estão envolvidos, de uma maneira ou de outra – seja física, econômica ou socialmente. O despertar espiritual dos homens de todas as partes (professem ou não os credos do mundo, mas sobretudo entre os não crentes) é geral e cabal e, de todo lado, podemos ver um retorno para Deus. Finalmente, estas duas causas despertaram – como nunca antes – o clamor invocativo da humanidade, agora mais cristalino, puro e altruísta do que nunca antes na história humana, porque se baseia em pensamento mais claro e na aflição comum. A verdadeira religião está emergindo uma vez mais nos corações dos homens de todas as nações; este reconhecimento, de esperança e background

divinos talvez possa levar as pessoas de volta à igreja e aos credos do mundo, mas, certamente, as levará de volta para Deus.

Religião, sem dúvida, é a denominação que damos ao apelo invocador da humanidade e que gera uma resposta evocadora do Espírito de Deus, Espírito que atua em todos os corações humanos e em todos os grupos. Atua também por meio da Hierarquia Espiritual do planeta e impele o Guia da Hierarquia, o Cristo, a agir, e a ação que Ele está tomando resultará em Seu retorno com Seus discípulos. A ideia do retorno do Cristo é muito conhecida e o conceito do Filho de Deus retornando em resposta às necessidades humanas se encontra nos ensinamentos da maioria dos credos mundiais.

Desde que Ele, aparentemente, partiu para a esfera em que os crentes imaginam que Ele reside, pequenos grupos deles baseiam-se na crença de que Ele retornará em tal e tal data, e suas profecias e expectativas se mostraram sempre falsas. Ele não veio. Essas pessoas foram menosprezadas pelo povo e censuradas pelos intelectuais. Seus olhos jamais o viram e não houve nenhuma indicação tangível de Sua presença. Hoje, milhares de pessoas sabem que Ele virá e que os planos para Sua vinda já estão definidos, mas eles *não determinam data nem hora*. Apenas dois ou três sabem qual será o momento, mas “na hora em que menos esperarem, Ele virá” (Mt 24:44).

Uma verdade que o pensador ortodoxo de qualquer crença tem dificuldades de aceitar é a de que *o Cristo não pode retornar porque sempre esteve na Terra*, zelando pelo destino espiritual da humanidade; Ele nunca nos abandonou e sim, em corpo físico e incógnito (embora não oculto), guiou os assuntos da Hierarquia Espiritual, de Seus discípulos e colaboradores, os quais, de maneira unida, estão comprometidos com Ele no serviço à Terra. Ele só pode reaparecer. É uma verdade espiritual que aqueles que passaram da tumba para a plenitude da vida de ressurreição podem ser visíveis e, ao mesmo tempo, esquivar-se da visão do crente. Ver e reconhecer são duas coisas muito diferentes, e um dos grandes reconhecimentos da humanidade, em um futuro próximo, é o de que Ele sempre esteve entre nós, compartilhando conosco da conveniência familiar e das características da nossa civilização e seus inúmeros dons para o homem.

Os primeiros sinais de que Ele e seus discípulos estão se aproximando já podem ser percebidos por todos que observam e interpretam corretamente os sinais dos tempos, entre eles (os sinais), a união espiritual dos que amam seus semelhantes. Na realidade, trata-se da organização do exército físico, externo, do Senhor – exército sem outra arma que o amor, a correta palavra e as corretas relações humanas. Esta organização desconhecida vem ocorrendo com extraordinária rapidez durante o pós-guerra, pois a humanidade está cansada de ódios e controvérsias.

O grupo de trabalhadores do Cristo já está ativo sob a forma do Novo Grupo de Servidores do Mundo; é ele o grupo mais potente de precursores que já precedeu um grande Personagem mundial em Sua entrada no cenário da vida da humanidade. Seu trabalho e influência já são vistos e percebidos em todas as partes e nada pode destruir o que já realizou. O efeito espiritual e organizador da invocação expressa e verbalizada é experimentado desde 1935, e a energia do clamor invocador da humanidade é direcionada para os canais que vão da Terra até o Altíssimo lugar onde mora o Cristo. Dali vem sendo transmitida a esferas ainda mais elevadas, onde a atenção do Senhor do Mundo, o Ancião dos Dias, o Pai de todos nós, além das Energias Criadoras e Seres Vivos que ali moram com Ele pode ser enfocada na humanidade, e dar os passos que incorporarão mais rapidamente os Propósitos de Deus.

Pela primeira vez na história da humanidade, o clamor dos povos da Terra é tão potente e tão harmonizado com a diretriz divina, em tempo e espaço, que o fim é certo, inevitável; o

esperado Representante espiritual deve se revelar; desta vez, porém, não virá só, mas será acompanhado por Aqueles Cujas vidas e palavras serão reconhecidas por todos os setores do pensamento humano. As profecias simbólicas contidas em todos os Textos Sagrados do mundo e relacionadas a este evento iminente provarão sua veracidade, contudo, seu simbolismo suscitará reinterpretações; as circunstâncias e as ocorrências não serão exatamente como parecem indicar as Escrituras. Por exemplo, se Ele viria mesmo nas “nuvens do céu” (Mt 26:64), como dizem as Escrituras cristãs. Mas, que grande interesse suscita isso, quando milhões de pessoas vão e vêm pelas nuvens todas as horas do dia e da noite? Menciono isto como uma das principais profecias e uma das mais conhecidas; no entanto, ela tem pouco significado na nossa civilização moderna. O fato importante é que Ele virá.

O Festival de Wesak é celebrado há séculos no bem conhecido vale nos Himalaias (pudessem os fiéis crer!), para fins de:

1. Assegurar o fato da existência física do Cristo entre nós desde Sua suposta partida;
2. Provar (no plano físico), a interação real dos enfoques orientais e ocidentais relativos a Deus. Estão presentes tanto o Cristo como o Buda.
3. Estipular um ponto de encontro para Aqueles que, anualmente – em síntese e de maneira simbólica – se conectam e representam a Casa do Pai, o Reino de Deus e a Humanidade.
4. Demonstrar a natureza do trabalho do Cristo como o grande e eleito Intermediário, que permanece como Representante da Hierarquia Espiritual e Guia do Novo Grupo de Servidores do Mundo. Em Sua Pessoa, Ele expressa o pedido de reconhecimento da existência factual do Reino de Deus aqui e agora.

Talvez uma das principais mensagens para todos nós que lemos estas palavras seja a grande verdade e realidade da Presença física na Terra, neste momento, do Cristo, de Seu grupo de discípulos e executivos, de Suas atividades representativas para o bem da humanidade, e da estreita relação entre eles. Esta relação sobressai em certos grandes festivais espirituais, nos quais a relação demonstrada inclui não somente o Reino de Deus, como também o Pai e a Casa do Pai. Há o Festival de Páscoa, o Festival do Buda, O qual, em presença física, expressa a solidariedade espiritual do nosso planeta, e o Festival de Junho, denominado, singularmente, de Festival do Cristo, quando Ele – como Guia do Novo Grupo de Servidores do Mundo – pronuncia a nova Invocação em nome de todos os homens de boa vontade de todas as nações; ao mesmo tempo, recolhe as demandas singelas e não expressas das massas, que buscam uma nova e melhor maneira de viver. Querem amor na vida diária, corretas relações humanas e entendimento do Plano subjacente.

São estes acontecimentos físicos que têm relevância, e não as esperanças vagas e as promessas dos dogmas teológicos. É a Presença física, em nosso planeta, dos conhecidos Personagens espirituais, como o Senhor do Mundo, o Ancião dos Dias; os sete Espíritos ante o trono de Deus; o Buda, Guia espiritual do Oriente e o Cristo, Guia espiritual do Ocidente – todos expostos à nossa atenção, nessa hora culminante. A vaga crença na existência Deles; as nebulosas especulações sobre o trabalho Deles e o interesse Deles pelo bem-estar humano, assim como a crença destituída de lógica, hesitante, embora esperançosa dos crentes (e também dos não-crentes), em breve serão substituídas por conhecimento claro, reconhecimento visual, sinais demonstráveis de trabalho executivo e reorganização (por homens de potência incomum) da vida política, religiosa, econômica e social da humanidade.

Tudo isto não virá como consequência de determinada proclamação nem de um fantástico evento planetário que obrigará os seres humanos de toda parte a exclamar: “Vejam: Ele está

aqui! Eis os sinais de Sua divindade!”, pois isso só evocaria antagonismo e zombaria, resistência ou credulidade fanática.

Virá como reconhecimento de autoridade de liderança, pelas mudanças dinâmicas, mas lógicas, nos assuntos mundiais e pela ação empreendida pelos povos, a partir das profundezas de suas próprias consciências.

Há muitos anos sinalizei que o Cristo viria de três maneiras distintas, ou melhor, que a realidade de Sua presença poderia ser provada em três fases distintas.

Foi exposto então que a primeira coisa que o Cristo faria seria estimular a consciência espiritual no homem, evocar os apelos espirituais da humanidade em grande escala e fomentar – em escala mundial – a consciência crística no coração humano, o que já é feito e com resultados bastante efetivos. Quanto à natureza real deste processo, as sonoras demandas dos homens de boa vontade, dos que atuam na assistência social e daqueles que estão comprometidos com a cooperação internacional, com o alívio das misérias do mundo e com o estabelecimento de corretas relações humanas, são a inegável expressão. A fase do trabalho preparatório, indicativo de Sua vinda, atingiu um estágio em que nada pode deter seu progresso ou desacelerar seu impulso. Apesar das aparências, esta escalada da consciência crística tem êxito e o que pode parecer como uma atividade oposta carece de importância no longo prazo, sendo apenas de natureza transitória.

A segunda atividade indicada da Hierarquia seria instilar ideias espirituais nas mentes dos homens iluminados de todas as partes, ideias essas que corporificam as novas verdades, pela “descida” (se assim posso formular) dos novos conceitos que regerão a vida humana e pela ação do próprio Cristo, sobrepairando em todos os discípulos mundiais e no Novo Grupo de Servidores do Mundo. Este estímulo planejado pela Hierarquia está avançando bem; homens e mulheres de todas as partes e em todos os setores da vida estão articulando as novas verdades que, no futuro, certamente guiarão a vida humana; estão construindo as novas organizações, movimentos e grupos – grandes ou pequenos – que anunciarão às massas a realidade da necessidade e a maneira de atendê-la. Assim estão fazendo porque são impulsionados pelo calor de seus corações e pela reação amorosa à aflição humana; embora sequer expressem a si próprios, estão, contudo, trabalhando para trazer à visibilidade o Reino de Deus na Terra. É impossível negar tais fatos diante da evidente abundância de organizações, livros e conferências.

Em terceiro, foi dito que o Cristo poderia vir em Pessoa e caminhar entre os homens, como fez antes. Isso ainda não aconteceu, mas há planos em andamento que O habilitarão a assim fazer. Tais planos não comportam o nascimento de algum bondoso menino em um bondoso lar da Terra; também não produzirá declarações exóticas nem o crédulo reconhecimento dos bem-intencionados e dos incultos, como é tão frequente em nossos dias, nem aparecerá alguém para dizer: “Este é o Cristo. Ele está aqui ou Ele está ali”. Assinalaria a vocês, porém, que o aparecimento muito difundido dessas narrativas e alegações, embora indesejáveis e equivocadas, demonstram a expectativa humana pela iminência de Sua vinda. A crença em Sua vinda é básica na consciência humana. Como e de que maneira Ele virá, ainda não foi declarado. O momento exato ainda não chegou, nem foi determinado o método de Seu aparecimento. A natureza real dos dois primeiros passos preparatórios, já dados pela Hierarquia sob Sua direção, são a garantia de que Ele virá e de que, quando Ele vier, a humanidade estará preparada.

Façamos um resumo de certos aspectos da obra que Ele pôs em marcha há dois mil anos, pois contém a chave do Seu trabalho futuro. Parte vocês já conhecem bem, pois vem sendo enfatizada pelas crenças do mundo, em especial pelos instrutores do credo cristão. No entanto,

todos fizeram uma apresentação da Sua obra que é difícil para o homem captar e a ênfase indevida sobre Sua divindade (ênfase que Ele próprio jamais elaborou) fez parecer que Ele, e somente Ele e ninguém mais, poderia realizar as mesmas obras. Os teólogos se esqueceram de que o próprio Cristo afirmou que “maiores coisas fareis, porque Eu vou para o Pai” (Jo 14:12). Ele indica, com essas palavras, que o fato de passar para a Casa do Pai resultaria em um influxo de tal poder espiritual, de percepção interna e de atividade criadora nos homens, que seus feitos ultrapassariam os Seus; devido à distorção de Seus ensinamentos e à remota relação desses com o homem, ainda não fizemos tais “coisas maiores”. Algum dia faremos e – em certas linhas – já fizemos. Permitam-me expor algumas das coisas que Ele fez e que nós podemos fazer, as quais Ele ajudará.

1. Pela primeira vez, na história da humanidade, o amor de Deus encarnou em um homem e o Cristo inaugurou a era do amor. Esta expressão do amor divino ainda está em processo de construção; o mundo ainda não está pleno de amor e poucos são os que compreendem o verdadeiro sentido desta palavra. Mas – em termos simbólicos – quando as Nações Unidas atingirem um poder real e efetivo, o bem-estar do mundo estará assegurado. E o que é este bem-estar, senão amor em ação? O que é cooperação internacional senão amor em escala mundial? São estas as coisas que o amor de Deus em Cristo expressou, e estas são as coisas em que estamos trabalhando em nossos dias para trazer à existência. Estamos procurando realizar tudo isso em larga escala, apesar da oposição – oposição essa que só pode vencer temporariamente, tal é a potência do espírito que despertou no homem. Nestas coisas a Hierarquia, em Seus procedimentos já bem-sucedidos, está ajudando e continuará ajudando.

2. O Cristo também ensinou que o Reino de Deus está na Terra e nos disse que buscássemos primeiro esse Reino e, por ele, considerássemos tudo mais como secundário. Esse Reino sempre esteve conosco, constituído por todos aqueles que, ao longo das eras, buscaram metas espirituais, liberaram-se das limitações do corpo físico, dos controles emocionais e da mente obstrutora. São eles cidadãos que, nos dias de hoje (desconhecidos pela maioria) vivem em corpos físicos, trabalham para o bem-estar da humanidade, usam o amor em vez da emoção como técnica e conformam aquele grande corpo de “Mentes iluminadas” que guia o destino do mundo. O Reino de Deus não é algo que vai descer à Terra quando o homem for bom o suficiente! É algo que está atuando hoje, com eficiência, e que exige reconhecimento. Trata-se de um corpo organizado que já está evocando reconhecimento por parte das pessoas que buscam primeiro o Reino de Deus e descobrem que tal Reino já está aqui. Como muitos sabem, o Cristo e Seus discípulos estão fisicamente presentes na Terra e o Reino que Eles regem, com suas leis e modos de atuar, é conhecido por muitos e sempre foi assim ao longo dos séculos.

O Cristo é o Curador e o Salvador do mundo. Ele atua porque é a alma encarnada de toda Realidade. Trabalha hoje, tal como fez na Palestina há dois mil anos, por meio de grupos. Lá trabalhou por meio dos Seus três discípulos amados, dos doze apóstolos, dos setenta eleitos e dos quinhentos interessados. Ele agora atua por meio de Seus Mestres e dos grupos Deles, e desta maneira intensifica muito Seu programa de trabalho. Ele pode trabalhar e trabalhará por meio de todos os grupos, na medida que estes se ajustarem para o serviço planejado, para a difusão de amor e se alinharem de maneira consciente com a grande potência dos grupos internos.

Os grupos que sempre proclamaram a Presença física do Cristo distorceram de tal maneira os ensinamentos por meio de afirmações dogmáticas sobre detalhes destituídos de importância e alegações ridículas, que produziram o pouco reconhecimento à verdade subjacente, além de não retratarem um reino atrativo. Esse Reino existe, mas não é um lugar de puro ascetismo nem de harpas douradas, de fanáticos ignorantes; é um campo de serviço e um lugar onde todo homem tem plena liberdade para exercer a sua divindade a serviço da humanidade.

3. Na Transfiguração, o Cristo revelou a glória inata em todos os homens. A tríplice natureza inferior – física, emocional e mental – mostra-se ali prostrada diante da glória que foi revelada. Nesse momento em que o Cristo Imanente estava em encarnação, em que a humanidade estava representada pelos três apóstolos, uma voz veio da Casa do Pai, em reconhecimento à divindade revelada e à Filiação do Cristo Transfigurado. Nessa divindade inata, nessa reconhecida Condição de Filho baseia-se a irmandade de todos os homens – uma só vida, uma só glória que será revelada e uma só relação divina. Hoje, em larga escala (mesmo deixando de considerar as implicações da divindade), a glória do homem e suas relações fundamentais já são um fato na consciência humana. Ao lado das características que ainda são deploráveis e parecem negar toda afirmação de divindade, há as maravilhas das realizações do homem, de seu triunfo sobre a natureza. A glória das conquistas científicas e a grandiosa evidência da arte criadora – moderna e antiga – não deixam margem para se questionar a divindade do homem. Aí estão, pois, as “coisas maiores” de que o Cristo falou, como também o triunfo do Cristo no coração humano.

A razão do triunfo da consciência crística ser sempre falada em termos de religião, de se frequentar igrejas e de crença ortodoxa é um dos incríveis triunfos das forças do mal. Para ser cidadão do Reino de Deus não necessariamente implica em ser membro de alguma igreja ortodoxa. O divino Cristo no coração humano pode se expressar nos muitos setores da vida humana – política, arte, economia e na verdadeira vida social, na ciência e na religião. Caberia lembrar que há registros de que a única vez em que o Cristo (como adulto) visitou o Templo dos Judeus, Ele provocou um distúrbio! A humanidade está passando de glória para glória e, no longo panorama da história, isso é claramente observado. Essa glória, em nossos dias, revela-se em todos os setores da atividade humana e está muito próxima a Transfiguração daqueles que se encontram na crista da onda da civilização.

4. Finalmente, no triunfo da Crucificação ou Grande Renúncia (como se diz, com mais exatidão, no Oriente), o Cristo, pela primeira vez, ancorou na Terra um tênue fio da Vontade divina, o qual, oriundo da Casa do Pai (Shamballa), passou para a abrangente custódia do Reino de Deus e, por meio do Cristo, foi levado à atenção da humanidade. Pela intervenção de determinados grandes Filhos de Deus, os três aspectos divinos ou características da divina Trindade – vontade, amor e inteligência – tornaram-se parte do pensamento e da aspiração dos homens. Os cristãos tendem a se esquecer de que a agonia das últimas horas do Cristo não foi passada na cruz, mas no Horto de Getsêmani. Sua vontade, então – em agonia e quase desespero – submergiu-se na vontade do Pai. E Ele exclamou: “Pai, não se faça a minha vontade, mas a Tua” (Lc 22:42).

Algo novo, embora planejado das profundezas do tempo, aconteceu então naquele tranquilo jardim: o Cristo, representando a humanidade, ancorou, ou estabeleceu a Vontade do Pai na Terra e possibilitou que a humanidade inteligente a colocasse em ação. Até então, essa vontade era conhecida na Casa do Pai; foi reconhecida e adaptada às necessidades do mundo pela Hierarquia espiritual, atuando sob a guia do Cristo e, assim, tomou forma como o Plano divino. Hoje, devido ao que o Cristo fez em Seu momento de crise séculos atrás, a humanidade pode agregar esforços à elaboração desse Plano. A vontade-para-o-bem da Casa do Pai pode se tornar a boa vontade do Reino de Deus e transformar-se em corretas relações humanas por meio da humanidade inteligente. Assim a linha direta ou fio da vontade de Deus se estende agora do lugar mais alto ao ponto mais baixo e pode, em seu devido tempo, se tornar um caminho de ascensão para os filhos dos homens e de descida para o espírito vivo e amoroso de Deus.

Esqueçamos distâncias, lonjura e imprecisões, e vamos nos conscientizar de que estamos falando de acontecimentos exatos e reais em nosso planeta. Estamos tratando de

reconhecimentos, fatos e acontecimentos autênticos, que são do conhecimento consciente da maioria. *O Cristo histórico e o Cristo no coração humano são realidades planetárias.*

Há um aspecto do retorno do Cristo que não é mencionado e ao qual nunca se fez referência. Trata-se do que significará para o Cristo a Sua nova vinda entre os homens, o retorno à atividade diária externa, quando o momento chegar?

Há uma grande iniciação de que fala o *Novo Testamento*, à qual damos o nome de Ascensão. Dela nada sabemos. Poucas informações nos vêm do relato do Evangelho; o fato do topo da montanha, dos vigias que acompanhavam e das palavras do Cristo, assegurando-lhes de que não os estava deixando. “E uma nuvem O encobriu da vista deles” (At 1:9). Entre os presentes não havia nenhum que pudesse ir mais além com Ele. Suas consciências não tinham como penetrar no lugar onde Ele decidira ir; inclusive, entenderam mal Suas palavras e a humanidade nunca compreendeu Seu desaparecimento, a não ser em um sentido vago e místico, como também não o significado de Sua Presença, permanente, mas despercebida. Dois dos Conhecedores de Deus, que também estavam presentes, asseguraram àqueles que observavam, que Ele voltaria de maneira similar. Ele ascendeu. A nuvem O recebeu; hoje, as nuvens que recobrem nosso planeta estão esperando para revelá-Lo.

Ele agora está esperando para descer, uma descida ao nosso desditoso mundo dos homens que não Lhe apresenta nenhum cenário agradável. Daquele plácido retiro nas montanhas, onde espera, guia e vigia a humanidade, onde treina Seus discípulos, iniciados e o Novo Grupo de Servidores do Mundo, Ele deve se revelar e assumir Seu lugar sobre-eminente no cenário mundial e ali desempenhar Seu papel no grande drama em processo. Desta vez não exercerá Seu papel no anonimato, como antes, mas diante dos olhos de todo o mundo. Como o nosso planeta é pequeno e devido à influência do rádio, da televisão e à rapidez das comunicações, Sua atuação será observada por todos e essa perspectiva trará para Ele uma certa desolação, trará testes e grandes reajustes, além de uma experiência penosa inevitável. Ele não vem como o Deus Onipotente da criação ignorante do homem, mas como o Cristo, o Fundador do Reino de Deus na Terra, para concluir o trabalho que iniciou e, mais uma vez, demonstrar a divindade, em circunstâncias muito mais difíceis.

O Cristo, porém, sofre muito mais por causa dos Seus agregados do que pelos que estão no mundo externo; Seu trabalho é mais obstruído pelo aspirante avançado do que pelo pensador inteligente. Não foi a crueldade do mundo externo dos homens que causou as profundezas dos pesares ao Cristo; foram seus Próprios discípulos, além do massivo sofrimento da humanidade – alastrado por todo o ciclo de vida – passado, presente e futuro.

Ele vem para corrigir os erros e as deturpações daqueles que se atreveram a interpretar Suas simples palavras em termos da própria ignorância e para reconhecer aqueles cujo serviço leal possibilitou Seu retorno. Também Ele está enfrentando uma grande prova, preparatória para uma grande iniciação e, quando tiver passado pelo teste e cumprido Sua tarefa, passará para uma posição ainda mais ilustre na Casa do Pai ou para um lugar de prestação de serviço mais distante, onde apenas os mais veneráveis podem segui-Lo; Seu cargo atual será, então, assumido por Aquele que Ele preparou e instruiu.

Antes, porém, que tudo isso possa acontecer, Ele deve novamente entrar na esfera pública, exercer Seu papel nos assuntos do mundo e demonstrar o alcance de Sua missão. Reunirá em torno de Si pessoalmente os Seus associados e assessores eleitos; não serão os que reuniu naqueles dias passados e mais simples, serão os membros da família humana que, hoje, O reconhecem e estão se preparando para trabalhar com Ele, com todos os seus recursos. É um mundo diferente ao qual agora está planejando retornar, o que se deve, em grande parte, ao desenvolvimento intelectual das massas. É o que Lhe apresenta imensas dificuldades, pois,

para que a Vontade de Deus seja cumprida na Terra de maneira inteligente, terá que contatar o intelecto dos homens e não apenas seus corações (como nos dias passados). Sua grande tarefa será, certamente, estabelecer corretas relações humanas em todos os setores da vida humana. Pediria a vocês que usassem a imaginação e procurassem cogitar sobre as implicações da tarefa diante d'Ele; pediria que refletissem sobre as dificuldades que, inevitavelmente, Ele enfrentará – acima de tudo, a dificuldade que será mudar a incorreta soberba intelectual das massas.

Ele, o Representante do Amor de Deus, é solicitado a trabalhar novamente no cenário mundial no qual a sua mensagem anterior foi repelida, esquecida ou distorcida durante dois mil anos e no qual o ódio e a separatividade caracterizam os homens de todas as partes. Isto O submergirá em uma atmosfera desconhecida e em uma situação em que todos os Seus recursos divinos serão necessários e postos à prova ao máximo. A ideia de aceitação geral de que Ele retornará como um guerreiro triunfante, onipotente e irresistível, é totalmente destituída de fundamento. Que Ele, quando for chegada a hora, conduzirá o Seu povo, a humanidade, a Jerusalém, é um fato, fundamentado em base segura, mas não será a cidade judia chamada Jerusalém, mas o “lugar de paz” (que é o significado de Jerusalém). Um cuidadoso exame da situação do mundo hoje e o uso diligente da imaginação revelarão ao pensador sincero o quanto é consternadora a tarefa que Ele tem que empreender. Mas Ele, porém, uma vez mais, “voltou Seu rosto para ir a Jerusalém” (Lc 9:51). Ele reaparecerá e guiará a humanidade para uma civilização e um estado de consciência em que corretas relações humanas e cooperação mundial para o bem de todos serão o princípio universal predominante. Por meio do Novo Grupo de Servidores do Mundo e dos homens de boa vontade, Ele concluirá a vinculação com a vontade de Deus (os assuntos de Seu Pai) de tal maneira, que a eterna vontade-para-o-bem será trasladada pela humanidade em boa vontade e corretas relações. Sua tarefa então estará cumprida; Ele ficará livre novamente para nos deixar, mas desta vez para não mais retornar, pois deixará o mundo dos homens nas mãos do Grande Servidor espiritual que será o novo Guia da Hierarquia, a Igreja Invisível.

Coloca-se agora a seguinte pergunta: De que maneira podemos ser úteis? Como podemos ajudar durante esta etapa preparatória?

O que os membros da Hierarquia Espiritual estão fazendo é muito, sem dúvida; os discípulos que estão em contato consciente com os Mestres de Sabedoria – ou, se preferirem o termo, com os discípulos avançados do Cristo – estão trabalhando dia e noite, a fim de estabelecer confiança, corretas atitudes e compreensão da iniciativa ou “impulso” espiritual divino para Lhe facilitar o caminho. Eles e seus grupos de discípulos menores, aspirantes e estudantes das realidades permanecem, unidos, por trás do Cristo e, dessa maneira, O habilitam a cumprir o Seu propósito. A maior realização deles é a de uma crise cíclica na vida espiritual do nosso planeta; aquela que foi prevista na Casa do Pai (Shamballa), há milhares de anos. Eles registraram o fato de que, pela primeira vez na história humana, os três centros espirituais ou grupos por meio dos quais Deus atua, estão enfocados, de maneira unida, no mesmo objetivo. Shamballa, a Hierarquia Espiritual e a Humanidade (a Casa do Pai, o Reino de Deus e o Mundo dos Homens) estão todos se empenhando em um vasto movimento para haver uma intensificação da Luz do Mundo. Esta Luz se irradiará (de maneira nunca vista antes) não apenas na Casa do Pai, que é a fonte de toda a nossa luz planetária, como também no centro espiritual do qual provieram todos os Instrutores e Salvadores mundiais que permaneceram diante dos homens e disseram, tal como Hermes, o Buda e o Cristo: “Eu Sou a Luz do Mundo”. Esta luz afluirá agora sobre o mundo dos homens, trazendo iluminação para as mentes dos homens e luz para as esferas escuras da vida humana.

O Cristo trará luz e – acima de tudo – “vida mais abundante”, mas até trazê-las não sabemos o que significa; somos incapazes de compreender a revelação que isso acarretará e as novas

possibilidades que se abrirão diante de nós. Mas, por Seu intermédio, Luz e Vida estão a caminho, para que sejam interpretadas e aplicadas em termos de boa vontade e de corretas relações humanas. Para isto a Hierarquia Espiritual está se preparando. Desta vez o Cristo não virá só, pois Seus colaboradores virão com Ele. Sua experiência e a d'Eles será o contrário da anterior, pois desta vez todos os olhos O verão, todos os ouvidos O ouvirão e todas as mentes O avaliarão.

Podemos, de bom grado, ajudar no trabalho de reconstrução que o Cristo propõe, desde que tomemos conhecimento, como também todos os homens com os quais entrarmos em contato, dos seguintes fatos:

1. Que o reaparecimento do Cristo é iminente.
2. Que o Cristo, imanente em todo coração humano, pode ser evocado em reconhecimento de Seu aparecimento.
3. Que as circunstâncias de Seu retorno estão relatadas apenas simbolicamente nos Textos Sagrados do mundo, o que pode acarretar uma mudança vital nas ideias preconcebidas da humanidade.
4. Que a principal condição necessária é um mundo em paz; no entanto, essa paz deve se basear em uma boa vontade esclarecida, que resultará, inevitavelmente, em corretas relações humanas e, portanto, no estabelecimento (em termos figurados) de linhas de luz entre uma nação e outra, uma religião e outra, um grupo e outro, um homem e outro.

Se conseguirmos apresentar essas quatro ideias para o mundo como um todo e, assim, triunfar sobre o criticismo inteligente segundo o qual tudo o que se diz é muito vago, profético e visionário, muito teremos feito. Certamente é possível que a conhecida verdade segundo a qual “a mente é o assassino do real” seja verdadeira no que diz respeito às massas e que a abordagem puramente intelectual (que rejeita a visão e se recusa a aceitar o que não pode ser provado) seja mais inexata do que a perspectiva dos Conhecedores de Deus e da multidão expectante.

A inteligência da divindade está depositada na Hierarquia Espiritual e essa Hierarquia hoje é composta por Aqueles que uniram neles mesmos o intelecto e a intuição, o prático e o aparentemente pouco prático, o caminho da vida objetiva e o caminho do homem que tem uma visão. Há também as pessoas que devemos achar nos lugares comuns da vida diária; são as pessoas que devem ser instruídas para que reconheçam a divindade nos sinais que, em essência, são respostas do plano físico às novas expansões da consciência. O Cristo que retornará não será como o Cristo que (aparentemente) partiu. Não será um “varão das dores”; não será uma figura silente e contemplativa; será o formulador de enunciados espirituais que não vão precisar de interpretação e que receberiam uma interpretação errada, porque Ele estará presente para indicar o verdadeiro significado.

Durante dois mil anos, Ele foi o Guia supremo da Igreja Invisível, a Hierarquia Espiritual, composta de discípulos de todos os credos. Ele reconhece e ama os que não são cristãos, mas são leais aos Fundadores de seus respectivos credos – o Buda, Maomé e outros. A Ele não interessa qual seja o credo, desde que o objetivo seja o amor a Deus e à humanidade. Se os homens procuram o Cristo que deixou Seus discípulos há séculos, deixarão de reconhecer o Cristo que está em processo de retornar. O Cristo não tem barreiras religiosas em Sua consciência e não lhe importa que crença um homem possa professar.

O Filho de Deus está a caminho e não vem só. Sua linha de frente já está aqui e o Plano que devem seguir já está feito e definido. Que o reconhecimento seja o objetivo.

Capítulo IV

O TRABALHO DO CRISTO NO PRESENTE E NO FUTURO

Vimos que a doutrina dos grandes Aparecimentos e da vinda de Avatares, os Instrutores ou Salvadores mundiais, está na base de todas as religiões. Por meio d'Eles, a continuidade da revelação é implementada e a humanidade habilitada, a cada era, a dar o próximo passo no Caminho da Evolução, para mais perto de Deus e daquele Centro onde a vontade d'Aquele "em Quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser" (segundo expressou São Paulo em At 17:28) é enfocada, compreendida e direcionada. Fizemos referência à missão de dois destes Avatares – o Buda, o Mensageiro de Luz no Oriente e o Cristo, o Mensageiro de Amor no Ocidente – e o trabalho de ambos para todo o mundo; também ponderamos sobre a excepcional oportunidade diante do Cristo hoje e a resposta que deu, em 1945, quando expressou Sua intenção de reaparecer e nos deu A Grande Invocação para auxiliar no trabalho preparatório que, de imediato, se coloca diante de nós. Pareceria adequado, nesta altura, considerarmos a natureza do trabalho que Ele fará, como também os ensinamentos que provavelmente proporcionará. O fato da continuidade da revelação e os ensinamentos dados ao longo das eras nos habilitam a considerar com lucidez e a conjecturar, nas linhas espirituais, os prováveis direcionamentos de Seu trabalho.

Ao longo dos anos, muito foi dado, de muitas fontes, escolas de pensamento e igrejas, sobre o Cristo, a situação que Ele enfrenta e as probabilidades de Seu reaparecimento. Discípulos, aspirantes e homens de boa vontade muito já fizeram para preparar o mundo para o que se chama de Seu retorno. Hoje, Oriente e Ocidente estão igualmente expectantes. À medida que abordamos o tema do Seu trabalho, é fundamental lembrarmos que o Mestre do Oriente corporificou em Si Mesmo a Sabedoria de Deus, da qual a inteligência humana (o terceiro aspecto da divindade) é uma expressão; que através do Cristo, foi revelado o segundo aspecto divino em sua perfeição; e n'Ele dois aspectos, portanto, luz e amor, receberam plena expressão. Resta agora que o aspecto divino mais elevado, a Vontade de Deus, seja corporificado, e para isto o Cristo está se preparando. A continuidade da revelação não pode parar e, quanto às demais expressões da natureza divina que possam se revelar posteriormente, não nos cabe especular.

A singularidade da iminente missão do Cristo e a singularidade de Sua oportunidade consistem em que Ele é capaz – em Si Mesmo – de dar expressão a duas energias divinas: a energia do amor e a energia da vontade, a potência magnética do amor e a dinâmica eficácia da vontade divina. Nunca antes, na longa história da humanidade, foi possível semelhante revelação.

A obra e o ensinamento do Cristo serão de difícil aceitação para o mundo cristão, mas de fácil assimilação no Oriente. No entanto, é extremamente necessário haver um penoso golpe ou uma difícil apresentação da verdade para que o mundo cristão desperte e para que os povos cristãos reconheçam seu lugar no âmbito da revelação divina no mundo como um todo e vejam o Cristo como a representação de todos os credos, assumindo Sua legítima posição como Instrutor Mundial. Ele é o Instrutor Mundial e não um instrutor cristão. Ele próprio nos disse que tinha outros rebanhos e que para eles representava o mesmo que para os cristãos

religiosos. Pode ser que não O chamem de Cristo, conferindo a Ele uma designação própria, mas O seguem de maneira tão verdadeira e fiel como seus irmãos ocidentais.

Examinemos, por um momento, as interpretações erradas dadas ao relato do Evangelho, cujo simbolismo – uma antiga apresentação muitas vezes anunciada ao longo das eras, antes da vinda do Cristo na Palestina – foi deformada e distorcida pelos teólogos, a ponto de fazer desaparecer a cristalina pureza do ensinamento inicial e a extraordinária simplicidade do Cristo em uma caricatura de erros e ridículo cerimonial de ritos, dinheiro e ambições humanas. Retratam o Cristo como nascido de maneira antinatural, como tendo ensinado e pregado durante três anos, tendo sido crucificado e, a certa altura, ressuscitado, deixando a humanidade para “se sentar à direita de Deus”, em uma pompa austera e reservada. E mais, o cristão ortodoxo considera que todas as outras abordagens a Deus, de quaisquer outros povos, em qualquer época e país, estão erradas, sendo praticadas pelos assim chamados “pagãos” e necessitando da intervenção cristã. Todo empenho possível foi feito para forçar o cristianismo ortodoxo naqueles que aceitam a inspiração e os ensinamentos do Buda ou de outros que foram responsáveis pela preservação da continuidade da revelação divina. Como bem sabemos, foi enfatizado o “sacrifício de sangue do Cristo” na Cruz e uma salvação que depende do reconhecimento e da aceitação desse sacrifício. A confiança que o próprio Cristo ordenou que depositássemos em nossa própria divindade foi substituída pela expiação vicária; a Igreja do Cristo tornou-se famosa e infrutífera (como a guerra mundial provou), devido ao credo estreito, à ênfase errada, à pompa clerical, à autoridade ilegítima, às riquezas materiais e à apresentação de um Cristo morto. Sua ressurreição é aceita, mas o maior apelo das igrejas vem sendo a Sua morte.

Durante dois mil anos, o Cristo foi um Personagem silencioso, passivo, oculto atrás de uma profusão de palavras escritas por uma abundância de homens (analistas e pregadores). A igreja apontou para nós o Cristo moribundo na Cruz e não o Cristo vivo, operante, ativo, presente, estando entre nós em Presença física (segundo a Sua promessa) há vinte séculos.

Vamos procurar, portanto, obter um quadro mais real das atividades e da vida do Cristo e – em consequência – da nossa esperança para o futuro. Vamos averiguar e compreender a Pessoa constante, porém divina, traçando planos para a futura ajuda à humanidade, avaliando Seus recursos, influenciando Seus discípulos e organizando os elementos de Seu reaparecimento. Precisamos despertar a fé na natureza real da divina revelação e galvanizar a igreja do Cristo em uma apreciação mais verdadeira Dele e da Sua obra. Devemos nos ocupar do Cristo vivo, atuante e racional, lembrando sempre que *o relato do Evangelho é eternamente verdadeiro* e que necessita apenas de reinterpretação à luz do lugar que ocupa na longa sucessão de revelações divinas. A missão do Cristo na Terra, há dois mil anos, é parte dessa continuidade e não uma história extraordinária, sem nenhuma relação com o passado, enfatizando um período de apenas 33 anos e sem apresentar uma clara esperança para o futuro.

Que esperança sustentam hoje os teólogos ortodoxos e estereotipados? Que em certa data distante, só conhecida pela insondável Vontade de Deus Pai, o Cristo sairá do Seu lugar à direita de Deus e (seguido por Seus anjos e pela Igreja invisível) descerá sobre as nuvens dos Céus, ao som de uma trombeta, e aparecerá em Jerusalém. A batalha em andamento naquele momento então findará e Ele entrará na cidade de Jerusalém para governar durante mil anos. Ao longo deste milênio, Satã, o princípio do mal, ficará atado ou aprisionado e haverá um novo céu e uma nova terra. Além disso, nada mais nos é dito; a humanidade espera muito mais e por isso o quadro apresentado não a atrai.

Por trás desta descrição, se corretamente interpretada, encontra-se a Presença do Cristo, humana, amorosa e divina, encarnando o amor divino e exercendo o poder divino, dirigindo

Sua Igreja e estabelecendo o Reino de Deus na Terra. O que é a Igreja do Cristo? Ela é composta pelo somatório de todos aqueles nos quais a vida do Cristo, ou a consciência crística está presente ou se encontra em processo de expressão; é o conjunto de todos aqueles que amam seus semelhantes, porque amar o semelhante é a faculdade divina que nos torna membros da comunidade do Cristo. Não é a aceitação de nenhum fato histórico ou credo teológico que nos coloca em relação com o Cristo. Os cidadãos do Reino de Deus são todos aqueles que estão deliberadamente buscando a luz e tentando (pela disciplina autoimposta) permanecer diante do Iniciador Uno; este grupo mundial (no corpo ou fora dele) aceita o ensinamento de que “os filhos dos homens são um”; sabem que a revelação divina é contínua e sempre renovada, e que o Plano divino está se desenvolvendo na Terra.

Há hoje na Terra aqueles que sabem que, por intermédio, pela inspiração e pela instrução dos filhos dos homens que forjaram a própria divindade no cadinho do viver diário dos homens, o Reino de Deus surgirá; esses Conhecedores estão agora trabalhando ativamente, sob a impressão direta do Cristo, para conduzir a humanidade das trevas para a luz e da morte para a imortalidade.

São essas as grandes verdades subjacentes e características do Cristo, do Buda e da Igreja de Deus, na medida que se expressam no Oriente e no Ocidente; são essas as únicas verdades que importam. No futuro, os olhos da humanidade estarão fixados no Cristo e não nas instituições criadas pelos homens, como a Igreja e seus dignitários; o Cristo será visto como é na realidade, atuando por meio de Seus discípulos, dos Mestres de Sabedoria e de Seus seguidores que trabalham arduamente (e em geral não reconhecidos) por trás dos assuntos mundiais. Sua esfera de atividade será o coração humano e os lugares populosos do mundo e não determinado templo de pedra, nem a pompa e o cerimonial de uma sede eclesiástica.

Nosso estudo sobre o futuro trabalho do Cristo baseia-se, necessariamente, em três pressupostos:

1. Que o reaparecimento do Cristo é certo e inevitável.
2. Que Ele está trabalhando hoje e vem trabalhando ativamente – por meio da Hierarquia espiritual do nosso planeta, da qual é o Guia – para o bem-estar da humanidade.
3. Que certos ensinamentos serão dados e certas energias serão liberadas por Ele, no Seu programa de trabalho e vinda. As pessoas tendem a se esquecer de que a vinda do Cristo necessita de um período de intensa preparação por parte d’Ele. Também Ele atua nos termos da lei e está submetido ao controle de várias fontes distintas – tal como seres humanos, porém em grau muito menor.

Seu reaparecimento é condicionado e determinado pela reação da própria humanidade e por esta reação Ele tem que esperar. Seu trabalho também está sujeito a certas fases de sincronia espiritual e cíclica e a impressões oriundas de fontes que se encontram em níveis mais elevados, diferentes daqueles nos quais Ele atua normalmente. Tal como os assuntos humanos exercem efeito sobre Sua ação, o mesmo acontece com grandes “determinações” e “profundas disposições da Vontade de Deus”. O lado ou natureza humana do Cristo, imaculada e sensível, responde à invocação e ao apelo dos homens; Seu lado ou natureza divina responde igualmente ao impacto das energias provenientes do “Centro onde a Vontade de Deus é conhecida”. Entre esses dois, Ele tem que fazer ajustes e viabilizar a sincronia temporal correta. Não é tarefa fácil extrair o bem do chamado mal humano; a visão do Cristo é tão vasta e Sua compreensão da Lei de Causa e Efeito, de Ação e Reação é tal, que chegar à decisão correta quanto à atividade e à hora certa não tem nada de simples. Os seres humanos tendem

a considerar tudo que acontece ou poderia acontecer do ponto de vista puramente humano e imediatista; pouco compreendem dos problemas, das decisões e implicações que o Cristo enfrenta hoje e das quais compartilham Seus discípulos consagrados. Sua tarefa consiste em desenvolver “a mente que está no Cristo” e, assim fazendo, ajudarão a desobstruir o caminho para “Seus pés”, como coloca a Bíblia (Hb 12:13). Observar a vida e os eventos à luz dos valores espirituais, como Ele faz, facilitará a disseminação dos novos ensinamentos e propiciará a estrutura da nova religião mundial, dessa maneira nos dando um novo panorama da intenção divina e uma viva percepção interna das mentes d’Aqueles que implementam a vontade divina e são os arquitetos do futuro da humanidade. Assim, que tentemos e apreciemos não somente a oportunidade que o Cristo tem de nos ajudar (que é o que se diz normalmente), como também examinemos as crises e os problemas diante d’Ele, à medida que enfrenta o trabalho que deve cumprir.

1. As Crises do Cristo

Na vida de todo discípulo, em especial daqueles que enfrentam certas grandes expansões de consciência, *sobrevirá um ponto de crise* e, nele, são tomadas decisões, voluntária ou involuntariamente; uma vez tomadas, o discípulo fica, então, em um ponto de tensão, com a decisão para trás e o próximo passo a dar se tornando cada vez mais claro em sua percepção mental e influenciando sua atitude com relação ao futuro. Quando o trabalho é realizado durante o período de tensão, ocorre o que poderíamos chamar de ponto de emersão, que é tanto uma emersão de um campo de experiência como uma imersão em outro campo de experiência.

O próprio Cristo não é exceção a esta tríplice experiência e – para que possamos compreender mais plenamente – apliquemos as três frases (inapropriadas, como basicamente são) às ações e reações do Cristo.

Não há crise para Ele no sentido como há crises para nós; no Seu ponto de tensão não há esforços nem pressões; contudo, a comparação é válida para transmitir a vocês o que transpareceu no estado de consciência que caracteriza a Hierarquia espiritual; a este estado de consciência podemos dar o nome de “percepção espiritual”, distinguindo-o da percepção mental, que é a contraparte humana. É preciso lembrar que o ponto de crise que produz o ponto de tensão que podemos considerar como aquele ao qual o Cristo está se submetendo voluntariamente é uma temática ou evento hierárquico, porque toda a Hierarquia está envolvida na crise. A razão é simples: o Cristo e Seus colaboradores conhecem apenas a experiência da consciência de grupo. A participação e a atitude separatista lhes são desconhecidas, porque Seu estado de consciência é inclusivo e não excludente.

Dessa maneira, usando a terminologia humana para interpretar as divinas reações do Cristo e de Seus discípulos, é preciso compreender que o ponto de crise responsável pela tensão hierárquica e pelo conseqüente aparecimento ou advento do Cristo já está ultrapassado por Ele e que esta experiência se situa para Ele em um passado longínquo. O ponto de tensão subsequente está controlando agora os assuntos da Hierarquia espiritual e de seus inúmeros grupos de colaboradores. O “ponto de decisão”, como é chamado nos círculos hierárquicos, foi alcançado no período entre a Lua cheia de junho de 1936 e a Lua cheia de junho de 1945. O ponto de decisão estendeu-se, pois, por nove anos (um período de tempo relativamente curto); resultou na decisão tomada pelo Cristo de reaparecer, ou retornar à Presença visível na Terra, tão logo possível, e muito antes do que fora planejado.

Esta decisão foi tomada, necessariamente, em consulta com o Senhor do Mundo, o “Ancião dos Dias” do *Antigo Testamento* e “Aquele em Quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” do *Novo Testamento*. Ele é o Guardião da Vontade de Deus. Também foi tomada com

pleno entendimento e cooperação dos Mestres e dos iniciados avançados. E assim foi, inevitavelmente, pois a participação e a colaboração d'Ele são imperiosas. Também teriam de estar com Ele em pensamento e cooperando mentalmente, porque Seu reaparecimento indica uma grande aproximação da Hierarquia com a humanidade e um grande evento espiritual.

A decisão, porém, foi decisão do Cristo e assinalou não somente um ponto de crise em Sua experiência, como também um ponto culminante em Sua expressão da divindade. Com toda reverência, dentro dos limites do nosso entendimento humano, é preciso ter em mente que não há nada estático em todo o processo evolutivo, no nosso planeta e no cosmo; nada há, a não ser processo e progresso, avanço, maior conquista e realização crescente. A esta grande lei do universo até o próprio Cristo está sujeito. Com toda reverência novamente, que aqui fique registrado que também Ele avançou em Sua experiência divina e (se assim podemos expressar) está mais perto do Pai e da Vida Universal Una do que nunca antes. Sua compreensão e Sua captação da Vontade de Deus é mais profunda e o cumprimento dessa Vontade está mais alinhado com o Propósito divino do que quando esteve na Palestina há dois mil anos. Necessariamente houve (por parte do Cristo) uma percepção crescente da intenção da Mente divina, tal como corporificada nessa Entidade que chamamos de *Deus*.

O Cristo já não mais precisa dizer, em agonia: "Pai, não minha vontade, mas a Tua seja feita"; Ele hoje não tem vontade pessoal, apenas a vontade do Seu Pai O anima, e a capacidade de tomar decisões que são uma expressão plena dessa Vontade divina. É difícil expressar em palavras o nível de realização que Ele atingiu. Os analistas procuraram dar justificativas e encobrir a experiência do Cristo no Getsêmani e atribuir o que parece ser uma fraqueza a um impulso da natureza humana do Cristo e, em consequência, a uma submersão temporária de Sua natureza divina. Foram forçados a esta posição em razão da máxima teológica dominante com relação à perfeição divina do Cristo – uma perfeição absoluta, soberana e suprema, pela qual Ele próprio nunca demonstrou a menor pretensão. Ele hoje está mais próximo da perfeição do que jamais esteve quando na Terra. Foi este desenvolvimento divino que possibilitou para Ele fazer a opção correta, não apenas para Ele, como também para a Hierarquia espiritual nos anos da decisão, anteriores a junho de 1945.

Nos termos da Vontade divina, Ele tinha que reaparecer na Terra em Presença visível. Tinha que presidir a materialização do Reino de Deus na Terra e reinstituir os Mistérios da Iniciação, de maneira tal que validassem a base da nova religião mundial. Acima de tudo, tinha que revelar a natureza da Vontade de Deus, vontade essa que, em geral, é considerada como o poder pelo qual as coisas são feitas, as situações são impulsionadas, atividades são instituídas e os planos são cumpridos, e quase sempre cumpridos implacavelmente. Esta definição geral é a mais fácil para os homens formularem, porque a compreendem em termos de sua própria vontade, a vontade do autoaperfeiçoamento individual. Este tipo de vontade é egoísta e mal-entendida a princípio, mas tende, a certa altura, ao altruísmo, à medida que a evolução realiza a sua tarefa benfeitora. Depois a vontade é interpretada em termos de plano hierárquico e o esforço do homem individualmente torna-se o de negar a própria vontade original e procurar fundir sua vontade com a do grupo – o grupo sendo ele próprio um aspecto do esforço hierárquico. Trata-se de um grande passo adiante em termos de orientação e conduzirá, oportunamente, a uma mudança de consciência.

É nesta etapa em que se encontra a maioria dos aspirantes dos nossos dias. Contudo, a vontade é, na realidade, algo muito diferente do que expressa a consciência humana, em que os homens procuram interpretar a Vontade divina em termos do seu presente ponto de evolução. A pista para compreender isto se encontra nas palavras "obliterar toda forma". Quando a atração pela substância é superada e o desejo se extingue, o poder atrativo da alma passa a dominar e a ênfase (que durante tanto tempo recaiu sobre a forma individual, a vida e a atividade individuais) cede lugar à forma grupal e ao propósito grupal. Em seguida, o poder

atrativo da Hierarquia e dos grupos de discípulos dos Mestres suplanta as atrações inferiores e os pontos secundários de interesse. Quando eles assumirem o lugar legítimo na consciência, a atração dinâmica do aspecto Vontade da divindade será sentido – inteiramente destituído de relação com forma ou formas, ou com grupos ou um grupo. À Luz da Vontade de Deus, o Cristo tomou certas decisões fundamentais e Se propôs a implementá-las em um futuro relativamente imediato – a data exata de Sua vinda só é conhecida por Ele e por alguns de Seus colaboradores avançados; embora esses eventos futuros estejam ocultos por trás de certa decisão fundamental da própria humanidade. A esta decisão se está chegando, mediante determinadas novas tendências do pensamento humano, como resultado de uma reação humana subjetiva à decisão já tomada pelo Cristo e a Hierarquia espiritual, a Igreja invisível.

A motivação deste reaparecimento é cabal e está estabelecida. É claramente percebida pelo Cristo. O trabalho que Ele iniciou há dois mil anos deve ser concluído; a nova religião mundial deve ser inaugurada; as necessidades de uma humanidade que pede e invoca não podem ser ignoradas; é preciso dar os passos que precedem uma formidável iniciação hierárquica da qual o Cristo é o principal Participante; os eventos sintomáticos do “final dos tempos” não podem ser postergados.

Se for possível se expressar nesses termos (com reverência e de maneira simbólica), a recompensa concedida ao Cristo, ao anunciar Sua decisão como final e irrevogável, foi a autorização, ou melhor, o direito de usar uma certa Grande Invocação – nunca antes concedido – e usá-la de duas maneiras:

1. Como invocação hierárquica, dirigida ao “centro onde a Vontade de Deus é conhecida”.
2. Como prece mundial, expressa em um fraseado que toda a humanidade pudesse usar de maneira inteligente.

O direito de usar certas grandes Palavras de Poder ou “Estâncias de Direção” jamais é concedido temerariamente. A decisão do Cristo de aparecer novamente entre os homens, trazendo com Ele Seus discípulos, decorreu de autorização do Senhor do Mundo, o Ancião dos Dias.

Passado o ponto culminante de crise espiritual e sua conseqüente decisão, foi alcançado um ponto de tensão, e é neste estado de tensão espiritual que a Igreja invisível está agora trabalhando e planejando, exercendo uma mudança dinâmica nos discípulos do Cristo, ativos na Terra, que os leva à mesma condição de tensão espiritual. O sucesso do reaparecimento do Cristo em presença visível, assim como de outros fatores (relacionados ao Seu reaparecimento) dependem dos acontecimentos e contatos que estão ocorrendo agora, neste período de tensão. Em qualquer ponto de tensão – independente de qual seja o fator tempo – é gerada energia, sustentada para uso futuro e enfocada de tal maneira ou condição que sua força possa ser direcionada para onde for necessária e exigida. Temos aqui uma afirmação difícil de entender. Um ponto de tensão é, simbolicamente, um reservatório de energia. As energias que serão características singulares do Reino de Deus estão ganhando ímpeto e assumindo o controle pela intervenção dos Mestres de Sabedoria, em cooperação com a Vontade do Cristo.

À medida que essas energias se acumulavam ou aumentavam em potência a partir da Lua cheia de junho de 1945, três eventos, de grande importância, ocorreram na experiência viva do Cristo (e, portanto, da Hierarquia) e seus efeitos estão em processo de consolidação. Só posso fazer referência a eles sucintamente, pois não é possível comprovar a natureza factual do que é dito aqui; somente possibilidade, probabilidade e a Lei de Analogia podem indicar a legitimidade desses eventos, cujos efeitos serão observados, em especial depois de ocorridos. Descrevem-se como segue:

1. O Espírito da Paz desceu sobre o Cristo. O *Novo Testamento* testifica um evento similar quando, ao tratar do Batismo, lemos que: “Ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e pousando sobre Ele” (Mt 3:16). Este Espírito é um Ser de tremenda potência cósmica e está hoje sobrepairando o Cristo, muito da mesma maneira como o Cristo (há dois mil anos) sobrepairou ou trabalhou por meio do Mestre Jesus. Este Espírito da Paz não é a quintessência de uma calma emocional e estática que põe fim ao tumulto da Terra e institui uma era de paz. Ele é, em um sentido misterioso, o Espírito do Equilíbrio; atua com a Lei de Ação e Reação e a inevitabilidade de Sua atividade será reconhecida. Sua obra se demonstrará de duas maneiras – totalmente, quando o Cristo aparecer entre os homens e lenta e gradualmente, até aquele dia.

a. O caos, o tumulto, a desordem, a perturbação emocional e o desequilíbrio mental que há hoje no mundo serão contrabalançados (nos termos da Lei) por um ciclo correspondente de calma, serenidade emocional e equilíbrio mental, dessa maneira liberando a humanidade para entrar em uma nova etapa e experiência de liberdade. A paz ajustada será proporcional à perturbação vivenciada.

b. O ódio, tão predominante hoje no mundo – por meio da vida do Espírito da Paz, atuando através do Cristo, a corporificação do Amor de Deus – será contrabalançado por uma boa vontade expressa e tangível. A garantia do aparecimento desta boa vontade é a excessiva expressão do ódio – um ódio que foi lentamente se avolumando nas mentes dos homens a partir do início do século XIX e, neste momento, está alcançando uma nova grandeza. Uma medida proporcional da energia de amor se manifestará depois, em resultado da atividade do Espírito da Paz, atuando através do Príncipe da Paz, como o Cristo é chamado às vezes (Is 9:6).

Este Ser espiritual não descerá das Altas Esferas onde atua e de onde direciona a Sua energia, o Cristo atuará e servirá de canal para a Sua potência direcionada. O influxo de Sua divina energia (energia extraplanetária) destina-se a trazer a paz à Terra, afinal, por meio da expressão da boa vontade, a qual estabelecerá corretas relações humanas. A humanidade registrou (evidentemente de maneira inconsciente) o primeiro impacto desta energia em maio de 1936 e novamente em junho de 1945.

2. A força evolutiva, à qual damos o nome de “consciência crística” (termo muito usado em nossos dias pelos grupos metafísicos do mundo), centrou-se na Pessoa do Cristo, de uma maneira até agora desconhecida. É a potência, latente em todo coração humano, que São Paulo descreveu como “Cristo em nós, esperança de glória” (Cl 1:27) e é o que, sob a lei da evolução, conduz o homem, oportunamente, ao Reino de Deus e “à medida da plenitude do Cristo” (Ef 4:13). Desta potência e glória, o Cristo foi sempre o símbolo. No presente período de tensão hierárquica, e devido à Sua decisão de reaparecer, o Cristo tornou-se a corporificação desta energia e, assim, entrou em relação mais estreita com a humanidade. Outros grandes Filhos de Deus são canais desta energia para os reinos subumanos, mas o Cristo ocupa um lugar excepcional em relação à humanidade. Procurando expressar esta ideia em termos simbólicos, esta energia cria uma ponte viva entre o reino humano e o Reino de Deus, entre o quarto reino da natureza e o quinto. O Cristo é o guardião desta energia, mas apenas temporariamente e durante o período desta crise humana. Por causa disso, Ele pode estimular o fator responsivo dos corações dos homens, habilitando-os a reconhecê-Lo a identificá-Lo por Quem é e pelo que Ele é, quando reaparecer. Esta canalização de energia começou ao término da guerra mundial e ainda está se processando; é responsável pela tendência de melhoramento que se percebe em toda parte, pelo aumento do princípio de partilha e pela inegável integridade dos corações e do pensamento dos homens hoje – a integridade das massas (quando informada), muito maior que a dos seus governantes.

3. Como bem sabem, a história da humanidade vem sendo, em essência, a história dos grandes Mensageiros espirituais que – periodicamente, nos momentos de crise humana – vêm do lugar secreto do Altíssimo para ajudar, inspirar, revelar, liderar e orientar. É a história da introdução das ideias trazidas à atenção da humanidade e gradualmente desdobradas em civilizações e culturas. Tal é a urgência da necessidade humana neste momento e tal é a oportunidade que um desses Filhos de Deus – durante este ciclo de tensão – está procurando cooperar com o Cristo. Como resultado da decisão do Cristo e de Sua “fusão espiritual” com a Vontade de Deus, o Avatar da Síntese se tornou, no momento, Seu Associado próximo. Trata-se de um evento de importância suprema e planetária. Sua relação e a ajuda planejada datam do momento da entoação da Grande Invocação e seu uso pelos homens de todas as partes. Devido à colossal tarefa diante do Cristo, o Avatar da Síntese O fortalecerá e Ele será sustentado por esse “Silente Avatar”, o Qual (falando simbolicamente) “manterá Seu olho sobre Ele, Sua mão sob a d’Ele e Seu coração em uníssono com o d’Ele”.

Este Ser está estreitamente relacionado com o Aspecto Vontade da divindade e Sua colaboração foi possibilitada em razão da própria realização do Cristo na linha da vontade espiritual mais elevada. Ele atua sob a grande Lei natural da Síntese, produzindo convergência, unificação e fusão. Sua função (em uníssono com a energia do Cristo) é gerar vontade espiritual na humanidade, a vontade-para-o-bem; neste momento, Sua potência atua em três campos de atividade:

a. Na própria Hierarquia espiritual, revelando a natureza divina da vontade-para-o-bem, que o Reino de Deus deve expressar, como também a natureza do Propósito divino.

b. Na Assembleia das Nações Unidas, mas não no Conselho de Segurança; ali Ele está gerando uma lenta, mas crescente, vontade-para-a-união.

c. Nas massas dos homens de toda parte, fomentando o interesse pelo melhoramento geral.

Sua atividade é, necessariamente, uma atividade de massa, pois Ele só pode canalizar Suas energias através da consciência de massa ou de uma entidade com consciência de grupo, como a Hierarquia, a Organização das Nações Unidas ou a Humanidade. O ponto focal de Seu empreendimento e Agente através do qual é possível fazer a distribuição da Sua energia é o Novo Grupo de Servidores do Mundo, grupo que está singularmente relacionado com este Avatar da Síntese. O objetivo principal do Novo Grupo de Servidores do Mundo é, e sempre foi, reunir todos os agentes de boa vontade que respondem à energia da divina vontade-para-o-bem. O trabalho agora pode ser intensificado de maneira construtiva e criativa por meio da associação do Avatar da Síntese com o Cristo. A tarefa é introduzir solenemente a Nova Era; nessa Nova Era, os cinco Reinos na Natureza começarão a atuar como um todo criador.

O trabalho se enquadra nos seguintes setores, funções ou atividades:

a. A geração de uma síntese ou unidade humana que conduzirá ao reconhecimento universal da humanidade una, em razão do estabelecimento das corretas relações humanas.

b. O estabelecimento de corretas relações com os reinos subumanos da natureza, levando ao reconhecimento universal de que há Um Só Mundo.

c. A ancoragem do Reino de Deus, a Hierarquia espiritual do nosso planeta, em plena e aberta expressão na Terra, levando assim ao reconhecimento universal de que os filhos dos homens são Um só.

O Avatar da Síntese nutrirá e ajudará estes objetivos e, para tal fim, Ele Se associou ao Cristo, atuando através da Hierarquia, sob a instrução do “centro onde a vontade de Deus é conhecida”. Esses três eventos relacionados e pontos de distribuição de energia entraram em atividade durante o período de tensão que, neste momento, suportam o Cristo e a Hierarquia. Todos eles atuam para redirecionar e focar a energia em relação com a humanidade, pois todos resultam da decisão do Cristo, tomada depois de Seu ponto de crise, e estão todos conectados com a preparação hierárquica para o reaparecimento do Cristo.

2. O Cristo como Precursor da Era de Aquário

As pessoas tendem a negligenciar o fato de que, embora o Cristo tenha reconhecido Sua função como Instrutor e Guia espiritual da humanidade, durante a era que está rapidamente chegando ao fim, Ele também reconheceu a obra que deveria realizar quando a era chegasse ao fim e entrasse o novo ciclo astronômico.

O cristão comum é singularmente inconsciente das eras e ciclos pelos quais o nosso planeta passa, sob a influência da progressão solar. A atual e duvidosa ciência da astrologia desviou o legítimo interesse da humanidade pelos ensinamentos astronômicos e pela interpretação espiritual da passagem do Sol pelos signos do zodíaco. No entanto, este reconhecimento está claramente revelado no *Novo Testamento*, e matiza toda a apresentação do relato do Evangelho, além de também estar contido no *Antigo Testamento*. O que foi o pecado dos Filhos de Israel no deserto senão a reversão à antiga adoração mitraica que caracterizava a época em que o sol estava “no signo de Touro”, o touro como é denominado tecnicamente. Eles se curvaram e veneraram o bezerro de ouro e se esqueceram do novo ensinamento da Era de Áries, o Carneiro, na qual estavam entrando, o ensinamento do bode expiatório, que marca toda a história judaica.

O fato de que o Cristo foi o Instrutor do novo período em que o Sol estava entrando, o período de Peixes, é esquecido, mas está claramente evidenciado na simbologia do peixe que consta de maneira consistente nos quatro Evangelhos; o símbolo do peixe é o símbolo astrológico do signo de **Peixes**, e assim é há incontáveis eras. Mas o Cristo também olhou para a frente, para o trabalho a realizar na Era de Aquário, o signo seguinte no qual o Sol entraria. Antes do Seu “desaparecimento”, Ele fez referência ao símbolo da Era de Aquário e à tarefa que deveria realizar então. Com Seus doze discípulos, desempenhou um episódio que tipifica o que posteriormente deveria empreender, quando tivessem decorrido os dois mil anos da Era de Peixes. Ele disse aos discípulos que fossem à cidade, onde encontrariam um homem carregando um cântaro de água, e que deveriam segui-lo até o compartimento superior, no qual se preparariam para o banquete da comunhão, que juntos e com Ele compartilhariam (Lc 22:10). Assim fizeram e ali aconteceu a Última Ceia. O antigo símbolo do signo de Aquário (no qual o nosso Sol está entrando agora) é o do Portador da água, o homem com um cântaro de água. A passagem do Sol pelo signo de Aquário é um fato astronômico, como qualquer pessoa pode descobrir pedindo informações a qualquer observatório; não se trata de um prognóstico astrológico. A grande realização espiritual, o evento evolucionário desta era, será a comunhão e as relações humanas estabelecidas entre todos os povos, possibilitando que os homens de todas as partes se sentem juntos na Presença do Cristo e compartilhem o pão e o vinho (símbolos da nutrição). Os preparativos para este banquete (falando em termos simbólicos) estão em andamento, preparativos que são feitos pelas massas dos próprios homens, à medida que lutam, enfrentam e legislam em prol da nutrição de suas nações, e o tema do alimento ocupa a atenção dos legisladores do mundo todo. Essa partilha, que está começando no plano físico, se mostrará igualmente válida em todas as relações humanas, o que será o grande dom da Era de Aquário para a humanidade. Isto a Igreja ignorou e os eclesiásticos não conseguem explicar o fato de que os judeus tenham

demonstrado preferência pela veneração ao bezerro de ouro, própria da Era de Touro; de que a dispensação judaica tenha usado o símbolo do bode expiatório ou carneiro na era de Áries, o Carneiro, e que os cristãos enfatizem o peixe na era de Peixes, a era cristã.

O Cristo veio para pôr fim à dispensação judaica, que deveria ter chegado ao ponto culminante e ter expirado como religião com o movimento do Sol de Áries para Peixes. Assim, Ele se apresentou a eles como Seu Messias, manifestando-se por meio da raça judia. Ao rejeitar o Cristo como o Messias, a raça judia permaneceu, simbólica e praticamente, no signo de Áries, o Bode expiatório; deverá passar – novamente falando em termos simbólicos – para o signo de Peixes e reconhecer seu Messias quando Ele vier de novo no signo de Aquário. Caso contrário, repetirão seu antigo pecado de não-resposta ao processo evolutivo. Eles rejeitaram o que era novo e espiritual no deserto; fizeram o mesmo na Palestina, há dois mil anos; será que vão fazer a mesma coisa outra vez, quando a oportunidade lhes for oferecida? A dificuldade dos judeus é que estão satisfeitos com a religião de praticamente cinco mil anos e mostram pouco interesse em mudá-la.

O Cristo previu a chegada da Era de Aquário e a colocou para nós de uma maneira gráfica, assim preservando para nós – ao longo dos séculos – um episódio profético, cuja interpretação só é passível de demonstração agora, em nossa época. Em termos astronômicos, ainda não estamos plenamente sob a influência de Aquário; estamos apenas emergindo da influência de Peixes, ainda não foi sentido todo o impacto das energias que Aquário liberará. No entanto, cada ano nos leva mais para perto do centro de poder, do qual o principal efeito será induzir o reconhecimento da unidade essencial do homem, dos processos de partilha e de cooperação, assim como do advento da nova religião mundial, cuja nota dominante será a universalidade e a iniciação. Com a palavra “iniciação” significando os processos de “entrar em”, é realmente exato que a humanidade está sendo submetida hoje a uma verdadeira iniciação, à medida que entra na nova era de Aquário; será então submetida às energias e forças que quebrarão as barreiras da separação e mesclarão e fusionarão a consciência de todos os homens nesta unidade que caracteriza a consciência cristica.

Em junho de 1945, por ocasião da lua cheia (dia tão importante na experiência espiritual do Cristo), Ele assumiu, de maneira incontestada e consciente, as Suas tarefas e responsabilidades como Instrutor e Guia durante o ciclo solar aquariano. Ele é o primeiro dos grandes Instrutores do mundo a cobrir dois ciclos zodiacais – Peixes e Aquário. Esta afirmação é fácil de elaborar e de colocar por escrito, porém, uma vez mais, implica em três modos ou técnicas de aparecimento aos quais já fiz referência. Seu amor irradiante e vitalidade espiritual (aumentados pelas energias do Espírito da Paz, do Avatar da Síntese e do Buda) foram reorientados e canalizados em uma grande corrente e salvos em expressão (se posso exprimir de maneira tão inadequada) nas palavras da Invocação: “Que afluam amor aos corações dos homens... Que a Luz, o Amor e o Poder restabeleçam o Plano na Terra”.

Nessas três palavras – luz, amor e poder – estão descritas as energias de Seus três Associados (o grande Triângulo de Força que se mantém no poder por trás d’Ele): a energia do Buda: Luz, pois a luz sempre vem do Oriente⁵; a energia do Espírito da Paz: Amor, estabelecendo corretas relações humanas; a energia do Avatar da Síntese: Poder, implementando a luz e o amor. No centro deste Triângulo, Ele se posicionou; desse ponto teve início Seu trabalho aquariano, o qual continuará por dois mil e quinhentos anos. Dessa maneira Ele inaugurou a nova era e, nos planos espirituais internos, a nova religião mundial começou a tomar forma. A palavra “religião” diz respeito a relação, e a era de corretas relações humanas e de correta relação com o Reino de Deus teve início. Uma declaração como esta é facilmente feita, mas suas implicações são de longo alcance e portentosas.

⁵ N. do T.: apenas lembrando, o Oriente é o Leste, ou Nascente, representa a direção onde o Sol nasce.

Também naquele momento o Cristo assumiu duas novas funções: uma está conectada com o segundo modo de Seu aparecimento físico e a outra com o modo de sobreparar. Luz, amor e poder estão sendo vertidos sobre as massas e o aumento da consciência cósmica, portanto, está sendo continuamente estimulado. Por meio de Sua Presença física, Ele se tornará o “*Dispensador da Água da Vida*”; pelo fato de sobreparar aqueles que são sensíveis à Sua impressão e à Sua Mente enfocada, Ele se torna o que se conhece tecnicamente como o “*Nutridor dos Pequenos*”.

Como *Dispensador da Água da Vida* e como *Nutridor dos Pequenos*, assume os Seus deveres na Era Aquariana, pois, como centro do Triângulo acima mencionado, Ele influencia, ilumina e produz corretas relações nas massas de homens. Na era que está por vir, pois, Ele será reconhecido como:

1. O Ponto no centro do Triângulo.
2. O *Dispensador da Água da Vida*.
3. O *Nutridor dos Pequenos*.

Assim é descrita a Sua tríplice tarefa para com a humanidade e o trabalho que caracterizará o Seu serviço mundial ao longo da Era de Aquário.

Examinemos essas fases da Sua obra e procuremos entender o significado da responsabilidade que Ele assumiu. É preciso haver certa compreensão, para que o Novo Grupo de Servidores do Mundo e os discípulos ativos no mundo preparem a humanidade de maneira adequada para o Seu aparecimento. É possível realizar muito, desde que os homens se apliquem à compreensão e à atividade necessária subsequente.

Primeiro, como o *Ponto no centro do Triângulo*, o Cristo se torna aquele que despertará os corações dos homens e aquele que instituirá corretas relações humanas, simplesmente sendo o que é e permanecendo inabalável onde se encontra. Assim faz, transmitindo à humanidade as energias dos três pontos do Triângulo que O circunda. Esta energia de natureza tríplice, unificada e impessoal, será propagada universalmente, produzindo um crescimento evolutivo, atraindo povos e nações magneticamente entre si e causando, de maneira automática, o desenvolvimento do sentido de síntese, de uma unidade visível e de uma fusão desejável. Tal como na era de Peixes houve na humanidade o desenvolvimento de uma resposta em massa ao conhecimento e ao princípio inteligência, na era de Aquário será evocada uma resposta em massa às corretas relações, e a boa vontade (como expressão das corretas relações) será a característica da consciência de massa. Pode ser difícil compreender e apreciar esta possibilidade, mas foi igualmente difícil para a massa dos homens dos primeiros séculos da era cristã ou pisciana compreender o futuro avanço dos sistemas educacionais do mundo e a difusão desse conhecimento, que é a característica da nossa presente civilização e cultura. As realizações passadas são sempre a garantia das possibilidades futuras.

Como *Dispensador da Água da Vida*, Seu trabalho é mais misterioso e não tão fácil de entender. Em Sua obra pública, há dois mil anos, Ele afirmou: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10:10). O *Aspecto Vida* – segundo a visão do Cristo – se expressa de três maneiras:

1. *Como vida física*, nutrindo as células do corpo. Esta vida se encontra dentro de cada átomo de substância, como ponto central de luz viva.

2. *Como vividade*, vista como amor e luz dentro do coração. Quando esta vividade está presente e se expressando, o átomo humano se torna parte da Hierarquia espiritual.

3. *Como Vida mais abundante*. Esta vida pode ser conhecida como luz, amor e poder dentro e acima da cabeça do discípulo do Cristo. Esta vida abundante o habilita a cooperar, não apenas com a humanidade e com a Hierarquia espiritual, como também com a própria Shamballa – o centro de vida em sua essência mais pura.

Se dizemos que vida é a vividade que habilita, que torna capaz, as palavras são relativamente sem sentido, não é mesmo? Mas, se vividade fizer referência à vida no plano físico, à vida espiritual do discípulo e ao propósito vivo de Deus, um vago conceito pode advir da maravilha do trabalho empreendido pelo Cristo no passado e previsto por Ele como Sua futura responsabilidade. O Cristo pode mobilizar as energias que se definem pela frase “vida mais abundante”, porque elas liberarão (na Era de Aquário), de maneira nova e dinâmica, as novas energias necessárias para viabilizar a restauração e a ressurreição. Esta nova energia é a “força implementadora da universalidade”; diz respeito ao futuro. A convergência da energia aquariana é um dos fatores que permitirão ao Cristo concluir a Sua tarefa como Salvador e Instrutor do mundo. Foi para o decisivo desempenho de Suas tarefas como Distribuidor, Nutridor e Dispensador com que Ele se comprometeu, em junho de 1945, e assumiu Suas responsabilidades como Precursor e Instrutor da Era de Aquário.

Como *Nutridor dos Pequenos* estamos tratando de um aspecto do trabalho do Cristo que envolve o estímulo das consciências de Seus discípulos, à medida que se preparam para a iniciação ou penetram em fases mais profundas de conhecimento espiritual. O resultado de Seu trabalho no Triângulo com as massas de homens será a apresentação da primeira iniciação – o Nascimento do Cristo na caverna do coração – como cerimônia básica da nova religião mundial. Por meio desta cerimônia, as massas de homens de todas as nações serão habilitadas a registrar de maneira consciente o “nascimento do Cristo” no coração e o “nascer de novo” a que Ele próprio se referiu (Jo 3:3), quando estava na Terra. Este novo nascimento é o que os esoteristas querem dizer quando falam de primeira iniciação. No futuro, não será a experiência de um discípulo especial, mas a experiência geral de incontáveis seres ao se encerrar a Era de Aquário. As águas purificadoras da Iniciação do Batismo (a segunda iniciação) batizarão centenas de aspirantes de muitas nações e essas duas iniciações (que são preparatórias para o verdadeiro serviço e para a terceira Iniciação da Transfiguração) colocarão o selo de aprovação na missão do Cristo como Agente do grande Triângulo espiritual que Ele representa.

O principal trabalho do Cristo, porém, no que diz respeito aos discípulos e às pessoas de verdadeira orientação espiritual do mundo, como também aos milhares de seres humanos que compõem a humanidade avançada, é “nutrir” sua consciência e vida espiritual de maneira que fiquem preparadas para tomar a terceira e a quarta iniciações – da Transfiguração e da Renúncia (ou Crucificação).

Como sabem os esoteristas, o termo “os pequenos” se refere aos discípulos que são “as criancinhas em Cristo” (como o *Novo Testamento* os denomina) e que já tomaram as duas primeiras iniciações, a do Nascimento e a do Batismo. Estão conscientes da aspiração espiritual, indicativa da vida crística em seus corações, e se submeteram aos processos de purificação que culminam nas águas batismais. O Cristo deve preparar estes aspirantes para as iniciações superiores e, assim, nutri-los e ajudá-los, para que possam permanecer diante do Iniciador Uno e se tornem pilares no Templo de Deus (a saber, Agentes da Hierarquia espiritual e, portanto, discípulos ativos e laboriosos).

Quando estava na Palestina, séculos atrás, afirmou: “Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14:6), o que foi um prognóstico da obra que seria solicitado a realizar na Era de Aquário. Nas duas primeiras iniciações, os aspirantes (instruídos pelos discípulos avançados), alcançam o caminho para o Cristo, que as ministra, mas – com essas palavras – Ele está se referindo a estados de desenvolvimento ainda mais elevados. Por meio dessas iniciações, ministradas pelo Cristo, o discípulo se torna agente do amor de Deus; as iniciações superiores o habilitam, porém, a se tornar, etapa após etapa, um agente da vontade de Deus. O primeiro grupo sabe e compreende a segunda estrofe da Invocação: “Desde o ponto de amor no coração de Deus, que afluxa amor aos corações dos homens”; o grupo que (na Era de Aquário) o próprio Cristo “nutrirá” e preparará, vai saber o significado da terceira estrofe: “Desde o centro onde a Vontade de Deus é conhecida, que o propósito guie as pequenas vontades dos homens”.

O trabalho do Cristo, na Era de Peixes, foi relacionar a humanidade com a Hierarquia do planeta; na Era de Aquário Seu trabalho será relacionar este grupo, em rápido crescimento, ao centro superior onde o Pai é contactado, onde é concedido o reconhecimento da filiação e onde é possível conhecer o propósito divino. Com esse trabalho futuro do Cristo, os três aspectos divinos, reconhecidos por todas as religiões do mundo (entre elas a religião cristã) – Inteligência ou Mente Universal, Amor e Vontade – serão desenvolvidos de maneira consciente entre os homens; a humanidade, a Hierarquia Espiritual e o “centro onde a Vontade de Deus é conhecida” serão levados a uma relação mais aberta e geral.

A abordagem mística ao Reino de Deus se desvanecerá gradualmente, à medida que a raça for alcançando mais inteligência e uma abordagem mais científica for facilitada; os requisitos para admissão neste Reino conhecerão a objetividade, as leis que regem o centro mais elevado da vontade divina também serão reveladas aos membros do Reino de Deus e tudo isso sob a supervisão do Cristo, depois de reaparecer entre os homens. O princípio predominante de Sua missão será então evocar na humanidade uma resposta à influência espiritual e um desenvolvimento (em ampla escala) da percepção intuitiva – faculdade, no momento, muito rara. Quando Ele veio antes, evocou na humanidade uma resposta gradual à verdade e à compreensão mental. Eis a razão de termos formulado doutrinas e disseminado desenvolvimento mental e intelectual no fim do ciclo que Ele inaugurou há dois mil anos.

3. O Cristo como Liberador de Energia

Nos primeiros três meses do período de crise pelo qual passaram o Cristo e a Hierarquia e que terminou com o anúncio de Sua decisão, determinadas grandes Energias ou correntes fundamentais de força foram disponibilizadas para o Cristo e Seus discípulos. Hoje, o fato de que energia é a substância básica do universo, de que todas as formas de vida são formas de energia que vivem dentro de formas de energia maiores e de que todas as formas – grandes ou pequenas – usam energia e atuam como distribuidoras de energia é um fato bem conhecido e de aceitação geral por todas as pessoas reflexivas e inteligentes. A fala, a palavra escrita e a atividade motivada, todas são expressões de energia que levam à difusão da energia e a atividades que são expressões de energia e a causa de distribuição de energia. Os governos, as igrejas, as organizações e os grupos, todos eles são distribuidores e também reservatórios de energia. A própria humanidade é um grande centro de energia que exerce efeito sobre todos os reinos subumanos e forma dentro de si mesma, similarmente, um grande sistema de energias inter-relacionadas. O mesmo é válido para o indivíduo que, por meio de seus atos e palavras, emprega energia, produz efeitos que são efeitos da energia e atua como distribuidor de energia.

No que diz respeito ao indivíduo pouco desenvolvido, ele nada compreende disto e a energia que manipula é, relativamente, de pouca importância. Com o avançar da evolução, e os

homens e mulheres alcançando poder e expressão, o uso que fazem da energia é, com frequência, de grande importância; tornam-se centros dinâmicos de distribuição de energia e suas palavras (faladas ou escritas), como também suas atividades, produzem grandes efeitos e importantes resultados. A Hierarquia é um grande centro de energia e, por meio do Cristo, sua energia chega à humanidade; é esse o significado de Suas palavras: “Eu vim para que tenham vida”. Vida e energia são termos sinônimos.

Durante a guerra (1914-1945), o Cristo e a Hierarquia observaram um mundo em agonia; homens e formas morriam por todo lado; antigos ideais, organizações e grupos se extinguíam e o espectro da morte espreitava por toda parte. A destruição caracterizava o mundo fenomênico como também os mundos mais sutis do sentimento e do pensamento; a vida se retraía e o resultado era a morte. O problema do Cristo e de Seus discípulos era cuidar para que o antigo e o indesejável não se reavivassem. A tarefa não era ressuscitar o morto e o inútil; o influxo direto de vida, transportando a capacidade de construir de novo e a energia capaz de produzir um novo mundo e uma nova civilização – essa era Sua oportunidade e responsabilidade.

As forças reacionárias do mundo – políticas e religiosas – desejavam a ressurreição das formas antigas e extintas; se opuseram com toda a sua influência (que é apenas outro nome para energia) a tudo que era novo e, isto, ainda estão fazendo. As forças progressistas lutam apenas pelo que é novo e não procuram preservar nada das formas antigas, ainda que pudessem servir a algum propósito útil. A rejeição energética que dão a tudo que é do passado e a energia destruidora que lançam contra qualquer coisa que seja do antigo regime também estão dificultando os esforços da Hierarquia. Nessas forças progressistas recai a esperança, mas, infelizmente, carecem de capacidade de ação e têm grande amor pela destruição. O Novo Grupo de Servidores do Mundo sustenta-se com firmeza no “Nobre Caminho do Meio” (como Buda o denominou) e procura um enterro decente para as formas antigas, implementar o novo e restaurar o que no passado se mostrou útil e bom e que poderia formar o germe vivo da nova criação.

Na oportunidade da Lua cheia de abril de 1945, durante a Páscoa daquele ano e por um período de cerca de cinco semanas, as Forças de Restauração deram início ao seu trabalho, emergindo, primeiro, nos planos mais sutis da experiência humana. Este tipo de energia é especialmente criador por natureza e conduz a “vida que produz o nascimento das formas”. Ela foi vertida na Hierarquia por intervenção de determinados Mestres e Seus grupos de discípulos e foi imediatamente transmitida por Eles à humanidade como um todo. Trata-se de uma energia de massa que se relaciona com o estímulo da inteligência das massas; não é a energia que consideramos antes, quando tratamos da consciência crística no homem. Trata-se da energia que faz o homem pensar, planejar e agir; não produz resultados bons nem maus, apenas fomenta o despertar das mentes dos homens para que ajam com inteligência. Tal atuação depende, necessariamente, do tipo de mente do homem que responde às forças de restauração, é condicionada pelo ponto de evolução que ele atingiu, sua raça, contexto nacional, tradição e reações decorrentes de sua educação e religião. Estas forças agora estão ativas em todas as nações, muitas vezes produzindo dificuldades iniciais maiores, mas levando, oportunamente, a uma reorganização definida da vida nacional ou planetária. Os efeitos serão principalmente físicos; eles impulsionarão um novo mundo no qual as evidências de guerra terão desaparecido; a saúde física de homens e animais será melhorada e os grandes centros e as pequenas cidades serão reconstruídos. O objetivo é a produção de uma nova Terra com todas as manifestações externas de afluxo de vida nova.

Seguindo-se a este afluxo, durante a Lua Cheia do Buda, em maio de 1945, as forças de iluminação entraram em atividade e a luz começou a afluir às mentes dos homens. Na realidade, trata-se de energias que dão início à nova educação mundial. Os primeiros a receberem os efeitos são os grandes movimentos educacionais, as assembleias populares em

todas as nações e os valores que estão sendo expostos agora por meio do rádio e da indústria de imagens; outros profundamente afetados são a imprensa, os editores da literatura mundial, conferencistas, escritores, comentaristas da radiodifusão, jornalistas e os trabalhadores no campo social. Tais efeitos podem não ser aparentes ainda em razão do pouco tempo transcorrido, mas todos esses movimentos e pessoas são os beneficiários hoje das energias de iluminação, desde que estejam prontos para reconhecer as novas ideias emergentes; são os guardiões e agentes distribuidores desta energia, canalizando-a e dirigindo-a para que as massas e as pessoas de toda parte fiquem sob sua influência. Eclesiásticos progressistas e liberais de todas as religiões do mundo também respondem a esta energia, mas sua utilidade é bastante prejudicada em razão da natureza reacionária do contexto ou campo em que têm de atuar; deparam-se com uma tarefa quase impossível.

Essas energias de iluminação chegam à humanidade por meio do Novo Grupo de Servidores do Mundo, o qual é muito sensível ao seu impacto, e que está em posição de distribuí-las, porque trabalha em todos os campos de atividade mencionados acima.

As forças de restauração relacionam-se com a mente de Deus, da qual emanam, e estão conectadas com o princípio inteligente da natureza divina; o intelecto é o aspecto divino que distingue o homem de todas as outras formas da natureza. As forças de iluminação provêm do Coração de Deus e se relacionam com a compreensão divina e, assim, podem alcançar e fortalecer todos aqueles que amam e servem aos seus semelhantes. Esta energia se relaciona com o segundo aspecto ou princípio da divindade, amor-sabedoria, do qual o Buda e o Cristo são as duas relevantes expressões divinas. É principalmente através d'Eles e de Seus discípulos, os Mestres na mesma linha de expressão divina, que essas energias chegam até a humanidade, canalizadas pelo Novo Grupo de Servidores do Mundo.

O Cristo e o Buda combinaram o Caminho da Mente e o Caminho do Coração em Sua perfeição e se elevaram acima de Seus semelhantes das alturas de Sua realização. Influenciaram hemisférios e séculos, sendo que os filhos menores de Deus exerceram influência sobre países e períodos de tempo mais curtos. Falta-lhes consumir a obra, embora o trabalho indicado não resida tanto nas formas que corporificam Seus divinos princípios proclamados – Luz e Amor – mas com as Almas que evoluíram pela aplicação desses princípios.

Em junho de 1945, o Cristo pôs em movimento as forças de reconstrução que se relacionam com o aspecto Vontade da divindade, e que ainda permanecem como as menos potentes das três correntes de energia liberadas durante os três Festivais da Lua cheia de 1945. Estas forças de reconstrução são decisivas, sobretudo em relação às entidades que chamamos de nações. A Hierarquia, neste momento, está procurando canalizá-las para a Organização das Nações Unidas; o uso a ser feito destas energias impessoais depende da qualidade e da natureza da nação beneficiária, da grandeza de sua verdadeira iluminação e do seu ponto de evolução. As nações hoje são a expressão do egoísmo massificado de um povo e de seu instinto de conservação. Estas energias podem, pois, aumentar esse aspecto de suas vidas e podem, apesar disso, aumentar a potência do objetivo que a Organização das Nações Unidas (no presente) sustentam teoricamente diante dos olhos dos homens de todas as partes. O principal objetivo da Hierarquia é, pois, distribuir essas energias construtivas e sintetizadoras, de maneira que a teoria de unidade possa ser lentamente levada à prática e a palavra “Unidas” possa passar a ter um verdadeiro significado e alcance. Com este tipo de energia o Avatar da Síntese está especialmente vinculado. Ele transmitirá à humanidade, com a ajuda do Cristo, algo para o qual ainda não temos denominação. Não é nem amor nem vontade, como os entendemos. Somente uma frase de várias palavras trará para nós algo do seu significado, e ela é: “o princípio do Propósito direcionado”, o qual implica em três coisas:

1. Compreensão do Plano – intuitiva e instintiva espiritualmente, mas interpretada com inteligência – na medida que possa ser cumprido no futuro imediato pelo Cristo e Seus discípulos.

2. Intenção enfocada, baseada no exposto acima e enfatizando um aspecto da vontade, até agora não desenvolvido no homem.

3. Capacidade de direcionar energia (pelo entendimento e intenção) para um fim reconhecido e desejado, superando todos os obstáculos e destruindo tudo que está em seu caminho. Isto não quer dizer a destruição das formas pela força, tal como vem sendo imposta no mundo, mas a destruição causada pela vida grandemente fortalecida dentro da forma.

O significado destes princípios divinos fará pouco sentido para nós nesses dias; estamos tratando de grandes mistérios. Um mistério continua sendo um mistério somente quando existem ignorância e descrença. Não há mistério onde há conhecimento e fé.

Tudo que sabemos hoje é que o Cristo fusionará e combinará em Si mesmo três princípios da divindade; quando Ele aparecer, “a luz que sempre existiu será vista; o amor que nunca cessa será realizado e o resplendor, profundamente oculto, irromperá”. Teremos então um novo mundo, o qual expressará a luz, o amor e o conhecimento de Deus, que aumentarão gradualmente.

A beleza desta síntese que o Cristo manifestará e a maravilha da oportunidade apresentada certamente serão evidentes para todos nós. Grandes Forças, sob potente Liderança espiritual, estão se preparando para se precipitar neste mundo de caos, de confusão, de aspiração, de esperança e de perplexidade. Estes grupos de energia estão prontos para ser enfocados e distribuídos pela Hierarquia, e esta Hierarquia, sob Seu grande Líder, o Cristo, está mais perto do gênero humano do que jamais esteve na história da humanidade. Em todos os países, o Novo Grupo de Servidores do Mundo também está atento a esta condução, unido em idealismo, objetivos humanitários, sensibilidade à impressão espiritual, propósitos subjetivos, amor aos semelhantes e dedicação ao serviço altruísta. Homens e mulheres de boa vontade encontram-se em todas as partes, estão prontos para ser guiados em uma atividade construtiva e a se tornarem agentes, gradualmente treinados e instruídos, para o estabelecimento do que nunca existiu de fato até agora – corretas relações humanas.

Assim, do Ser espiritual mais elevado do nosso planeta, passando pelos grupos espirituais qualificados de homens iluminados e aperfeiçoados, que trabalham do lado interno da vida, até o mundo externo do viver diário, em que servem homens e mulheres reflexivos e amorosos, a onda da nova vida avança. O Plano está pronto para aplicação imediata e implementação inteligente; os trabalhadores estão a postos e a capacidade de trabalho é adequada à necessidade. Acima de tudo, a Hierarquia permanece e o Cristo está pronto para se revelar e demonstrar a realidade.

4. O Cristo como Unificador de Oriente e Ocidente

Este enunciado é incômodo para o eclesiástico cristão, ortodoxo e restrito; significa, precipuamente, que o Cristo trabalhará na mais estreita cooperação com o Buda, até haver, de fato, esta fusão e reconstrução. O Buda está estreitamente aliado ao Cristo neste processo de Reaparecimento, mas não estará ativo nem envolvido durante todo o período da vinda do Cristo e no trabalho ativo na Terra. Como sabem, Ele não abandonou Seu contato e relação com a humanidade, embora tenha renunciado a Seu corpo físico há séculos. Assim fez para cumprir determinada tarefa que Lhe foi designada e que comportava (além de vários fatores desconhecidos para a humanidade) atividades conectadas com a obra do Cristo, com a

proximidade de Sua vinda e com certos planos para a futura civilização da Era de Aquário. Como sabem milhões de pessoas, todos os anos (por ocasião do Festival de Wesak, na Lua Cheia de maio), Ele se comunica com a humanidade por intermédio do Cristo e da atenta Hierarquia reunida. Assim atua como agente que promove a relação entre o “centro onde a Vontade de Deus é conhecida” e o “centro a que chamamos raça dos homens”. Estas duas frases descritivas são usadas deliberadamente, porque todo o trabalho que estes dois Grandes Filhos de Deus estão fazendo agora diz respeito à distribuição de energia – a energia da luz e a energia de amor. É por intermédio do Triângulo mencionado acima que a energia da vontade será distribuída oportunamente e um desses Distribuidores divinos é o Buda.

Na realidade, o trabalho do Buda para a humanidade está praticamente terminado e Sua longa aliança com a raça dos homens humana quase chegou ao fim. No momento em que o reaparecimento do Cristo for um fato consumado e a regência das corretas relações humanas estiver começando realmente a condicionar a vida humana, o Buda se trasladará para o trabalho que está aguardando por Ele. Um dos discípulos avançados do Cristo, cuja posição se aproxima à do Cristo em termos de status hierárquico assumirá Seu lugar e dará continuidade ao trabalho relacionado com a humanidade.

Na oportunidade em que este Mestre específico assumir Sua tarefa, o princípio inteligência ou conhecimento, característica relevante da humanidade, terá sido transmutado substancialmente em sabedoria pela classe intelectual do mundo, embora não ainda pelas massas de homens. Sabedoria é a característica predominante do Buda e o impulso desta energia de sabedoria será oportunamente tão forte que não precisará mais de distribuição ou controle do Buda. Ele então poderá se reorientar para esferas de atividade mais elevadas, onde se situa o Seu verdadeiro trabalho, e começar a trabalhar com um aspecto da sabedoria do qual nada sabemos, mas do qual tanto o conhecimento como a sabedoria vêm se expressando por intermédio do Cristo e do Buda; posteriormente, pela cooperação do Avatar da Síntese, o Cristo estará apto a mesclar em Si estas duas grandes energias divinas e tornar-se uma pura expressão de amor e sabedoria, de corretas relações e compreensão intuitiva.

Para viabilizá-lo e dessa maneira liberar Seu Irmão espiritual da árdua tarefa de relacionar a humanidade com o “centro onde a Vontade de Deus é conhecida” (Shamballa), o Cristo está se submetendo, neste momento, a um processo excepcional de treinamento, do qual os Seus trinta anos de trabalho na oficina de carpintaria, na Palestina, foi o símbolo, até agora não reconhecido. A palavra “carpintaria” quer dizer edificação, construção e significa (por derivação) indivíduo que é artífice em madeira ou construtor de casas de madeira. É este o verdadeiro significado do relato bíblico da crucificação do Cristo na cruz de madeira ou árvore. Relaciona-se, na verdade, com a decisão que o Cristo tomou no Horto de Getsêmani, de assumir o trabalho de construção ou reconstrução em Aquário, assim concluindo a tarefa que empreendeu na Era de Peixes. Ele e Seus discípulos, e o Novo Grupo de Servidores do Mundo, são os construtores consagrados da nova civilização, a nova “casa da humanidade”. O trabalho preparatório que Ele está realizando agora O capacitará a demonstrar por meio da sabedoria (e não só por meio do amor) a natureza dos planos hierárquicos, as sábias medidas construtivas, a prudente escolha dos construtores e dos métodos de construção corretos.

Portanto, é evidente que o maior dos Filhos de Deus, o Cristo, Representante da humanidade e do segundo aspecto divino, demonstrará dentro de Si, durante a Era de Aquário e depois de Seu reaparecimento, determinadas grandes dualidades, fusionadas e combinadas. Seria valioso para nós estudá-las e saber quais são:

1. A fusão do segundo aspecto divino de Amor com o primeiro aspecto divino da Vontade – a Vontade-para-o-bem.

2. A fusão de amor e sabedoria, capacitando-O a ser o Construtor da nova era e civilização.

3. A fusão da energia de Peixes, gerada durante os últimos dois mil anos de atividade espiritual do Cristo, com as energias de Aquário que serão geradas e estarão ativas na Terra durante os próximos dois mil ou dois mil e quinhentos anos.

É para este processo de fusão e para tudo que ele acarreta que o Cristo está agora se submetendo ao treinamento. Ao concluí-lo, Ele pode se tornar, em um sentido que até agora Ele desconhece, o ponto focal e o Agente transmissor das seguintes cinco energias divinas:

1. A energia do Amor.

2. A energia da Vontade.

3. A energia da Sabedoria.

4. A energia pisciana, gerada durante a era cristã.

5. A energia aquariana, que já é gerada nos planos internos do pensamento e do sentimento, e a ser gerada nos séculos à frente.

As linhas do Seu treinamento são conhecidas apenas pelo Cristo, pelo Buda e pelo Avatar da Síntese. Todo treinamento esotérico ou espiritual deve ser autoaplicado e isto é válido para o Cristo como para o aspirante mais humilde. Para nós não é possível entrar nos processos de pensamento, nas reações e no planejamento do Cristo.

Na Palestina, Seu aparecimento foi sobretudo profético e Sua obra, essencialmente, assentar a base para as atividades que se seguirão ao Seu reaparecimento, além de lançar a semente cuja colheita Ele fará na nova era. A tragédia do Seu reaparecimento há dois mil anos matizou a apresentação da verdade por parte dos teólogos e os levou a postular uma história infeliz, produzindo um mundo miserável e desditoso. Esta tragédia baseou-se em:

1. Sua descoberta de que a humanidade não estava pronta para o que Ele veio dar e que seriam necessários séculos de muita experiência, ensinamentos, provas e testes para que Seu verdadeiro trabalho pudesse começar.

2. Seu reconhecimento de que Ele próprio precisava de uma relação mais profunda com o centro, ao qual sempre se referia como “a Casa do Pai”; foi esta compreensão que O levou ao comentário de que Seus discípulos poderiam e fariam “coisas maiores” do que Ele havia feito e que tinha de ir para Seu Pai.

3. A conclusão à qual chegou de que deveria ter mais colaboradores e agentes treinados e dedicados do que foi possível naquela época, ou se mostrou possível desde então. Daí a formação e o treinamento do Novo Grupo de Servidores do Mundo. Quando houver servidores e colaboradores iluminados em número suficiente, Ele virá e nada poderá deter Sua vinda.

4. Ele também verificou que os homens não estavam desesperados a ponto de “tomarem o Reino dos Céus pela violência”; somente quando em desespero e no completo limite das forças, o discípulo encontra o caminho para esse Reino e está pronto para abandonar as antigas veredas. O que é válido para o indivíduo também deve ser, em larga escala, para a humanidade.

É para todo o mundo que o Cristo vem, não apenas para o mundo cristão. Vem para o Oriente e para o Ocidente, e previu o “momento do fim” com suas catástrofes planetárias, desastres fenomênicos, desespero e invocação – acontecendo tanto no Oriente como no Ocidente. Sabia que na hora da crise e da tensão final, a própria humanidade provocaria a Sua exteriorização. O relato do *Novo Testamento* é real e exato; apenas as interpretações feitas pelos homens orientaram a humanidade incorretamente.

No Oriente há uma antiga lenda que se aplica hoje e que contém a chave da relação do Cristo com o Buda; diz respeito ao serviço que, segundo a lenda, o Buda prestará ao Cristo. Em forma simbólica, a lenda diz que quando o Buda alcançou a iluminação e a experiência na Terra não tinha mais nada a Lhe ensinar, Ele visualizou o futuro em que Seu Irmão, o Cristo, estaria ativo no Grande Serviço – como era denominado. Assim, para fins de ajudar o Cristo, Ele deixou para trás (para Seu uso) o que misteriosamente é denominado de “Suas vestiduras”.

Legou e deixou em algum lugar seguro a totalidade de Sua natureza emocional-intuitiva, que alguns chamam de corpo astral, e o somatório de Seu conhecimento e pensamento, chamado de Sua mente ou corpo mental. Diz a lenda que Aquele que Vem assumirá esses corpos e se mostrarão úteis, complementando o Próprio instrumental emocional e mental do Cristo e proporcionando a Ele o que necessita como Instrutor tanto do Oriente como do Ocidente. Ele poderá então contemplar com vigor e bom êxito Seu futuro trabalho e escolher Seus colaboradores. O preceito dado em O *Novo Testamento* contém algo latente desta mesma ideia: “Seja a atitude de vocês a mesma do Cristo”. (Fp 2:5).

Desta maneira o Cristo, com as energias de amor e sabedoria fusionadas, com a ajuda do Avatar da Síntese e do Buda e sob a influência do Espírito da Paz e do Equilíbrio, pode implementar e dirigir as energias que produzirão a vindoura e nova civilização. Ele verá se demonstrar ante Seus olhos a verdadeira ressurreição – a saída do gênero humano da confinante caverna do materialismo. Assim Ele “verá o fruto do trabalho da Sua alma e ficará satisfeito”. (Is 53:11).

Capítulo V

OS ENSINAMENTOS DO CRISTO

- O Estabelecimento de Corretas Relações Humanas.
- A Lei do Renascimento.
- A Revelação do Mistério da Iniciação.
- A Dissipação da Miragem (Glamour).

Poderia ser útil fazer algumas observações preliminares sobre o tema geral dos ensinamentos dados (ao longo das eras) pelos filhos de Deus que se revelaram na hora da necessidade da humanidade, a fim de apresentar à consciência dos homens de Sua época determinadas ideias e conceitos da verdade. Quando Eles vêm, Seu objetivo é atender à necessidade imediata, de maneira que as ideias apresentadas possam se tornar ideais, aos quais, oportunamente, a vida da humanidade se ajustará, impulsionando uma civilização melhor. Houve uma grande continuidade desses ensinamentos ao longo das eras.

Não haveria tempo para escrever nem para ler uma análise ou formulação completa da progressiva revelação de ideias que grandes e iluminadas mentes, autorizadas pela Hierarquia

espiritual do planeta, trouxeram à humanidade. Todos os Instrutores cíclicos (para diferenciá-los dos muitos Instrutores menores) dominaram a vida nos três mundos da evolução humana – físico, emocional e mental – por Si mesmos, e obtiveram controle sobre o nível físico da consciência, Sua natureza emocional, chegaram à compreensão mental e, afinal, à iluminação.

O problema da Hierarquia foi (e ainda é) o quanto a humanidade tem capacidade de captar acerca da verdade, e até que ponto a verdade absoluta pode ser apresentada às suas mentes em processo de despertar; Eles têm que decidir qual aspecto da verdade universal habilitará o homem a emergir de suas dificuldades e, assim, avançar no Caminho de Retorno para Deus; Eles têm que saber, portanto, em que ponto da escala da evolução está a humanidade em qualquer dado período. Isto em si constitui um campo de averiguação para Eles.

O método observado até agora foi decidir qual é o maior fator que falta no homem para a percepção da realidade (em qualquer dado momento) e qual verdade divina reconhecida contém em si as sementes de uma atividade viva para uma humanidade que se encontra em uma condição específica, necessitando de determinado tipo de ajuda. Eles também têm que determinar qual a melhor maneira de apresentar essa ajuda, para que os resultados sejam duradouros, culturais e eficazes. Até agora, os conceitos apresentados foram formulados pelos Instrutores mundiais do período e apresentados a poucos e escolhidos, cuja tarefa foi levar a ideia recém-apresentada e promulgá-la entre os homens iluminados o bastante para que a aceitem, divulguem, vivenciem e popularizem. Assim fazem há eras, com maior ou menor sucesso.

Também não é possível relacionar aqui as verdades, relativamente poucas, que guiaram o desenvolvimento da humanidade na antiga Atlântida; contudo, elas configuraram o sólido fundamento de todo ensinamento posterior. Podemos estudar (como background para as nossas considerações sobre os ensinamentos que o Cristo dará *depois* de Seu reaparecimento) vários dos conceitos menores que subjazem nos ensinamentos de todas as religiões mundiais e que os instrutores religiosos modernos deveriam estar apresentando à mente do público.

O primeiro Instrutor é de época tão remota que não se pode dizer quando Ele realmente viveu; até mesmo Seu nome foi modernizado, atribuído a um antigo herói-instrutor. Seu nome é *Hércules*. Ele apresentou ao mundo, sob a forma de drama mundial pictórico (simbólico por natureza), o conceito de um grande objetivo, alcançado apenas após lutas e dificuldades. Ele apontou uma meta para a qual os homens devem se encaminhar, independente dos obstáculos, os quais retratou nos Doze Trabalhos de Hércules sob a forma de mitos e não de eventos reais. Assim simbolizou para aqueles que tinham olhos para ver e coração para entender a natureza do problema que teriam de solucionar no Caminho de Retorno para Deus; Ele caracterizou a jornada de retorno do Filho Pródigo para a Casa do Pai, e as provas e testes que todos os aspirantes, discípulos e iniciados têm que enfrentar e que já enfrentaram Todos Aqueles que compõem hoje a Hierarquia espiritual. Ao considerarmos esta exposição, devemos incluir também o Cristo, O Qual, como nos é dito, “passou por todo tipo de tentação, como nós”, (Hb 4:15), mas que também passou triunfante pelas provas e testes.

Em determinada data também desconhecida, veio *Hermes* que, segundo os registros, foi o primeiro a proclamar a Si Mesmo como “a Luz do Mundo”. Mais tarde apareceu o grande Instrutor *Vyasa*. Ele deu uma simples e necessária mensagem, a de que a morte não é o fim. Desta época derivou o pensamento da humanidade sobre a possível imortalidade da alma. De maneira vaga e instintiva, os homens tinham a esperança e a percepção de que o descarte do veículo físico não era a consumação final de toda luta, amor e aspiração humanos; naquelas épocas antigas, a sensação dominava e o instinto conduzia; o pensamento não existia nas massas de homens como há hoje. Neste período de culminação em que vivemos agora, o

trabalho do movimento espírita em suas várias formas é, na verdade, a eclosão daquela corrente de energia mental e da ideia que Vyasa implantou na consciência humana, há milhares de anos. O esforço dos intelectuais para provar a possibilidade científica da imortalidade também é parte desta grande corrente, levada aos níveis intelectuais e, assim, salvando o trabalho de Vyasa das brumas, do espelhismo e da desonestidade psíquica com os quais está envolvido em nossos dias. A realidade da imortalidade está hoje na iminência de comprovação científica; a realidade da sobrevivência de determinado fator já foi provada, embora o que foi demonstrado como sobrevivente, ao que parece não é em si, intrinsecamente, imortal. A natureza real da alma e a realidade da sobrevivência da alma e de sua existência viva eterna seguem juntas e ainda não foram provadas cientificamente; no entanto, são conhecidas e aceitas hoje como verdades por milhões de homens e por muitos intelectuais que – a menos que se trate de histeria e fraude coletivas – já têm sua existência corretamente conjecturada.

O *Buda* é o Instrutor seguinte ao qual devemos nos referir, embora tenham existido muitos outros entre Seu tempo e o de Vyasa. Ao longo desses séculos, cuja história é de contornos relativamente obscuros e vagos, a inteligência dos homens se expandiu rapidamente e a percepção inquisitiva da humanidade se mostrou cada vez mais ativa. A formulação de perguntas, para as quais não parecia haver resposta clara ou fácil, se enfocou em um grupo de pensadores na Índia, e eles representaram os homens reflexivos de todas as nações. Eles colocaram as antigas perguntas do porquê haver dor e sofrimento em todas as nações e em toda vida; perguntaram o que causava essas coisas e o que se deveria fazer para mudar tais circunstâncias de vida; eles pediram para saber qual era o princípio integrador no homem, o que era a alma e se havia um eu. O Buda veio para dar a resposta e assentar os fundamentos para uma abordagem mais iluminada à vida, dando os ensinamentos que abririam as portas para a obra do Cristo, o Qual, Ele sabia, seguiria Seus passos.

É interessante lembrar que quando o Buda veio, cerca de quinhentos anos antes do Cristo (pois a data exata do nascimento do Cristo ainda é alvo de debates), as primeiras vagas influências da Era de Peixes começavam a se fazer sentir, colidindo com a potente qualidade da Era de Áries, o bode expiatório ou o Carneiro. Foi a influência dessa era – que persistiu por toda a dispensação judaica – que levou, a certa altura, à distorção dos simples ensinamentos do Cristo quando Ele veio. Ele foi apresentado de maneira errada ao mundo como o bode expiatório vivo, levando embora os pecados das pessoas, dando origem assim à doutrina da expiação vicária. São Paulo foi o responsável por esta interpretação. Um exemplo de distorção similar, também foi de origem judaica e apareceu nas primeiras etapas do ciclo de Áries, o Carneiro; foi dito que os Filhos de Israel se prosternaram e veneraram o bezerro de ouro, o símbolo de Taurus, o Touro, que fora o ciclo astronômico anterior. Trata-se de ciclos astronômicos e não de signos astrológicos. Nas primeiras etapas de Áries, o ensinamento retrocedeu ao de Touro e, nas primeiras etapas de Peixes, reverteu ao de Áries, e assim selou o retrocesso do ensinamento que hoje controla tantos cristãos ortodoxos.

O Buda respondeu às perguntas postuladas na Sua época transmitindo as *Quatro Nobres Verdades* que, de maneira satisfatória e eterna, respondem à inquirição que faz o homem do porquê. Essas Verdades sintetizam-se da seguinte maneira: o Buda ensinou que a dor e o sofrimento são produzidos pelo próprio homem e que o enfoque do desejo humano no indesejável, efêmero e material é a causa de todo desespero, ódio e rivalidade, e a razão pela qual o homem vive no reino da morte – o reino da vida física, que é a verdadeira morte do espírito. Ele deu uma excepcional contribuição aos ensinamentos divulgados por Hércules e Vyasa, tendo concorrido para a estruturação da verdade que Eles haviam estabelecido. Deste modo Ele preparou o caminho para o Cristo. Entre as épocas destes dois grandes Instrutores, o Buda e o Cristo, apareceram Instrutores menores para reforçar e complementar as verdades fundamentais já dadas. Entre eles, Sankaracharya foi um dos mais importantes, porque deu

profundas instruções sobre a natureza do Eu. Também vale notar o Instrutor da Bhagavad-Gita, Shri Krishna, pois muitos creem ter sido Ele uma encarnação anterior do Cristo.

Assim foram sempre dadas pelo Filho de Deus as verdades essenciais sobre as quais está fundamentada a relação com Deus (e, portanto, com nossos semelhantes) e Ele – em qualquer período mundial – é o Guia Instrutor da Hierarquia espiritual.

No devido tempo, o *Cristo* veio e deu ao mundo (sobretudo por meio dos Seus discípulos) duas grandes verdades: a realidade da existência da alma humana e, segundo, o sistema de serviço (esta frase é usada deliberadamente) como maneira de estabelecer corretas relações humanas – com Deus e com os semelhantes. Disse aos homens que são todos filhos de Deus, no mesmo sentido que Ele; disse, de várias maneiras simbólicas, quem e o que Ele era, assegurando-lhes que poderiam fazer coisas ainda maiores do que Ele fez, porque são tão divinos como Ele.

Estas coisas maiores, a humanidade já realizou no plano físico e em seu controle da natureza, como o Cristo sabia que os homens fariam, porque conhecia a atuação da Lei de Evolução. Ele ensinou que o serviço era a chave da libertação, ensinando-lhes a técnica do serviço por meio da Sua própria vida, à medida que fazia o bem, curava o doente, pregava e ensinava sobre as coisas do Reino de Deus e alimentava o faminto, tanto física como espiritualmente. Ele fez da vida cotidiana uma esfera de vivência espiritual, assim enfatizando o ensinamento do Buda, de nada desejar para o eu separado. Assim o Cristo ensinou, amou e viveu, levando adiante a notável continuidade da revelação e do ensinamento hierárquico; em seguida, entrou, por nós, para trás dos véus, deixando-nos um exemplo para que seguíssemos Seus passos (1Pe 2:21) – segui-Lo em Sua crença na divindade, em Seu serviço e em Sua habilidade de penetrar naquela área de consciência e campo de atividade que chamamos de verdadeira Igreja do Cristo, a Hierarquia espiritual do nosso planeta (presentemente invisível), o verdadeiro Reino de Deus. O véu que oculta a verdadeira igreja de nós está agora em processo de desaparecer e o Cristo está na iminência de reaparecer.

À luz do passado e das atuais necessidades da humanidade, que o Cristo e a Hierarquia devem atender, qual será o ensinamento que Ele dará desta vez? Eis a pergunta que Seus discípulos estão fazendo agora. A probabilidade é que Seus ensinamentos recairão em quatro segmentos; bem faríamos em considerar cada um deles e dar o nosso melhor para compreendermos e prepararmos a mente humana para receber aquilo que Ele tem a dar.

1. O Estabelecimento de Corretas Relações Humanas

A frase “corretas relações humanas” está sendo hoje alvo de muito debate; entende-se cada vez mais que se trata de uma importante necessidade humana e a única esperança de paz e segurança futuras. As relações humanas erradas chegaram a tal ponto de dificuldade que toda fase da vida humana está em estado de turbulência caótica; todos os aspectos da vida diária estão envolvidos – vida familiar, pública, relações comerciais, contatos religiosos e políticos, ação governamental e a vida normal de todas as pessoas, inclusive todo o setor das relações internacionais.

Por toda parte há ódio, rivalidade, desajuste, conflito entre partes, os tipos mais abomináveis de maquinações, escândalos, profunda desconfiança entre homens e nações, entre capital e trabalho, e entre as muitas seitas, igrejas e religiões. A diferença entre seita e igreja, afinal, é apenas uma questão de grau e origem histórica; de interpretação, de engajamento fanático a uma verdade preferida e sempre de exclusão, o que é contrário ao ensinamento cristão. Em nenhum lugar hoje há paz e entendimento; apenas uma pequena minoria, em comparação com

a população da Terra, está lutando pelas condições que levarão a relações pacíficas e venturosas.

A potência desta minoria combativa, que está lutando pela paz e por corretas relações, decorre do fato de que o trabalho que está procurando realizar está alinhado com a intenção e o propósito divino. Em meio a este caos de interesses conflitantes, rivais e belicosos, o Cristo planeja reaparecer. Pediria a vocês que apreciassem o horror muito real do que Ele tem que enfrentar, e a necessidade de se impulsionar certa ordem no mundo, de se expor certos princípios básicos, que sejam aceitos pelo menos em parte, para que Ele possa trabalhar de maneira frutífera entre os homens. Se Ele tivesse que aparecer agora, a Sua voz não seria ouvida, porque o ruído das discórdias dos homens está alto demais: se procurasse chamar a atenção da humanidade, mesmo que fosse pelo som da trombeta, como diz a profecia (Mt 24:31), a consideração geral seria de se tratar de alguém promovendo a si mesmo; se Ele pregasse e ensinasse, atrairia principalmente aqueles que de maneira natural pensam em uníssono com Sua mensagem, ou viriam até Ele os simplórios e crédulos, como correm para todos os novos Instrutores – seja o ensinamento qual for. A maioria dos seres humanos ainda está muito faminta, psiquicamente devastada, muito atordoada e angustiada, como também muito insegura quanto ao futuro, à sua liberdade e sua segurança para estar em condições de ouvi-Lo.

Podemos ter certeza de que Ele não virá como um herói conquistador, como as interpretações dos instrutores teológicos levaram o homem a crer, pois dessa maneira não seria identificado e Ele seria classificado simplesmente como outra figura militar, e desse tipo já tivemos em excesso; Ele não virá como o Messias dos judeus, para salvar a pretensa Terra Santa e a cidade de Jerusalém para os judeus, porque Ele pertence ao mundo inteiro e nem os judeus nem qualquer outro povo têm direitos especiais ou privilégios exclusivos para reivindicá-Lo como próprio; Ele não virá para converter o mundo “pagão”, pois aos olhos do Cristo e de Seus verdadeiros discípulos não existe tal mundo, e os chamados pagãos mostraram historicamente menos perversidade e antagonismos cruéis do que o mundo cristão militante. A história das nações cristãs e da igreja cristã foi de militância agressiva – a última condição que o Cristo queria quando procurou estabelecer a Igreja na Terra.

Quando veio antes, disse (palavras que, lamentavelmente, foram mal interpretadas): “Não vim para trazer a paz, mas uma espada” (Mt 10:34), o que será válido, em especial, nos primeiros dias de Seu advento. A espada que Ele empunha é a espada do Espírito; é a espada que separa a verdadeira espiritualidade do materialismo. O principal efeito de Seu aparecimento será demonstrar em todas as nações os efeitos de um espírito de inclusividade – inclusividade que será canalizada ou expressa por meio d’Ele. Todos que procuram corretas relações humanas serão automaticamente congradados com Ele, pertençam ou não a alguma das grandes religiões mundiais; todos aqueles que não veem nenhuma diferença real ou básica entre religião e religião, entre homem e homem ou nação e nação se juntarão em torno d’Ele; aqueles que personificam o espírito de exclusividade e separatividade serão automática e igualmente revelados e todos os homens os conhecerão pelo que são. A espada separadora do Espírito – sem ofensividade – trará revelação e indicará o primeiro passo necessário para a regeneração humana.

Permanecendo como ponto focal do Triângulo interno – o Buda, o Espírito da Paz e o Avatar da Síntese – a potência da conseqüente emanção do Cristo será tão grande que a diferença entre amor e ódio, agressão e liberdade, ganância e partilha ficará absolutamente clara diante dos olhos e mentes de todos os homens e, portanto, a distinção entre o bem e o mal ficará igualmente explícita. Será cumprida a prece invocativa: “Desde o ponto de Amor no Coração de Deus, que aflua amor aos corações dos homens”. O Cristo liberará no mundo dos homens a

potência e a energia distintiva do amor intuitivo. O resultado da distribuição desta energia de amor será duplo:

1. Incontáveis homens e mulheres de todas as nações formarão grupos para o fomento da boa vontade e para a construção de corretas relações humanas. Serão em tão grande número que, de uma minoria pequena e relativamente sem importância, eles se tornarão a força maior e mais influente no mundo. Por meio deles, o Novo Grupo de Servidores do Mundo poderá atuar com êxito.

2. Esta energia ativa de compreensão amorosa mobilizará uma imensa reação contra o poder do ódio. O ódio, a separatividade e a exclusão virão a ser considerados como o único pecado, pois será reconhecido que todos os pecados – conforme relacionados e agora considerados como erros – só brotam do ódio ou de seu produto, a consciência antissocial. O ódio e suas consequências são o verdadeiro pecado contra o Espírito Santo, sobre o qual os analistas tanto têm debatido, deixando de lado (em seu despropósito) a simplicidade e a pertinência da real definição.

O poder do impacto hierárquico espiritual, focado por meio do Cristo e de Seus discípulos ativos, será tão grande que a utilidade, a praticabilidade e a autenticidade das corretas relações humanas se tornarão tão evidentes que rapidamente os assuntos mundiais serão ajustados e a nova era de boa vontade e paz na Terra será inaugurada. A nova cultura e a nova civilização serão, então, possíveis.

Não temos aqui a caracterização de um evento otimista, místico e impossível; não tem por base uma fantasia nem uma esperança cega. Já em nossos dias os discípulos do Cristo estão pregando a doutrina das corretas relações humanas; homens e mulheres de boa vontade estão se empenhando para mostrar que apenas por meio da boa vontade será possível produzir uma verdadeira paz no cenário da vida internacional.

Na apresentação da verdadeira “vividade” que o Cristo demonstrará ao mundo dos homens reflexivos, necessariamente não há espaço para a exclusão, ou separatividade, porque aquela “vida mais abundante” (que Ele procura canalizar para nós) é uma corrente livre e fluente, eliminando as obstruções e barreiras e estabelecendo uma circulação desimpedida de verdade e da própria vida – sendo o amor a qualidade essencial de ambas.

Todas as religiões do mundo postularam o fato de que Deus é Amor essencialmente e que Deus é Vida essencialmente, como também inteligência. Essa vida comporta em si a qualidade essencial da vontade de Deus, assim como o amor de Deus. Ambos são igualmente importantes, porque essa vontade é qualificada pelo amor. Até agora os homens nada conheciam da natureza real da qualidade da existência viva, energizada pelo amor e pela vontade, salvo através de um vago conceito teórico. O reaparecimento do Cristo estabelecerá a realidade desta existência viva divina; a obra que Ele realizará – com a ajuda de Seus discípulos – demonstrará o amor e o propósito divino que estão por trás de toda experiência fenomênica.

O estabelecimento de corretas relações humanas é um aspecto da vontade divina para a humanidade e a próxima faceta da expressão divina a se manifestar nos assuntos humanos – individuais, públicos, nacionais e internacionais. Nada jamais impediu, afinal, esta expressão divina, a não ser o fator *tempo*, e este fator tempo é *determinado pela humanidade* e é uma expressão do livre-arbítrio divino. A expressão divina futura pode atuar lenta ou rapidamente, segundo decida o homem; até agora, optou pela manifestação lenta – muita lenta. Aqui se mostrará a liberdade da vontade humana. Como a divindade é imanente ou está presente em todas as formas e, portanto, em todos os seres humanos, aquela vontade *deve* ser cumprida,

oportunamente; devido à intenção extremamente materialista (em termos esotéricos) de todas as formas no momento presente, a expressão desta Vontade vem sendo retardada; não é vontade do homem estabelecer corretas relações humanas. Decorre daí o castigo da guerra, a tortura das formas e o sofrimento da vida humana atual.

Esses fatores estão impulsionando uma grande transformação geral, cujos indícios as pessoas de orientação espiritual podem observar facilmente. Essas pessoas estão sempre dizendo (como fez o Cristo no Horto de Getsêmani), “Que seja feita a Vontade de Deus” (Mt 26:39).

E assim dizem de maneira ignorante e muitas vezes desesperançada; contudo, é indicativo de um processo geral de reorientação espiritual, de submissão e aceitação. O Cristo demonstrou esta submissão quando disse: “Pois desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade Daquele que me enviou” (Jo 6:38). Ele provou a sua aceitação quando exclamou: “Pai, não minha vontade, mas a Tua seja feita”. A submissão contém em si os elementos de conquista pelas circunstâncias e de reconhecimento que pode não entender, mas que se submete àquilo que é imposto. A aceitação contém em si o elemento de uma inteligência que compreende, o que marca um grande passo à frente. Ambas admitem a realidade de uma vontade divina sobrepairante na vida da humanidade hoje; ambas são preparatórias para o reconhecimento da obra do Cristo de produzir corretas relações humanas. Atualmente, a submissão da humanidade à vontade divina é negativa; a verdadeira submissão é uma atitude positiva de expectativa espiritual, que leva, oportunamente, a uma aceitação positiva.

Uma expectativa espiritual também se pode observar; é parte do trabalho do Novo Grupo de Servidores do Mundo intensificá-la, como também cultivar submissão espiritual e aceitação inteligente das massas que, de maneira geral, se dividem em duas classes, expressando essas duas atitudes; esses fatores de submissão, aceitação e expectativa estão latentes em todos os homens. São estas três potencialidades divinas que habilitarão os homens a responderem à mensagem do Cristo e, assim, será muito mais fácil produzir o sacrifício altruísta, o comprometimento inteligente e a compreensão dos muitos e diversificados pontos de vista (necessários para o estabelecimento de corretas relações humanas).

Para todos nós seria útil uma reflexão sobre os fatores reconhecidos na submissão e na aceitação. No estabelecimento de corretas relações humanas estão envolvidas a entrega, a renúncia, a submissão aos fatos existentes e a aceitação obediente à lei divina. Foram essas coisas que o Cristo demonstrou antes na Terra, e são elas que vão ajudar a humanidade a aceitar com entusiasmo e compreensão. Elas produzirão felicidade. Felicidade é uma difícil lição de aprender, é uma experiência totalmente nova para a humanidade e o Cristo terá que ensinar aos homens como lidar corretamente com ela, superar os antigos hábitos de dor e, assim, conhecer o significado da verdadeira alegria. O Cristo, porém, não vem somente para ensinar aos homens a necessidade de estabelecer corretas relações humanas; está vindo para ensinar a eles como estabelecê-las eles próprios.

2. O Cristo Ensinará a Lei do Renascimento

Esta Lei é o principal corolário da Lei de Evolução. Nunca foi captada nem entendida de maneira adequada no Ocidente e, no Oriente, onde é reconhecida como um princípio regente da vida, não se mostrou útil, pois o efeito que exerce é de letargia, prejudicando o progresso. O estudante oriental considera que ela lhe dá muito tempo, e isso tem neutralizado o esforço impulsionador para atingir o objetivo. O cristão comum confunde a Lei do Renascimento com o que chama de “transmigração das almas” e muitas vezes acredita que a Lei do Renascimento significa que os seres humanos passam para corpos de animais ou de formas inferiores de

vida. Não é assim, em absoluto. À medida que a vida de Deus progride por meio de uma forma para outra, a vida nos reinos subumanos da natureza também avança gradualmente, das formas minerais para as formas vegetais e dessas para formas animais; da etapa da forma animal, a vida de Deus passa para o reino humano e se torna sujeita à Lei do Renascimento e não à Lei da Transmigração. Para quem sabe alguma coisa sobre a Lei do Renascimento ou da Reencarnação, esse erro parece um disparate.

A doutrina ou teoria da reencarnação enche o cristão ortodoxo de horror; apesar disso, fazendo a ele a pergunta que os discípulos expuseram ao Cristo sobre o cego: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que nascesse cego?” (Jo 9:2), negam as implicações, ou melhor, zombam ou se mostram consternados, um ou outro. A apresentação ao mundo deste pensamento, pelo ocultista comum ou pelo douto teósofo tem sido, em geral, deplorável. Deplorável devido à apresentação tão pouco inteligente. O melhor que se pode dizer é que deram a conhecer ao público em geral esta teoria. Entretanto, tivesse tido uma apresentação mais inteligente, teria uma aceitação mais geral no Ocidente.

Se o Cristo ensinar universalmente a meta das corretas relações humanas, a ênfase do Seu ensinamento será, então, a Lei do Renascimento. Assim será inevitavelmente, pois no reconhecimento desta lei estará a solução de todos os problemas da humanidade e a resposta a muito do questionamento humano.

Esta doutrina será uma das notas dominantes da nova religião mundial, assim como um agente esclarecedor para melhor entendimento dos assuntos mundiais. Quando o Cristo esteve aqui antes, em pessoa, enfatizou a realidade da alma e o valor do indivíduo. Disse aos homens que podiam ser salvos pela vida da alma e pelo Cristo no interior do coração humano. Disse também que “ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo” (Jo 3:3). Somente almas podem atuar como cidadãos deste Reino e foi essa atuação privilegiada que Ele sustentou pela primeira vez diante da humanidade, dessa maneira dando aos homens uma visão de uma possibilidade divina e de uma conclusão inalterável para a experiência. Disse a eles: “Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês” (Mt 5:48).

Desta vez, Ele ensinará aos homens o método pelo qual esta possibilidade poderá ser um fato consumado – por meio do constante retorno da alma encarnante à escola da vida na Terra, a fim de ser submetida ao processo de aperfeiçoamento, do qual Ele foi o exemplo relevante. É este o sentido do ensinamento da reencarnação. Dane Rudhyar, em seu livro *New Mansions for New Men*⁶, apresenta uma definição satisfatória desse misterioso processo cósmico e humano. Diz ele: “A estrutura individual da nova manifestação é necessariamente condicionada pelo que não foi cumprido no passado, pelos resíduos, pelas falhas do passado – preservados nos registros da natureza, na memória da substância universal”¹. Toda a história – de vocês, minha, de todos – está coberta nessas poucas palavras.

É preciso lembrar que praticamente todos os grupos e textos esotéricos enfatizaram de maneira imprudente as encarnações *passadas* e a recuperação das mesmas; recuperação essa que é incapaz de qualquer verificação lógica – qualquer um pode dizer e alegar o que quiser; o ensinamento se apoia em leis imaginárias, que regeriam a equação tempo e o intervalo entre as vidas, esquecendo-se de que o tempo é uma faculdade da consciência cerebral e que, separado do cérebro, o tempo é inexistente; salientando sempre uma apresentação fictícia dos relacionamentos. O ensinamento (dado até agora sobre a

⁶ N. do T.: O livro de Dane Rudhyar *NEW MANSIONS FOR NEW MEN — A Spiritual Interpretation of Astrology in the Light of Universal Symbolism* não tem tradução em português. O trecho citado encontra-se no capítulo Saturn: Lord of Boundaries, p. 123, § 2, 1938.

reencarnação) fez mais mal do que bem. Somente um fator permanece relevante: a existência da Lei do Renascimento agora é debatida por muitos e aceita por milhares.

Além do fato de que há esta lei, pouco sabemos e aqueles que sabem por experiência sobre a natureza real deste retorno rejeitam enfaticamente os pormenores insensatos e improváveis que são disseminados como fatos pelos grupos teosóficos e ocultistas. A Lei existe; quanto aos detalhes de sua atuação, não sabemos nada ainda. Apenas poucas coisas exatas podem ser ditas sobre o tema e elas não admitem contestação.

1. A Lei do Renascimento é uma grande lei natural no nosso planeta.
2. É um processo instituído e sustentado nos termos da Lei da Evolução.
3. É estreitamente relacionada e condicionada pela Lei de Causa e Efeito.
4. É um processo de desenvolvimento progressivo, habilitando o homem a avançar das formas mais grosseiras de materialismo irracional à perfeição espiritual e à percepção inteligente, podendo assim se tornar membro do Reino de Deus.
5. Explica as diferenças entre os homens e – em conexão com a Lei de Causa e Efeito (denominada Lei do Carma no Oriente) – explica as diferentes circunstâncias e atitudes frente à vida.
6. É a expressão do aspecto vontade da alma e não resultado de decisão de nenhuma forma; é a alma em todas as formas que reencarna, escolhendo e construindo os veículos físico, emocional e mental adequados com os quais aprender as próximas lições necessárias.
7. A Lei do Renascimento (no que se refere à humanidade) entra em atividade no plano da alma. A encarnação é motivada e dirigida do nível da alma no plano mental.
8. As almas encarnam em grupos, ciclicamente, nos termos da lei e a fim de estabelecerem corretas relações com Deus e com os semelhantes.
9. O desenvolvimento progressivo, nos termos da Lei do Renascimento, é amplamente condicionado pelo princípio mental, pois “como o homem pensa em seu coração, assim ele é”. Estas breves palavras merecem uma cuidadosa reflexão.
10. Nos termos da Lei do Renascimento, o homem desenvolve lentamente a mente, em seguida a mente começa a controlar o sentimento, a natureza emocional e, finalmente, revela a alma, sua natureza e ambiente ao homem.
11. Nessa altura de seu desenvolvimento, o homem começa a trilhar o Caminho de Retorno e a se orientar, gradualmente (após muitas vidas) para o Reino de Deus.
12. Quando o homem – por meio de uma capacidade mental desenvolvida, de sabedoria, de serviço prático e de entendimento – aprendeu a não pedir nada para o eu separado, renuncia ao desejo pela vida nos três mundos e é liberado da Lei do Renascimento.
13. Ele então tem consciência grupal, é consciente de seu grupo de alma e da alma em todas as formas, alcançando – como Cristo postulou – a etapa de perfeição crística, chegando à “medida da plenitude de Cristo” (Ef 4:13).

Nenhuma pessoa inteligente procurará ir além desta generalização. Quando o Cristo reaparecer, nosso conhecimento será mais verdadeiro e realista; vamos saber que estamos eternamente relacionados às almas de todos os homens e que temos uma definida relação com aqueles que reencarnam conosco, que estão aprendendo conosco as mesmas lições e que estão vivenciando e experimentando conosco.

Este conhecimento comprovado e aceito regenerará as próprias fontes da nossa vida humana. Saberemos que todas as nossas dificuldades e problemas são causados por deixarmos de reconhecer esta Lei fundamental, com suas responsabilidades e obrigações; gradualmente aprenderemos a reger nossas atividades por seu justo e restritivo poder. A Lei do Renascimento corporifica o conhecimento prático que os homens precisam hoje para conduzir bem e de maneira correta as suas vidas nos aspectos religioso, político, econômico, público e privado e assim estabelecer corretas relações com a vida divina em todas as formas.

3. A Revelação dos Mistérios da Iniciação

Muito do que está escrito e que é transmitido nestas páginas diz respeito, na realidade, ao aparecimento do Reino de Deus – aparecimento que pode acontecer agora, devido a três fatores:

1. O crescimento desse Reino na Terra e das milhares de pessoas que aceitam suas leis e se empenham em viver de acordo com suas regras e espírito.
2. O fato de que os sinais do tempo e a predominante necessidade da humanidade evocaram o Cristo e Ele decidiu reaparecer.
3. O clamor invocador da humanidade está se elevando, continuamente, até “o lugar secreto do Altíssimo”, e a Hierarquia planeja se exteriorizar quando o Cristo aparecer e restaurar a regência do Espírito na Terra. Chegou a hora de restaurar os antigos Mistérios.

Estes fatos foram amplamente disseminados, nos últimos dois anos⁷, em consequência da limpeza da Terra por meio da guerra mundial (1914-1945) e pelo sofrimento ao qual a humanidade foi submetida (com efeito purificador igualmente potente, o qual ficará demonstrado mais tarde). Será possível então para a Hierarquia, a Igreja de Cristo até agora invisível, exteriorizar-se e atuar, abertamente, no plano físico. Isto indicará um retorno à situação que existia nos dias atlantes, quando (para usar a simbologia bíblica contida no Gênesis, Capítulos 2 e 3) o próprio Deus caminhava entre os homens; falava com eles e não havia barreira entre o Reino dos homens e o Reino de Deus. A divindade, na época, estava presente em forma física e os Membros da Hierarquia espiritual guiavam e dirigiam, abertamente, os assuntos da humanidade, na medida que permitia a inata liberdade do homem. Agora, no futuro imediato e em uma volta superior da espiral da vida, o mesmo acontecerá novamente. Os Mestres caminharão abertamente entre os homens; o Cristo reaparecerá em Presença física. Outro acontecimento será que os antigos Mistérios serão restaurados, os antigos marcos que a Maçonaria preservou tão ardentemente e que até aqui foram conservados em segurança nos rituais maçônicos, aguardando o dia da restauração e da ressurreição.

Esses antigos Mistérios originalmente foram dados à humanidade pela Hierarquia e contêm todo o fio condutor do processo evolutivo, oculto em números, em ritual, em palavras e em simbologia; velam o segredo da origem e do destino do homem, retratando para ele, em rito e ritual, o longo, muito longo caminho que deve trilhar para voltar para a luz. Eles também

⁷ N. do T.: Lembrando que esse texto foi escrito em 1948.

apresentam (quando interpretados com acerto e representados corretamente), o ensinamento que a humanidade necessita para passar das trevas para a Luz, do irreal para o Real e da morte para a Imortalidade.

Todo verdadeiro maçom que compreende, nem que seja em pequena medida, o significado dos três graus da Loja Azul e as implicações daquilo em que participa, reconhecerá as três frases acima pelo que são e o significado dos três graus. Faço esta menção com propósito maçônico porque tem estreita relação com a restauração dos Mistérios e sustentou o fio condutor (ao longo das eras) desta restauração, tão esperada, para a plataforma na qual o necessário ensinamento poderá se basear e a estrutura capaz de expressar (quando liberada de suas denominações e nomenclaturas judaicas, que há muito estão desatualizadas, embora corretas há três mil anos) a história do progresso do homem no Caminho de Retorno.

São esses Mistérios que o Cristo restaurará quando reaparecer, dessa maneira revivificando as igrejas em nova forma e restaurando o Mistério oculto que ela há muito perdeu devido ao seu materialismo. A Maçonaria também perdeu a verdadeira vividade que possuiu, mas, em formas e em rituais, a verdade está preservada e pode ser recuperada. O Cristo o fará. Ele também reviverá esses Mistérios de outras maneiras; nem todos buscarão a Igreja ou a Maçonaria para revitalizar sua vida espiritual. Os verdadeiros Mistérios também serão revelados pela ciência, e o Cristo incentivará que sejam pesquisados por meio dela. Os Mistérios contêm, em suas fórmulas e ensinamentos, a chave para a ciência que desvendará o mistério da eletricidade – a maior ciência espiritual e área de conhecimento divino no mundo, cujas fímbrias mal foram tocadas. Somente quando a Hierarquia estiver presente de maneira visível na Terra e os Mistérios, dos quais os discípulos do Cristo são guardiões, forem dados abertamente ao mundo, será revelado o verdadeiro segredo e a natureza dos fenômenos elétricos.

Os Mistérios são, em última análise, a verdadeira fonte de revelação; somente quando a mente e a vontade-para-o-bem estiverem estreitamente fusionadas e harmonizadas, e assim condicionando a conduta humana, o alcance da revelação futura poderá ser captado sem perigo. Há energias e forças planetárias que os homens não podem controlar e não controlam; nada sabem delas, embora a vida do planeta dependa delas; elas são também estreitamente relacionadas com os menosprezados poderes psíquicos (que hoje são abordados de maneira tão insensata e usados com ignorância) mas esses poderes (quando avaliados e usados corretamente) serão de grande utilidade para as *ciências que os Mistérios revelarão*.

O Mistério das Eras, por meio do reaparecimento do Cristo, está à beira de ser revelado. Pela revelação da alma esse Mistério (que o conhecimento da alma encobre) será desvelado. Os Textos Sagrados do mundo sempre profetizaram que, no fim da Era, veremos a revelação do que está secreto e o surgimento do que até então estava oculto para a luz do dia. Como sabemos, nosso presente ciclo assinala o fim da Era de Peixes; os próximos duzentos anos verão a abolição da morte, melhor dizendo, dos nossos conceitos errados sobre ela e o firme estabelecimento da realidade da existência da alma; a alma será então conhecida como uma entidade e o impulso motivador e a força espiritual que há por trás de todas as formas manifestadas. O trabalho do Cristo (há dois mil anos) foi proclamar certas grandes possibilidades e a existência de grandes poderes. Seu trabalho, quando Ele reaparecer, será provar a *realidade* destas possibilidades e revelar a verdadeira natureza e potência do homem. A proclamação que fez de que todos somos filhos de Deus e temos um Pai universal não mais será considerada, no futuro próximo, como uma formulação bela, mística e simbólica, mas como um pronunciamento científico comprovado. A nossa fraternidade universal e a nossa imortalidade essencial serão comprovadas como realidades da natureza.

O terreno está sendo preparado, neste momento, para a grande restauração que o Cristo arquitetar. As religiões mundiais (entre as quais a cristã) e a Maçonaria estão nesses dias diante do tribunal da mente crítica da humanidade; é quase unânime o parecer de que ambas fracassaram na tarefa que lhes foi divinamente atribuída. Por todo lado se compreende que uma nova vida deve afluir, mas que comportará uma nova visão e uma nova perspectiva sobre as condições de vida, o que somente o aparecimento do Cristo pode nos ensinar e ajudar a realizar. Como diz um antigo Texto Sagrado:

“O que foi um mistério deixará de ser e o que estava velado agora será exposto; o que estava retraído se revelará à luz e aumentará essa luz e todos os homens verão e, juntos, se regozijarão. Chegará a hora em que a destruição terá concluído seu trabalho benéfico; os homens, então, pelo sofrimento, buscarão aquilo que descartaram. Em vã atividade, procuraram o que estava perto e fácil de alcançar. Ao possuí-lo, descobriram que se tratava de um agente da morte. E, no entanto, durante todo o tempo, procuravam por vida e não por morte.”

E o Cristo lhes trará vida, e vida abundante.

Muito se fala atualmente sobre os mistérios da iniciação. Todos os países estão cheios de falsos instrutores ensinando os pretensos Mistérios, oferecendo iniciações ilegítimas (em geral pagas e com direito a diploma) e desorientando as pessoas. O próprio Cristo disse que pouco antes de Sua vinda haveria esse estado de coisas e que por todo lado os falsos e os espúrios se proclamariam a si mesmos. No entanto, tudo isso nada mais é do que uma indicação de Sua vinda. A contrafação sempre garante o autêntico. As palestras, os debates, as fabulosas afirmações, o pseudo-ocultismo e os infrutíferos esforços para “tomar uma iniciação” (essa frase medíocre que os instrutores teosóficos ignorantes cunharam para expressar uma profunda experiência espiritual) caracterizaram o ensinamento esotérico, desde que surgiu nos tempos modernos, em 1875. Em seguida, H.P. Blavatsky levou à atenção do mundo ocidental o fato de que grandes discípulos e Mestres de Sabedoria estavam presentes na Terra, obedientes à orientação do Cristo. Depois ela se arrependeu profundamente disso, como expõem alguns de seus textos escritos para sua Seção Esotérica. Entretanto, o que ela fez era parte de um plano maior e não foi um erro. As interpretações e reações alvoroçadas dos teósofos da época foram o erro – erro que ainda não reconheceram. Esta absurda reação teve a ajuda e o apoio da natureza inquisitiva da própria humanidade e de sua aspiração que, sem dúvida alguma, despertou com isso. Também os homens cheios de cobiça e ganância comercial exploraram o tema, o que continuam fazendo.

No entanto, o efeito total de tais tolices e erros de apresentação foi positivo. Em todas as nações os homens estão hoje conscientes da existência dos Mestres, da possibilidade oferecida e da oportunidade apresentada para que façam um progresso espiritual e assim se tornem membros do Reino de Deus; isso as igrejas ignoraram e – em especial na era vitoriana – consideraram a ciência como um arqui-inimigo.

Toda essa inundação de informações sobre os mistérios da iniciação – algumas delas indicativas de uma verdade oculta, outras sendo fabricações de uma imaginação aspiracional e outras mais sendo instigadas para fins comerciais – incontestavelmente prepararam a humanidade para os ensinamentos que, como se crê, o Cristo dará quando estiver novamente entre nós em Presença física.

Por menos que o cristão ortodoxo queira admitir, todo o relato do Evangelho, em suas quatro formas ou apresentações, pouco contém além de detalhes simbólicos sobre os Mistérios, que são (no que diz respeito à humanidade) cinco ao todo. Referidos Mistérios indicam, na realidade, cinco importantes pontos na história espiritual de um aspirante; indicam também

cinco importantes etapas no progresso da consciência humana. Em determinado ponto da Era aquariana este avanço ficará mais decisivo e claro, de maneira ainda não compreendida hoje. A humanidade, o discípulo mundial (por meio de seus diversos grupos que se encontram em diferentes etapas de desenvolvimento) “adentrará” em novos estados de percepção consciente e em novos reinos ou esferas de consciência mental e espiritual ao longo dos próximos dois mil anos.

Cada era deixou em si um reflexo de um moderno desenvolvimento quántuplo. Em termos astronômicos, quatro eras se passaram: Gêmeos, Touro, Áries e Peixes. Atualmente, Aquário, a quinta era, está entrando em atividade. Gêmeos aplicou o signo simbólico de dois pilares na Fraternidade Maçônica da época e os dois pilares, Jachin e Boaz – para lhes dar os nomes judaicos que evidentemente não são os nomes reais – vieram à existência, há cerca de dois mil anos. Em seguida veio Touro, o touro, era em que Mitra veio como Instrutor mundial e instituiu os Mistérios de Mitra, com uma (aparente) adoração ao Touro. Seguiu-se Áries, o carneiro, que viu o início da Dispensação Judaica, importante para os judeus e também, infelizmente, para a religião cristã, mas destituída de importância para incontáveis milhões de pessoas de outras partes do mundo; neste ciclo vieram o Buda, Shri Krishna e Sankaracharya. Finalmente, temos a era de Peixes, os peixes, que nos trouxe o Cristo. A sequência dos Mistérios, que cada um dos signos do Zodíaco corporifica, será esclarecida para nós pelo Cristo, porque a consciência coletiva de nossos dias exige algo mais preciso e espiritualmente real do que a moderna astrologia ou o pseudo-ocultismo, que subsiste tão largamente.

Na era que temos pela frente, após o reaparecimento do Cristo, centenas de milhares de homens e mulheres experimentarão uma ou outra das grandes expansões de consciência, mas a repercussão nas massas será a da renúncia (embora isto não signifique, absolutamente, que as massas tomarão a quarta iniciação); renunciarão aos padrões materialistas que hoje controlam todas as camadas da família humana. Uma das lições que a humanidade aprenderá, no momento presente (época que é a antecâmara da nova era) é como poucas coisas materiais são realmente necessárias para a vida e para a felicidade. Esta lição ainda não foi aprendida. No entanto, ela é, em essência, um dos valores a ser extraído deste período de estorrecedoras privações que os homens estão passando, todos os dias. A verdadeira tragédia é que o hemisfério ocidental, em especial os Estados Unidos, não compartilham deste decisivo processo espiritual e vitalizador; no presente são egoístas demais para permitir que isso aconteça.

Vocês podem ver, portanto, que a iniciação não é um procedimento cerimonial nem uma honraria concedida a um aspirante bem-sucedido; também não é uma penetração nos Mistérios – dos quais os mistérios da Maçonaria são, até agora, apenas uma apresentação plástica – é simplesmente resultado de experienciar uma “vividade” nos três mundos de consciência (físico, emocional e mental) e – por meio dessa vivência – tornar atuantes as células que registram e gravam na substância cerebral, as quais, até então, não eram susceptíveis às impressões superiores. Com esta região de registro expandida ou, se preferirem, com o desenvolvimento de um instrumento de gravação, ou mecanismo de resposta mais refinado, a mente fica apta a se tornar transmissora dos valores superiores e do entendimento espiritual. Assim, o indivíduo se torna consciente de regiões de existência divina e estados de consciência que estão sempre eternamente presentes, mas que o homem individual era inerentemente incapaz de fazer contato ou de registrar; nem a mente nem seu agente de gravação, o cérebro, estavam aptos para isso, do ângulo de seu desenvolvimento evolutivo.

Quando o farol da mente começa a penetrar lentamente nos aspectos até então não reconhecidos da mente divina, quando as qualidades magnéticas do coração vão despertando

e se tornando responsivas, em níveis sensíveis, a ambos os aspectos, o homem torna-se apto a atuar nos novos reinos de luz, amor e serviço, em revelação. É um iniciado.

São esses os mistérios de que o Cristo se ocupará; a Sua Presença reconhecida entre nós e a presença de Seus discípulos possibilitarão um desenvolvimento mais rápido do que seria possível de outra maneira. O estímulo da Hierarquia exteriorizada será cada vez mais potente e a Era de Aquário verá tantos filhos dos homens aceitando a grande Renúncia que a realização mundial será da mesma medida como foi a educação em massa da humanidade na Era de Peixes. O materialismo, como princípio dominante, será rejeitado, e os grandes valores espirituais assumirão maior controle.

A culminação de uma civilização, com sua marca especial, qualidade e dons para a posteridade, é sugestiva do conceito da intenção espiritual e (por meio de suas populações em massa) de uma das iniciações. Algum dia, a história será baseada e escrita segundo o registro do crescimento iniciático da humanidade; para tanto, devemos ter uma história construída em torno do desenvolvimento da humanidade sob as influências das grandes e fundamentais ideias. Assim será a próxima apresentação histórica.

A produção de cultura de um dado período é simplesmente o reflexo da capacidade criadora e da consciência precisa dos iniciados da época – aqueles que sabiam que eram iniciados e que também eram conscientes do acesso à relação direta com a Hierarquia. No presente, não usamos nenhuma destas duas palavras, civilização e cultura, em seu sentido correto ou com seu real significado. Civilização é o reflexo na massa dos homens de determinada influência cíclica específica, conducente a uma iniciação. Cultura se relaciona esotericamente com aqueles em qualquer era da civilização que, específica e precisamente, e com a consciência plenamente desperta, por meio de esforço autoiniciado, penetram nos reinos internos da atividade do pensamento que chamamos de mundo criativo. São estes os reinos responsáveis pela civilização externa.

O reaparecimento do Cristo é indicativo de uma relação mais estreita entre os mundos interno e externo do pensamento. O mundo do significado e o mundo da experiência se mesclarão, obviamente, pelo estímulo proporcionado pelo advento da Hierarquia e de Seu Guia, o Cristo. O principal resultado será um imenso aumento da compreensão e das relações.

4. A Dissipação da Miragem

A palavra “miragem”⁸, característica destacada do plano astral, nunca foi empregada corretamente e é uma pena que essa palavra tenha sido usada em algum momento nos primórdios dos ensinamentos esotéricos. O chamado “plano astral” é apenas a denominação dada ao somatório das reações sensíveis, da capacidade de resposta ao sentimento e da substância emocional que o próprio homem criou de maneira tão potente e projetou com tanto êxito que hoje é vítima da sua criação. Oitenta por cento do ensinamento dado sobre o plano astral é em si mesmo parte da grande ilusão e parte também do mundo irreal a que nos referimos quando entoamos a antiga prece: “Conduza-nos do irreal para o Real”. O que se diz sobre isso na verdade tem pouco fundamento; no entanto, serviu para um propósito útil como campo de experiência no qual podemos aprender a distinguir entre o verdadeiro e o falso; trata-se de uma área em que o aspirante pode usar a faculdade discriminadora da mente – aquela que desvenda o erro e, oportunamente, revela a verdade.

Uma vez que ‘esteja em nós a mente que também está no Cristo’ (Fp 2:5) descobriremos que o controle desta natureza emocional e desta área sensível de consciência (o plano

⁸ N. do T: A palavra inglesa glamour é traduzida em português como miragem e/ou espelhismo.

astral, se preferirem esse termo!) será total. Então este passado controle sensível, com toda sua área de influência, deixa de existir. Deixa de ter realidade, exceto como campo de serviço e um reino no qual os homens deambulam em desespero e perplexidade. O maior serviço que um homem pode prestar a seus semelhantes é liberar a si mesmo e por si mesmo do controle desse plano, *direcionando suas energias por meio do poder do Cristo interno*. Descobrirá então que as forças autocentradas e as energias do desejo pessoal e do amor emocional serão substituídas por uma energia viva que pode ser amplamente sentida, embora não possa ainda ser captada em sua essência pura; essa energia denominamos 'amor de Deus'. É aquela força que flui livremente, que se exterioriza, que é magneticamente atrativa e conduz todo peregrino de regresso à Casa do Pai. É aquela força que se agita no coração da humanidade e se expressa por meio de Avatares tão magnos como o Cristo, guia o anelo místico que se encontra em todo ser humano e atua através de todos os movimentos que têm por objetivo o bem-estar da humanidade, mediante as tendências filantrópicas e educacionais de todo tipo, e através da maternidade instintiva que se encontra em toda parte. Mas é essencialmente uma sensibilidade grupal e somente na Era de Aquário, como resultado do reaparecimento do Cristo, sua verdadeira natureza será corretamente compreendida e o amor de Deus se expandirá em todo coração humano.

O Cristo sabia muito deste mundo de miragens e de ilusão e Ele próprio demonstrou que o verdadeiro amor era capaz de controlá-lo. Parte das três grandes tentações do Cristo no deserto tinha por base os três aspectos da miragem do mundo: as ilusões que a mente cria, a miragem do plano emocional da experiência e o estado de confusão das circunstâncias terrenas. Eles todos ameaçavam desconcertá-Lo; enfrentou um a um, enunciando um claro princípio e não proferindo argumentos oriundos de uma mente analítica; a partir desse campo de experiência tríplice partiu para amar, ensinar e curar. Em sua vinda, o Cristo será o grande dispersador da miragem do mundo e para este trabalho o Buda preparou o caminho previamente. A possibilidade de tal dispersão e dissipação se acha certamente centrada nos dois Avatares, o Buda e o Cristo. Uma das coisas essenciais nesse momento é esclarecer para a humanidade e para as nações do mundo a natureza do trabalho empreendido pelo Buda e pelo Cristo e mais uma vez enfatizar as verdades que Eles projetaram na esfera do pensamento mundial.

A obra do Senhor da Luz e a do Senhor do Amor deve ser apresentada de novo a um mundo necessitado. Pode-se dizer, com relação a isto, que algumas nações precisam captar o ensinamento do Buda que Ele enunciou nas *Quatro Nobres Verdades*; elas devem afinal compreender que a causa de toda dor e infortúnio é o uso indevido do desejo – desejo pelo que é material e transitório. A Organização das Nações Unidas precisa aprender a aplicar a Lei do Amor, como apresentada na vida do Cristo e a expressar a vitalidade da verdade de que “nenhum de nós vive apenas para si” (Rm 14:7) como também nenhuma nação; a meta de todo esforço humano é a compreensão amorosa, fomentada por um programa de amor e corretas relações humanas para toda a humanidade.

Se as vidas destes dois grandes Instrutores podem ser compreendidas e Seus ensinamentos forjados hoje novamente nas vidas dos homens, no mundo dos assuntos humanos, no reino do pensamento humano e na esfera das relações políticas e econômicas, o presente contexto mundial (que em grande parte é de desordem) pode ser modificado e transformado de maneira que, gradualmente, surjam uma nova visão mundial e uma nova raça de homens. A miragem do mundo será dissipada e a ilusão do mundo será dispersada.

No mundo das miragens – o mundo do plano astral e das emoções – surgiu, há séculos, um ponto de luz; o Senhor da Luz, o Buda, comprometeu-se a focar em Si mesmo a Iluminação que, oportunamente, possibilitaria a dissipação da miragem. No mundo da ilusão, o mundo do

plano mental, apareceu o Cristo, o Senhor do Amor. Comprometeu-se a dispersar a ilusão, atraindo para Si (pela potência atrativa do amor), os corações de todos os homens e declarou esta determinação nas palavras: “E eu, se for elevado, atrairei todos os homens para Mim” (Jo 12:32).

O trabalho combinado destes dois grandes Filhos de Deus, concentrado através dos discípulos mundiais e de Seus iniciados, inevitavelmente deve quebrar a ilusão e dissipar a miragem mundial e assim fará – um pelo reconhecimento intuitivo da realidade, por parte das mentes sintonizadas com ela e, o outro, ali vertendo a luz da razão. O Buda fez o primeiro esforço planetário para dissipar a miragem mundial; o Cristo fez o primeiro esforço planetário para dispersar a ilusão. Agora é preciso que a Obra Deles seja implementada de maneira inteligente por uma humanidade que já esteja lúcida o suficiente para identificar o seu dever.

Os homens estão rapidamente saindo da ilusão e, assim, vindo com mais clareza. A miragem mundial está sendo removida dos caminhos dos homens. Esses dois desenvolvimentos foram impulsionados pelas novas ideias entrantes, focalizadas pelos intuitivos do mundo e liberadas para o público em geral por meio dos pensadores mundiais. O reconhecimento inconsciente, mas não menos real, que as massas alcançaram quanto ao verdadeiro significado das *Quatro Nobres Verdades* também ajudou bastante. Uma humanidade destituída de ilusão e desglamorizada (se posso usar tal termo) aguarda a revelação vindoura, a qual será ocasionada pelo esforço conjunto do Buda e do Cristo. Tudo o que podemos prever e preannunciar sobre esta revelação é que serão obtidos alguns resultados, potentes e de grande alcance em razão da fusão de luz e amor, e pela reação da “substância iluminada” ao “poder atrativo do amor”.

Dei aqui uma pista para a verdadeira compreensão da obra desses Avatares – compreensão que ainda não aconteceu. Poderia acrescentar que, quando houver um entendimento do significado das palavras “transfiguração de um ser humano”, se compreenderá que “quando todo o seu corpo estiver cheio de luz” (Lc 11:36) então: “em Tua Luz veremos a luz” (Sl 36:9). Isto significa que, quando a personalidade alcançar determinada medida de purificação, dedicação e iluminação, o poder atrativo da alma, cuja natureza é amor e compreensão, poderá atuar e haverá a fusão das duas. Foi isto que o Cristo provou e demonstrou.

Quando o trabalho do Buda (encarnação do princípio sabedoria) estiver consumado no discípulo aspirante e em sua personalidade integrada, a plena expressão da obra do Cristo (princípio amor encarnado) também poderá se consumir e então essas duas potências – Luz e Amor – encontrarão expressão radiante no discípulo transfigurado. O que é válido para o indivíduo também é para a humanidade como um todo; hoje a humanidade (tendo alcançado a maturidade), pode “penetrar na realização” e, de maneira consciente, participar do trabalho de iluminação e de atividade amorosa, espiritual. Os efeitos práticos deste processo serão a dissipação da miragem e a liberação do espírito humano da escravidão da matéria; isso produzirá também a dispersão da ilusão e o reconhecimento da verdade, tal como existe na consciência dos que estão polarizados na consciência do Cristo.

Não é, necessariamente, um processo rápido: trata-se de um procedimento ordenado e regulado, cujo êxito final é certo, mas também um tanto lento para se estabelecer e em seu processo sequencial. O processo foi iniciado no plano astral pelo Buda e no plano mental quando o Cristo se manifestou na Terra. Foi indicativo de que a *maturidade da humanidade* estava próxima. Este processo foi ganhando impulso à medida que esses dois grandes Seres reuniram em torno d’Eles Seus discípulos e iniciados, ao longo dos últimos dois mil anos. Alcançou um ponto de intensa utilidade como canal de comunicação entre “o Centro onde a Vontade de Deus é conhecida” e a Hierarquia, onde o Amor de Deus se manifesta, e foi se

abrindo e se expandindo, e o contato entre estes dois grandes centros e a humanidade foi se tornando mais estável.

Assim, milhares de homens e mulheres inteligentes serão capazes de se libertar de toda ilusão e do controle emocional. No momento em que os corações dos homens estiverem ativos, nesse momento acabará a atividade emocional do plexo solar. Isto é uma verdade; são os corações dos homens que respondem ao chamado do Cristo e são esses corações que estão se tornando invocativos nos dias de hoje. O doloroso ciclo emocional pelo qual a humanidade passou nos últimos cem anos, e a tensão emocional em que hoje vivem os homens, também estão exercendo seu papel na adaptação da humanidade para que possa emergir no reino do claro pensar; esta condição marcará um momento decisivo na história da humanidade e será um dos resultados do futuro trabalho científico do Cristo (se for possível usar este termo) com os corações dos homens, colocando-os em harmonia com o coração de Deus.

Devido à magnitude do tema e à amplitude da área psicológica em que vivem os homens em nossos dias, não posso me estender mais. Este campo de experiência e de provação é bem conhecido por todos os aspirantes e é o campo de batalha de milhões. O Cristo interno, como Controlador da vida individual, pode pôr fim a esta batalha; o aspirante pode se desenvolver com a visão aguda e sem medo. O aparecimento do Cristo entre os homens fará o mesmo para a humanidade como um todo, não em um sentido representativo, mas pela existência viva de Sua Presença, estimulando o princípio crístico em todo coração humano.

Capítulo VI

A NOVA RELIGIÃO MUNDIAL

O mundo hoje tem mais inclinação espiritual do que nunca. Isto é dito com pleno entendimento da ideia de aceitação geral de que o mundo dos homens está falido espiritualmente e que em nenhum outro momento a vida espiritual da raça esteve em uma fase tão difícil. Esta ideia se deve, em grande parte, ao fato de que a humanidade não está muito interessada na apresentação ortodoxa da verdade, e de que as nossas igrejas estão relativamente vazias e sendo acusadas, publicamente, de não ter ensinado a humanidade a viver com correção. Estas afirmações são dolorosamente válidas, mas permanece o fato de que os seres humanos, de todo lado, estão buscando liberação espiritual e verdade e que o espírito verdadeiramente religioso está em essência mais vivo do que nunca. Isto é especialmente válido nos países que mais sofreram durante a última guerra mundial (1914-1945). Países, como os Estados Unidos e os países neutros, ainda não mostram nenhum sinal de qualquer real revivificação espiritual. Os outros países estão espiritualmente vivos – não nas linhas ortodoxas, mas em uma busca sincera e em uma vital demanda por luz.

O espírito religioso da humanidade está hoje mais decisivamente focado na Realidade do que nunca antes. As religiões ortodoxas mundiais estão caindo rapidamente no segundo plano das mentes dos homens, embora estejamos, sem dúvida alguma, nos aproximando mais da Realidade espiritual central. As teologias que as organizações eclesiásticas ensinam hoje (tanto no Oriente como no Ocidente) estão cristalizadas e de utilidade relativamente reduzida. Sacerdotes e religiosos, instrutores ortodoxos e fundamentalistas (fanáticos, embora sinceros) estão procurando perpetuar o antigo e, o que era suficiente no passado para atender o investigador, agora não é mais. Homens religiosos, mas não esclarecidos, embora sinceros, lastimam a rebeldia da juventude em relação às atitudes doutrinárias. Ao mesmo tempo, por entre todos os buscadores, há a demanda por uma nova revelação. Estão buscando algo novo

e interessante para atrair as massas de volta para Deus; temem que algo tenha de ser abandonado, que novas interpretações de antigas verdades devam ser descobertas, mas não conseguem compreender que é preciso chegar a uma nova perspectiva da verdade (como há no Cristo); percebem a aproximação de novas e iminentes revelações espirituais, mas tendem a recuar, em razão dos seus efeitos revolucionários. Colocam muitas perguntas para si mesmos e estão invadidos de profundas e perturbadoras dúvidas. É interessante observar que as respostas a essas perguntas provêm de duas fontes (e cada vez virão mais): das massas que pensam, cuja crescente percepção intelectual é a causa da revolta contra a religião ortodoxa, e aquela fonte de verdade e de luz sobrepairante que, inquebrantavelmente vem trazendo a revelação ao longo das eras. As respostas não virão, tanto quanto se pode ver, de nenhuma organização religiosa, seja asiática ou ocidental.

Algumas destas perguntas são formuladas da seguinte maneira:

Por que a igreja foi incapaz de deter a opressora expressão do mal, como se mostrou na última guerra mundial?

Por que a religião se mostrou inadequada para atender à necessidade da humanidade?

Por que os pretensos líderes espirituais do mundo religioso se mostraram incapazes de ajudar a solucionar os problemas do mundo?

Por que os instrutores cristãos, como expoentes do Deus do Amor, não foram capazes de impedir o aumento excepcional do ódio no mundo de hoje?

Por que a maioria desses instrutores é tão sectária, separatista e confessional em sua abordagem à verdade? No entanto, há uma minoria espiritual e de mente aberta.

Por que os jovens se recusam a ir à igreja e não têm interesse em aceitar as doutrinas que lhes são apresentadas?

Por que é a morte, e não a vida, que espreita o mundo atualmente?

Por que surgem tantos cultos novos que desviam as pessoas das organizações ortodoxas de natureza religiosa?

Por que a apresentação da Ciência Mental, do Movimento "Unity" e do Novo Pensamento atraem as pessoas e as deslocam das organizações bem estabelecidas? Observemos o uso da palavra "organizações", aí está a chave do problema.

Por que há uma ênfase crescente nas teologias orientais, nas diversas iogas, nos ensinamentos budistas e nos credos orientais?

Por que ensinamentos como astrologia, numerologia e diversos rituais mágicos encontram tantos adeptos, enquanto as igrejas permanecem vazias, ou só são frequentadas pelos idosos, pelos conservadores e reacionários ou pelos que são movidos pela força do hábito ou por sentirem uma infelicidade desesperada?

Afinal, o que está errado em nossa apresentação das realidades espirituais e das verdades eternas?

Muitas respostas são possíveis. A mais importante é que *a apresentação da verdade divina*, conforme dada pelas igrejas no Ocidente e pelos instrutores do Oriente, *não acompanhou o*

desenvolvimento intelectual do espírito humano. Ainda são oferecidas ao buscador as mesmas formas antigas de palavras e de ideias, que não atendem às suas mentes nem às suas necessidades práticas em um mundo muito difícil. Ele é solicitado a oferecer uma crença incondicional, mas não a entender: é dito a ele que não lhe é possível compreender, mas ainda assim é solicitado a aceitar as interpretações e as afirmações de outras mentes humanas, que declaram que, elas sim, entendem e possuem a verdade. Ele não crê que tais mentes e interpretações sejam melhores que as suas. As mesmas velhas fórmulas, as mesmas velhas teologias e as mesmas velhas interpretações são consideradas adequadas para atender as necessidades e indagações atuais do homem moderno. Não são.

A igreja é hoje a tumba do Cristo e a lápide da teologia rolou para a porta do sepulcro.

Porém, não faz sentido atacar o cristianismo. Não pode ser atacado, ele é uma expressão – em essência, se ainda não inteiramente factual – do amor de Deus, imanente em Seu universo criado. A igreja, porém, franqueou o ataque e a massa de pessoas reflexivas está ciente disso; infelizmente, tais pessoas ainda são minoria. No entanto, é esta minoria reflexiva que (quando for maioria, e hoje está cada vez maior), sentenciará o destino das igrejas e endossará a difusão do verdadeiro ensinamento do Cristo. Não é possível que Ele se compraza com os grandes templos de pedra que os religiosos construíram, enquanto Seu povo é deixado sem orientação e sem luz suficiente sobre os assuntos mundiais; certamente Ele deve sentir (com grande dor no coração) que a simplicidade que Ele ensinou e o simples caminho para Deus que enfatizou tenham desaparecido nas brumas da teologia (iniciada por São Paulo) e nos debates dos religiosos ao longo dos séculos. Os homens se distanciaram muito da simplicidade de pensamento e da vida simples, espiritual, que viveram os primeiros cristãos. Não é possível que o Cristo considere erradas e indesejáveis a vida separatista das igrejas e a arrogância dos teólogos – dividindo o mundo (como fizeram) em crentes e não crentes, em cristãos e pagãos, nos chamados iluminados e os chamados ignorantes) – e também como contrárias a tudo o que Ele próprio sustentou e admitiu quando disse: “Tenho outras ovelhas que não são deste redil” (Jo 10:16).

Não é o mal prevalecente no mundo hoje que está obstruindo a revelação e o desenvolvimento da vida espiritual. Este mal é resultado do equívoco e da orientação errada da mente humana, da ênfase dada às coisas materiais, produzida por eras de atividade competitiva; apoia-se no fracasso das organizações religiosas de todo o mundo de preservar a verdade em toda a sua pureza e de evitar a ideia fanática de que a interpretação da verdade de determinado indivíduo deva ser, necessariamente, a correta e única. Os teólogos lutaram (com sinceridade de intenção) por formas de palavras que acreditavam ser as únicas formulações verdadeiras e corretas da ideia divina, mas o Cristo foi esquecido por trás dessas palavras; os religiosos despenderam esforços e habilidade executiva para levantar fundos para a construção de edifícios de pedra, enquanto os filhos de Deus por todo lado continuavam famintos e despojados, perdendo, assim, a fé no amor divino.

Como é possível atender à necessidade de orientação espiritual da humanidade quando os líderes das igrejas estão ocupados com interesses temporais, quando a Igreja Católica Romana, a Igreja Grega Ortodoxa e as Igrejas Protestantes enfatizam a pompa e as cerimônias, os grandes templos e as catedrais de pedra, os cálices e patenas de ouro e prata, os barretes escarlates, os paramentos cheios de joias e todos os objetos tão apreciados pelas pessoas com mentalidade eclesiástica? Como podem ser salvas as crianças famélicas do mundo – e da Europa em particular – se Papas e Bispos visam dinheiro para construir catedrais e mais igrejas, enquanto as atuais permanecem vazias? Como pode a luz brilhar de novo nas mentes dos homens quando a classe clerical mantém as pessoas em estado de medo, a menos que aceitem as antigas interpretações teológicas e os antigos métodos de aproximação a Deus? Como podem ser atendidas as necessidades espirituais e intelectuais

das pessoas quando os seminários teológicos não ensinam nada de novo nem de adequado para a conjuntura atual, o que fazem é despachar jovens que estão arraigados nas interpretações do passado para guiar a humanidade? Tais jovens ingressam na formação e preparação religiosa para o ministério com grandes expectativas e visão; saem com pouca esperança, não muita fé, mas com a determinação de “vencer na vida” e chegar à notoriedade na igreja.

Levanta-se a pergunta se o Cristo se sentiria em casa nas igrejas se caminhasse novamente entre os homens. Os rituais e as cerimônias, a pompa e os paramentos, as velas, o ouro e a prata, a ordem de graduação de papas, cardeais, arcebispos, cônegos e párocos comuns, pastores e clérigos, ao que parece seriam de pouco interesse para o simples Filho de Deus, o qual – quando na Terra – não tinha onde apoiar a cabeça.

A apresentação da verdade religiosa no passado bloqueou o crescimento do espírito religioso; a teologia levou a humanidade às portas do desespero; a delicada flor da vida crística se atrofiou nas sombrias cavernas do pensamento humano; a fanática adesão às interpretações humanas tomou o lugar da vida cristã; milhões de livros obstruíram as palavras vivas do Cristo; os argumentos e os debates dos padres apagaram a luz que o Buda trouxe, e o Amor de Deus, como revelado pela vida do Cristo, foi esquecido enquanto os homens se desentendiam sobre significados, frases e palavras. Enquanto isso, os homens agonizavam, morriam de fome, sofriam, pediam ajuda e instrução e, não atendidos, perderam a fé.

As pessoas hoje, em toda parte, estão prontas para a luz; estão na expectativa de uma nova revelação e de uma nova dispensação e a humanidade tanto avançou no caminho da evolução que tais demandas e expectativas não se formulam apenas em termos de melhorias materiais, mas sim em termos de uma visão espiritual, de verdadeiros valores e de corretas relações humanas. Estão pleiteando ensinamento e ajuda espiritual ao lado das solicitações de alimento, vestuário e oportunidades para trabalhar e viver com liberdade; estão enfrentando a fome em grandes regiões do mundo, como também registrando (com idêntico desalento) a fome da alma.

Certamente não incorreremos em erro se concluirmos que esse desalento e essa demanda espiritual tomaram uma dimensão suprema na consciência do Cristo. Quando Ele reaparecer e quando a Sua Igreja, até agora invisível, aparecer com Ele, o que poderão fazer para atender a este insistente clamor e intensificada atitude de percepção espiritual com que serão recebidos? Eles veem o quadro todo. O clamor do cristão por ajuda espiritual, o clamor do budista por iluminação espiritual e o clamor do hindu por compreensão espiritual – ao lado do clamor de todos que têm e que não têm fé – devem ser atendidos. As necessidades da humanidade estão se elevando aos Seus ouvidos e o Cristo e Seus discípulos não têm intolerâncias sectárias, podemos estar bem certos disso. É impossível crer que Eles estejam interessados nos pontos de vista dos fundamentalistas ou nas teorias dos teólogos sobre o Nascimento Virginal, a Expição Vicária ou a Infalibilidade do Papa.

A humanidade está passando por necessidades prementes e elas devem ser atendidas; somente princípios de vida grandes e fundamentais, que cubram o passado e o presente e viabilizem uma plataforma para o futuro atenderão realmente a esta invocação humana. O Cristo e a Hierarquia espiritual não virão para destruir tudo que a humanidade considerou até agora “necessário para a salvação”, nem tudo que atendia à demanda espiritual. Quando o Cristo reaparecer, seguramente desaparecerá o que não for essencial; permanecerão os princípios fundamentais da fé, sobre os quais Ele poderá construir a nova religião mundial, pela qual todos os homens esperam. Esta nova religião mundial certamente terá por base as verdades que resistiram à prova das eras e trouxeram segurança e consolo para os homens de toda parte. São elas:

1. A Realidade de Deus

Acima de tudo, é preciso que se reconheça a realidade da existência de Deus. Essa Realidade central pode receber qualquer denominação que o homem escolha, segundo a sua inclinação mental ou emocional, tradição e herança racial, pois não pode ser definida nem condicionada por nomes. Os seres humanos necessariamente usam nomes para expressar o que percebem, sentem e sabem, tanto do fenomênico como do intangível. Consciente ou inconscientemente, todos os homens reconhecem o Deus Transcendente e o Deus Imanente. Percebem Deus como o Criador e a Inspiração de tudo que há.

Os credos orientais sempre enfatizaram o *Deus Imanente*, profundamente assentado no coração humano “mais perto do que as mãos e os pés”, o Eu, o Uno, o Atma, menor do que o pequeno, mas não obstante, onibarcante. Os credos ocidentais ofereceram o *Deus Transcendente*, fora de Seu universo, um Espectador. Deus Transcendente, primeiramente, condicionou o conceito humano da Deidade, pois a ação deste Deus Transcendente aparecia nos processos da natureza; depois, na dispensação judaica, Deus apareceu como o Jeová patriarcal, como a alma (um tanto desagradável) de uma nação. Em seguida, Deus foi considerado um homem perfeito, o divino homem-Deus que caminhou sobre a Terra na Pessoa do Cristo. Hoje, prioriza-se o Deus Imanente em todos os seres humanos e em todas as formas criadas. Na verdade, a igreja hoje deveria expor uma síntese dessas duas ideias que foram resumidas por Shri Krishna na *Bhagavad Gita*: “Tendo penetrado todo o universo com um fragmento de Mim Mesmo, Eu permaneço”. Deus, maior do que tudo que foi criado, ainda assim está presente na parte; Deus Transcendente respalda o Plano para o nosso mundo e constitui o propósito que condiciona todas as vidas, do menor átomo, passando por todos os reinos da natureza, até chegar ao homem.

2. A Relação do Homem com Deus

A segunda verdade que todos aceitam – independente da crença – é a relação essencial do homem com Deus. Inerente à consciência humana – com frequência incipiente e indefinida – há um sentido de divindade. “Todos vocês são filhos de Deus” (Gl 3:26) e “Um é o nosso Pai, Deus sempiterno”, dizem o Cristo e todos os Instrutores e Avatares ao longo das eras. “Como Ele é, assim também somos nós neste mundo” (1Jo 4:17), é outra declaração bíblica. “Ele está mais perto do que o alento, mais perto do que as mãos e os pés”, canta o hindu. “Cristo em nós, esperança de Glória”, é a afirmação triunfal de São Paulo.

3. A Realidade da Imortalidade e da Vida Eterna

Em terceiro lugar, temos o sentido de continuidade, da vida eterna ou imortalidade. Esse reconhecimento parece ser inevitável e integra a reação da humanidade tal como o instinto de sobrevivência. Com essa convicção interna encaramos a morte e sabemos que devemos voltar novamente à vida, que vamos e voltamos e subsistimos, porque somos divinos e regemos o nosso próprio destino. Sabemos que nos propusemos a alcançar uma meta e que ela é a “vida mais abundante” – em algum lugar, aqui, ali e, por fim, em todas as partes.

O espírito do homem é imorredouro; resiste eternamente, progredindo de ponto a ponto, de etapa a etapa do Caminho da Evolução, desenvolvendo gradual e progressivamente os atributos e aspectos divinos. Essa verdade implica, necessariamente, no reconhecimento de duas grandes leis da natureza: a Lei do Renascimento e a Lei de Causa e Efeito. As igrejas do Ocidente recusaram-se oficialmente a reconhecer a Lei do Renascimento e, por isso, vagueiam em um impasse teológico e em um beco sem saída. As igrejas do Oriente enfatizaram muito essas leis, de maneira que uma atitude negativa e submissa em relação à vida e seus processos, fundamentada na oportunidade que se renova constantemente, controla as

pessoas. O cristianismo enfatizou a imortalidade, mas tornou a felicidade eterna dependente da aceitação de um dogma teológico: “Seja um devoto cristão verdadeiro e viverá em um céu venturoso; recuse-se a ser um cristão crédulo, professando um cristianismo negativo, e irá a um inferno terrível” – inferno que se origina na teologia do *Antigo Testamento* e sua apresentação de um Deus cheio de ódio e ciúme. Os dois conceitos são hoje repudiados por todas as pessoas ponderadas e sinceras. As pessoas dotadas de real poder de raciocínio ou que creem em um Deus de Amor não aceitam o Céu dos eclesiásticos nem desejam ir para lá. Um número ainda menor aceita o “lago de fogo que arde com enxofre” (Ap 19:20) ou as torturas eternas, às quais, segundo a crença, o Deus de amor encaminha todo aquele que não crê nas interpretações teológicas da Idade Média, dos fundamentalistas modernos ou dos religiosos irracionais que procuram – por meio da doutrina, do medo e da ameaça – manter os povos em linha com os antigos e obsoletos ensinamentos.

A verdade essencial está em outro lugar. “O que o homem semear, isso também colherá” (Gl 6:7) é uma verdade que precisa ser reconsiderada. Com essas palavras São Paulo expõe o antigo e verdadeiro ensinamento da Lei de Causa e Efeito, que no Oriente é denominada Lei do Carma.

A imortalidade da alma humana e a capacidade inata do homem espiritual interno de elaborar a própria salvação, nos termos da Lei do Renascimento, em resposta à Lei de Causa e Efeito, são os fatores subjacentes que regem a aspiração e a conduta dos homens. Ninguém pode fugir dessas duas leis. Elas condicionam os homens até alcançarem a perfeição determinada e desejada e conseguirem se manifestar na Terra como filhos de Deus que atuam corretamente.

4. A Continuidade da Revelação e as Aproximações Divinas

A quarta verdade essencial esclarece todo o trabalho planejado pelo Cristo como relacionado com a revelação espiritual e a necessidade que o homem tem de Deus e que Deus tem do homem. Sempre houve algo a atestar essa verdade. Sempre que o homem pediu luz, veio luz. Nunca houve época, ciclo ou período mundial em que o ensinamento e a ajuda espiritual de que a humanidade precisava não fossem transmitidos. Sempre que o coração e a mente do homem buscaram a Deus, a divindade se aproximou do homem. A história da humanidade é, na verdade, a história do clamor do homem por mais luz e contato com Deus, e também da vinda da luz e da aproximação de Deus ao homem. O Salvador, Avatar ou Instrutor do Mundo sempre surgiu do lugar secreto do Altíssimo, trazendo ao homem uma nova revelação, uma nova esperança e um novo incentivo para viver uma vida espiritual mais plena.

Algumas dessas aproximações tiveram importância capital, afetando a humanidade como um todo; outras, de menor transcendência, afetaram apenas uma parte relativamente pequena da humanidade – uma nação ou um grupo. Os que vêm como Reveladores do Amor de Deus procedem do centro espiritual que o Cristo denominou “O Reino de Deus” (Mt 6:33). Lá moram “os espíritos justos que chegaram à perfeição” (Hb 12:23); ali residem os Guias espirituais da raça. Os Executivos espirituais do Plano de Deus vivem, trabalham e supervisionam os assuntos humanos e planetários, sendo que receberam diversos nomes: Hierarquia Espiritual, Morada da Luz, Centro onde moram os Mestres da Sabedoria, Grande Loja Branca. De lá vêm os Mensageiros da Sabedoria de Deus, os Guardiões da Verdade, tal como se encontra no Cristo e Aqueles que têm a tarefa de salvar o mundo, transmitir a revelação seguinte e demonstrar a divindade. Todos os Textos Sagrados do mundo testemunham a existência deste centro de energia espiritual. Esta Hierarquia espiritual vem se aproximando cada vez mais da humanidade, à medida que os homens se tornam mais conscientes da divindade e mais preparados para o contato com o divino

Outra grande Aproximação da divindade e outra revelação espiritual são possíveis agora. Uma nova revelação está pairando sobre o gênero humano e Aquele que a trará e implementará está se aproximando continuamente de nós. Ainda não sabemos o que esta grande aproximação trará para a humanidade. Certamente nos trará resultados tão precisos como as revelações anteriores e as missões d'Aqueles que vieram em resposta aos clamores anteriores da humanidade. A Guerra Mundial purificou o gênero humano. Um novo céu e uma nova terra estão a caminho. O que o teólogo e o religioso ortodoxo querem dizer com "um novo céu"? Será que essas palavras significarão algo completamente diferente e um novo conceito em relação ao mundo das realidades espirituais? O Ser Esperado trará uma nova revelação sobre a natureza do próprio Deus? Sabemos tudo o que podemos saber sobre Deus? Se assim for, Deus é muito limitado. Existirá a possibilidade de que as nossas ideias atuais sobre Deus, que consideramos como a Mente Universal, Amor e Vontade, sejam enriquecidas por alguma ideia ou qualidade nova, para a qual ainda não temos nome, nem palavras, nem a mais remota noção? Os três conceitos atuais que constituem a divindade – a Trindade – eram completamente novos quando foram expostos pela primeira vez à mente e à consciência do homem.

Há anos a Hierarquia Espiritual do nosso planeta vem se aproximando da humanidade, e essa aproximação é a causa dos grandes conceitos de liberdade, tão caros ao coração do homem. O sonho de fraternidade, solidariedade, de cooperação mundial e de paz, fundamentadas em corretas relações humanas, ganham cada vez mais clareza em nossas mentes. Também visionamos uma religião mundial nova e vital, um credo universal que terá raízes no passado, mas que evidenciará a nova beleza e a revelação vital iminente.

De uma coisa podemos ter certeza: de alguma maneira, esta Aproximação – profundamente espiritual e real – comprovará a verdade da imanência de Deus. As igrejas enfatizaram e exploraram a extraterritorialidade da Divindade e postularam a presença de um Deus criador, sustentador e criativamente ativo, mas também exterior à Sua criação – um espectador inescrutável. Será demonstrado que esse tipo de criador transcendente é falso; essa doutrina será refutada através da manifestação de Deus no homem, esperança de glória. Isso é o que será demonstrado pela Aproximação esperada; ela também comprovará a relação estreita existente entre Deus Transcendente e a assertiva de que "n'Ele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser", porque "tendo penetrado todo o Universo com um fragmento de Si mesmo, Ele *permanece*". Deus é imanente em todas as formas criadas; a glória é a expressão da divindade inata em todos os seus atributos e aspectos, qualidades e poderes, que será revelada por meio da humanidade.

A nova religião estará alicerçada na existência de Deus, na relação do homem com o divino, na realidade da imortalidade e da continuidade da revelação divina e também no constante aparecimento de Mensageiros provenientes do centro divino. A tais fatos serão agregados o conhecimento do homem, indubitável e instintivo sobre a existência do Caminho para Deus e de sua capacidade de trilhá-lo quando o processo evolutivo o conduzir ao ponto de uma nova orientação para a divindade e a aceitação da realidade de Deus Transcendente e de Deus Imanente em todas as formas de vida. São estas as verdades fundamentais sobre as quais se assentará a religião do futuro, cuja nota-chave será Aproximação Divina. "Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês" (Tg 4:8), é a grande ordem formal que emana em tons novos e claros do Cristo e da Hierarquia espiritual neste momento.

O grande tema da nova religião mundial será o reconhecimento das muitas aproximações divinas e da continuidade da revelação que cada uma delas transmitiu; a tarefa hoje diante das pessoas de orientação espiritual é preparar a humanidade para a iminente e (talvez) a mais grandiosa de todas as *Aproximações*. O método empregado será o uso inteligente e científico da Invocação e Evocação e o reconhecimento de sua formidável potência.

O homem invoca a Aproximação divina de várias maneiras: por meio do incipiente e silencioso chamado ou pelo clamor invocativo das massas e pela invocação planejada e definida dos aspirantes de orientação espiritual, do colaborador, do discípulo e do iniciado inteligentemente convencidos – e, de fato, por todos que compõem o Novo Grupo de Servidores do Mundo.

A Ciência da Invocação e Evocação substituirá o que agora chamamos de “oração” e “adoração”. Não se perturbem com o uso da palavra *ciência*. Não se trata da coisa intelectual, fria e sem coração, descrita com tanta frequência. É em realidade a organização inteligente da energia espiritual e das forças do amor que, quando forem um fato, evocarão a resposta dos Seres espirituais que, outra vez, poderão caminhar livremente entre os homens, e assim estabelecer uma estreita relação e uma constante comunicação entre a humanidade e a Hierarquia espiritual.

Para mais clareza sobre o que foi exposto, podemos dizer que a Invocação tem natureza tríplice: como já foi dito, há o clamor coletivo, emitido de forma inconsciente e o chamado claro que brota do coração dos homens em momentos de crise como o atual. Esse chamado invocador se eleva incessantemente dos homens que, vivendo em meio ao desastre, se dirigem a esse poder externo a eles, pois sentem que pode vir e virá em ajuda nos momentos extremos – uma grande e silenciosa invocação que se eleva de todas as partes. Em seguida, temos o espírito invocador, também evidenciado pelos homens sinceros que, na prática religiosa, aproveitam a oportunidade da oração e da adoração conjuntas a fim de elevar seus clamores de ajuda a Deus. Unido às multidões, esse grupo forma um enorme conjunto de seres que invocam, cuja intenção em massa é muito evidente na atualidade, e sua invocação se eleva ao Altíssimo. Por fim, há os discípulos e aspirantes treinados que usam algumas fórmulas verbais e certas invocações cuidadosamente definidas e, ao fazê-lo, focalizam o chamado invocador e o clamor dos outros dois grupos, dando-lhes a orientação e o poder corretos. Hoje, os três grupos estão consciente ou inconscientemente entrando em atividade e seu esforço unificado garante a evocação.

Este novo trabalho invocador será a nota-chave da futura religião mundial, que se dividirá em duas partes. Haverá o trabalho invocador das massas de todas as partes, preparadas por pessoas espiritualmente orientadas (dentro do possível trabalhando nas igrejas, guiadas por um clero iluminado) com o objetivo de aceitar a realidade das energias espirituais iminentes dirigidas por meio do Cristo e de Sua Hierarquia Espiritual, e também treinadas para verbalizar o clamor das massas por luz, liberação e entendimento. Haverá também o trabalho qualificado de invocação, tal como é praticado pelos que treinaram suas mentes na meditação correta, conhecem o poder dos mantras, fórmulas e invocações, e atuam de maneira consciente. Utilizarão cada vez mais determinadas grandes fórmulas de palavras que serão posteriormente dadas à raça, assim como o Pai Nosso foi dado pelo Cristo e a Nova Invocação pela Hierarquia.

Esta nova ciência religiosa para a qual a oração, a meditação e o ritual prepararam a humanidade, treinará os povos a apresentar – em determinados períodos do ano – a sonante demanda dos povos do mundo, visando estabelecer relações com Deus e uma relação espiritual mais estreita entre si. Este trabalho, quando for devidamente implementado, evocará resposta da expectante Hierarquia e do seu Guia, o Cristo. Com esta resposta, a crença das massas se converterá gradualmente em convicção e em conhecimento. Assim as massas humanas serão transformadas e espiritualizadas, e os dois grandes centros divinos de energia ou grupos de energia – a Hierarquia e a própria Humanidade – começarão a trabalhar em completa harmonia e união. O Reino de Deus estará de fato e em verdade ativo na Terra.

É evidente que a nova religião só pode ser descrita nas grandes linhas. A expansão da consciência humana, que ocorrerá como resultado da Grande Aproximação iminente, habilitará a humanidade a captar não só a sua relação com a vida espiritual do nosso planeta, “Aquele em Quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser”, como também proporcionará um vislumbre da relação do nosso planeta com o círculo de vidas planetárias que se movem na órbita do Sol e do círculo maior ainda das influências espirituais que fazem contato com o nosso sistema, à medida que descreve sua órbita no firmamento (as doze constelações do zodíaco). As pesquisas astronômicas e astrológicas salientaram essa relação e as influências que exerce, mas as conjecturas permanecem, assim como tantas especulações e interpretações insensatas. No entanto, as igrejas sempre reconheceram isso e a Bíblia assevera: “Do alto céu as estrelas combateram, de seus caminhos lutaram contra Sísara” (Jz 5:20). “És tu que amarras os laços das Plêiades, ou desatas as ligações de Órion?” (Jó 38:31). Outras passagens também confirmam essa afirmação dos Conhecedores. Muitas festividades da igreja foram fixadas em relação à Lua ou a uma constelação zodiacal. A pesquisa demonstrará que isso é verdade e, quando o ritual da nova religião mundial estiver universalmente estabelecido, será um importante fator a levar em consideração.

O fato de fixar determinados grandes festivais em relação à Lua e, em menor grau, ao zodíaco, resultará no fortalecimento do espírito de invocação e no influxo das influências evocadas. A verdade subjacente a toda invocação baseia-se no poder do pensamento, em sua natureza, relação e aspectos telepáticos. O pensamento invocativo unificado das massas e o pensamento enfocado e direcionado do Novo Grupo de Servidores do Mundo constituem um fluxo permanente de energia, que chegará telepaticamente até os Seres espirituais sensíveis e receptivos a esses impactos. A resposta evocada dos Seres, transmitidas como energia espiritual, por sua vez, chegará à humanidade depois de ser atenuada à energia mental e, desta forma, exercerá o devido impacto sobre as mentes dos homens, convencendo-os e transmitindo inspiração e revelação. Assim foi sempre na história do desenvolvimento espiritual do mundo e foi esse o procedimento adotado na redação dos Textos Sagrados do mundo.

Em segundo, o estabelecimento de uma certa uniformidade nos rituais religiosos do mundo ajudará os homens de todas as partes a fortalecer o trabalho uns dos outros e a aumentar poderosamente as correntes de pensamento direcionadas às Vidas espirituais que esperam. No presente, a religião cristã tem seus grandes festivais, os budistas mantêm seu conjunto de eventos e os hinduístas uma outra série de dias santos. No mundo do futuro, quando organizado, todos os homens de inclinação e intenção espiritual de todas as partes observarão os mesmos dias santos, o que significará um esforço comum de recursos espirituais, além de uma invocação espiritual simultânea. A potência será evidente.

Permitam-me indicar as possibilidades desses eventos espirituais e procurar profetizar a natureza dos futuros Festivais mundiais. Serão três grandes Festivais anuais, celebrados em três meses consecutivos, conduzindo, portanto, a um prolongado esforço espiritual que exercerá efeitos sobre o restante do ano. Serão eles:

1. *O Festival de Páscoa*. É o Festival do Cristo vivo, ressuscitado, o Instrutor dos homens e Guia da Hierarquia Espiritual. Ele é a Expressão do amor de Deus. Neste dia, a Hierarquia, que Ele guia e conduz, será reconhecida, e a natureza do amor de Deus será enfatizada. Este Festival sempre se determina pela data da primeira Lua Cheia da primavera⁹ e é o grande Festival do Ocidente, o Festival Cristão.

⁹ Primavera no Hemisfério Norte, sendo outono no Hemisfério Sul. Corresponde à primeira Lua Cheia de Áries. (Nota dos Editores).

2. *O Festival de Wesak.* É o Festival do Buda, o Intermediário espiritual entre o centro espiritual mais elevado, Shamballa, e a Hierarquia. O Buda é a expressão da sabedoria de Deus, é a personificação de Luz e o Indicador do propósito divino. Será fixado anualmente na Lua Cheia de Maio, como já ocorre no presente. É o Grande Festival do Oriente.

3. *O Festival de Boa Vontade.* Será o Festival do espírito da humanidade – que aspira por Deus, procura estar de acordo com a Sua vontade e dedicar-se a expressar corretas relações humanas. Será fixado anualmente na Lua Cheia de Junho. Será o dia do reconhecimento da natureza espiritual e divina da humanidade. Neste Festival, há dois mil anos, o Cristo representa a humanidade e Se coloca diante da Hierarquia e à vista de Shamballa como o Deus-Homem, líder do Seu povo e “o mais velho de uma grande família de irmãos” (Rm 8:29). Neste dia, todos os anos, Ele repete o último sermão do Buda, diante da Hierarquia reunida. Será, pois, um festival de profunda invocação e apelo, de aspiração básica à fraternidade humana e à unidade espiritual, e representará o efeito na consciência humana do trabalho do Buda e do Cristo.

Esses três Festivais já são celebrados no mundo, embora ainda não estejam relacionados uns com os outros, são parte da Aproximação espiritual unificada da humanidade. Está chegando a hora em que os três Festivais serão realizados em todo o mundo e, através deles, será alcançada uma grande unidade espiritual e os efeitos desta Grande Aproximação, tão perto de nós nesta época, serão estabilizados pela invocação unida da humanidade em todo o planeta.

As demais luas cheias serão os festivais menores, mas também reconhecidas pela vital importância. Estabelecerão os atributos divinos na consciência do homem, como os grandes festivais estabelecem os três aspectos divinos. Referidos aspectos e qualidades serão determinados mediante um cuidadoso estudo da natureza de determinada constelação ou constelações que influencia(m) esses meses. Por exemplo, Capricórnio chamará a atenção para a primeira iniciação, o nascimento do Cristo na caverna do coração e indicará o treinamento necessário para a realização deste grande evento na vida do homem individual. Dou este exemplo para vocês visando indicar as possibilidades de desenvolvimento espiritual que poderia ocorrer pelo entendimento dessas influências e para restaurar as antigas crenças, expandindo-as em suas relações imorredouras mais elevadas.

Assim, os doze festivais anuais constituirão uma revelação da divindade. Apresentarão um meio de fomentar relação, primeiro, durante três meses com os três grandes Centros espirituais, as três expressões da Trindade divina. Os festivais menores enfatizarão a inter-relação do Todo, deste modo alçando a apresentação divina do individual e do pessoal para o divino Propósito universal; a relação do Todo com a parte e da parte com esse Todo será assim plenamente expressa.

A humanidade, portanto, invocará o poder espiritual do Reino de Deus, a Hierarquia; a Hierarquia responderá e os planos de Deus então serão ativados na Terra. A Hierarquia, em uma volta superior da espiral, invocará o “Centro onde a Vontade de Deus é conhecida”, invocando assim o Propósito de Deus. Deste modo a Vontade de Deus será implementada pelo Amor e manifestada inteligentemente; para isto o gênero humano está preparado e a Terra espera por isto.

Em resumo: com base na verdade fundamental já reconhecida, será construída a nova religião.

A definição de religião que no futuro demonstrará maior precisão do que qualquer outra já formulada pelos teólogos pode ser expressa nas seguintes palavras:

Religião é o nome que se dá ao apelo invocativo da humanidade e à resposta evocativa da Vida maior a este apelo.

Isso significa que a parte reconhece a sua relação com o Todo, além do apelo, sempre maior, por mais sensibilidade a tal relação, o que produz reconhecimento pelo Todo, do clamor formulado. É o impacto produzido sobre essa Vida, pela vibração da humanidade – orientada especificamente para essa Grande Vida da qual se sente parte – e o impacto em resposta a esse “Amor onipresente” sobre essa vibração menor. A religião, a ciência da invocação e evocação, no que concerne à humanidade, é a aproximação de uma humanidade polarizada mentalmente. No passado, o atrativo da religião era apenas emocional. Dizia respeito à relação do indivíduo com o mundo da realidade, do aspirante que busca com a divindade buscada. A técnica empregada consistia em capacitar o homem para revelar essa divindade, alcançar uma perfeição que justificasse essa revelação e desenvolver a sensibilidade e a resposta amorosa na direção do Homem ideal, exemplificado no Cristo, para a humanidade atual. O Cristo veio para encerrar esse ciclo de aproximação emocional existente desde os dias dos atlantes; demonstrou n’Ele Mesmo a perfeição vislumbrada e deu à humanidade um exemplo – em plena manifestação – das possibilidades latentes no homem até aquela época. A obtenção da perfeição da consciência crística se tornou o principal objetivo da humanidade.

Hoje, o conceito de uma religião mundial e a necessidade que ela surja são amplamente desejados e para este fim muito se trabalha. A fusão dos credos é hoje um campo de debates. Os trabalhadores do setor religioso formularão a plataforma universal da nova religião mundial. É um trabalho de síntese amorosa e enfatizará a unidade e a comunhão do espírito. Este grupo, de maneira muito especial, constitui um canal para as atividades do Cristo, o Instrutor mundial. A plataforma da nova religião será estruturada por muitos grupos que trabalham sob a inspiração do Cristo.

Os eclesiásticos precisam ter em mente que o espírito humano é maior que todas as igrejas e seus ensinamentos. Com o correr do tempo, o espírito humano as superará e seguirá triunfante para o Reino de Deus, deixando-as para trás, a menos que participem como um humilde componente da massa dos homens. Nada sob o céu pode deter o progresso da alma humana em sua longa peregrinação das trevas para a luz, do irreal para o real, da morte para a imortalidade e da ignorância para a sabedoria. Se os grandes e organizados grupos religiosos das igrejas de todos os países e que compõem todos os credos não oferecem guia e ajuda espiritual, a humanidade encontrará outro caminho. Nada pode afastar o espírito do homem de Deus.

As igrejas do Ocidente também precisam entender que, em essência, há apenas uma Igreja, mas não necessariamente apenas a instituição cristã ortodoxa. Deus atua de muitas maneiras e através de muitas crenças e instituições religiosas, o que é uma razão para a eliminação das doutrinas não essenciais. Priorizar as doutrinas essenciais e a união entre elas é o que revelará plenamente a verdade e isso será concretizado pela nova religião mundial, cuja implementação continuará a passos largos após o reaparecimento do Cristo.

Capítulo VII

PREPARAÇÃO PARA O REAPARECIMENTO DO CRISTO

A Preparação Necessária

O Trabalho do Novo Grupo de Servidores do Mundo

Sendo aceita a premissa geral e o tema do que foi exposto, levanta-se, necessariamente, a pergunta: O que se deve fazer para acelerar o reaparecimento do Cristo? E também: Há alguma coisa que se possa fazer individualmente, no lugar em que se está e com o instrumental, as oportunidades e os recursos disponíveis? A oportunidade é tão grande e a necessidade de ajuda espiritual decisiva e explícita é tão premente que – gostemos ou não – estamos diante de um desafio. Diante de nós está a opção de aceitarmos, com a consequente responsabilidade, ou de rejeitarmos a ideia, dando a entender que não nos diz respeito. O que decidirmos, porém, nesta hora e neste período, afetará infalivelmente o restante da nossa atividade na vida, pois ou lançamos a nossa disposição e ajuda, tanto quanto pudermos, para o lado da invocação do Cristo e da preparação para Seu retorno, ou nos uniremos àqueles que consideram toda essa proposta como um apelo aos crédulos e ingênuos, e talvez trabalhemos para impedir que os homens sejam enganados pelo que, a nosso ver, é uma fraude. Eis nosso desafio, o qual reclamará todo o nosso senso de valores e o que pudermos dispor para uma pesquisa intuitiva e específica para enfrentá-lo. Poderemos então compreender que o reaparecimento prometido está em consonância com a crença religiosa geral, sendo a grande esperança que resta nas mentes dos homens de trazer verdadeiro alívio à humanidade que sofre.

Há perguntas a formular àqueles que aceitam a possibilidade de Seu reaparecimento e que estão dispostos a admitir que a história pode se repetir – as respostas são estritamente individuais. São elas:

1. Pessoalmente, como posso enfrentar este desafio?
2. Especificamente, o que posso fazer?
3. Que providências devo tomar e onde estão aqueles que as tomarão comigo?

O exposto nessa e nas próximas páginas destina-se essencialmente àqueles que aceitam a realidade do Cristo, reconhecem a continuidade da revelação e estão dispostos a admitir a possibilidade de Seu retorno.

As complexidades e as dificuldades deste período de pós-guerra são imensas. Quanto mais próximo da fonte espiritual de luz e poder o homem possa estar, mais difícil é o seu problema, pois os assuntos humanos, neste momento, parecem estar muito distantes desta possibilidade divina. Ele precisará de toda paciência, compreensão e boa vontade. Ao mesmo tempo, os fatos ficarão mais claros para ele. Há problemas internos e externos que devem ser solucionados; há possibilidades internas e externas que podem se tornar realidade. À medida que o homem de orientação espiritual enfrenta tais possibilidades e eventos internos e externos, facilmente registrará um senso de total frustração; ele anseia por ajudar, mas não sabe o que fazer; capta as dificuldades ameaçadoras, analisa os próprios recursos e os daqueles com quem terá que trabalhar; e a clareza com que percebe as forças que se estendem contra ele (e em maior escala contra o Cristo) o levarão a perguntar: “De que adiantaria qualquer esforço que eu possa fazer? Por que não deixar que as forças do bem e do mal lutem sozinhas entre si? Por que não permitir que a pressão da corrente evolutiva – mais

cedo ou mais tarde e finalmente – tragam um fim à batalha mundial e conduza ao triunfo do bem? Por que fazer alguma coisa agora?”

Estas reações são naturais e saudáveis. A pobreza e a fome de milhões na Europa e em outros lugares; o medo da Rússia (justificado ou não); a ganância das forças capitalistas do mundo, o egoísmo do trabalhismo; a agressividade dos sionistas, reivindicando como própria uma terra que não é deles há mais de mil e quinhentos anos; o desespero do homem simples, de todos os países, que não vê segurança nem esperança em nenhum lugar; o trabalho da igreja, à medida que se empenha em restaurar o antigo estado de coisas (que não salvou o mundo ao longo dos séculos) e a falta de uma voz clara, de uma liderança, em todos os países – tudo isso leva o homem comum a sentir a insignificância de todo esforço. O problema parece grande demais, terrível demais e ele próprio parece pequeno demais e incapaz.

Contudo, a magnitude de bondade e de visão corretas que há no mundo é grande e a porção de pensamento claro e humanitário é incomensurável; nas mãos das massas compostas pelos bons homens comuns e dos milhões de pessoas de pensamento correto em todas as nações repousa a salvação do mundo e são elas que farão o trabalho preparatório para a Vinda do Cristo. Elas são adequadas, em termos numéricos para esta tarefa, precisando apenas da restauração de sua confiança e de uma lúcida coordenação que as prepare para o serviço necessário, a fim de que o reaparecimento do Cristo seja possível. Os problemas que nos cercam devem ser enfrentados com coragem, verdade e entendimento e também com a disposição de falar de acordo com os fatos, com simplicidade e amor, ao expor a verdade e ao explicar os problemas que devem ser solucionados. As forças antagônicas do mal entrincheirado devem ser completamente derrotadas para que possa vir Aquele que todos os homens esperam, o Cristo.

O fato de saber que Ele está pronto e ansiando com ardor por reaparecer publicamente para a Sua amada Humanidade serve apenas para aumentar o senso geral de frustração, surgindo então outra pergunta vital: Por quanto tempo temos que aguentar, nos esforçar e lutar? A resposta nos chega com toda clareza: infalivelmente Ele virá, quando a paz tiver sido restaurada em certo grau; quando o princípio de partilha estiver, pelo menos, em processo de controlar os assuntos econômicos e quando as igrejas e os grupos políticos tiverem começado a exterminar a corrupção. Ele então poderá vir e virá; o Reino de Deus será reconhecido publicamente e deixará de ser coisa de sonhos, de fantasia e de esperança religiosa.

As pessoas tendem a perguntar por que o Cristo não vem – com a pompa e o cerimonial que as igrejas atribuem ao evento – e, com Sua vinda, demonstrar o Seu poder divino, provar, de maneira convincente, a autoridade e a potência de Deus, assim pondo fim ao ciclo de agonia e aflição. As respostas são muitas. É preciso lembrar que *o principal objetivo do Cristo não será demonstrar poder, e sim dar a conhecer o Reino de Deus já existente*. E, repetindo, quando Ele veio antes, não foi reconhecido; haveria alguma garantia de que desta vez seria diferente? Talvez se perguntem por que não será reconhecido. Porque os olhos dos homens estão cegos pelas lágrimas da autopiedade e não de contrição; porque os corações dos homens ainda estão carcomidos por um egoísmo que a agonia da guerra não curou; porque o padrão de valores é o mesmo do corrupto Império Romano, que viu Seu primeiro aparecimento, mas na época tais padrões eram localizados e não universais como hoje; porque aqueles que poderiam reconhecê-Lo, esperam e anseiam por Sua vinda não estão dispostos a fazer os sacrifícios necessários para então assegurar o sucesso do Seu advento.

O pensamento avançado, o êxito dos muitos movimentos esotéricos e, acima de tudo, os prodígios da ciência e as maravilhas dos muitos movimentos humanitários não indicam frustração divina, mas sim o crescimento da compreensão espiritual; as forças do espírito são invencíveis. Estes aspectos do comportamento humano indicam a maravilha da divindade que

está no homem e o êxito do plano divino para a humanidade. Contudo, a Divindade aguarda a demonstração do livre-arbítrio do homem; sua inteligência e a boa vontade crescente já estão se expressando.

Portanto, outra resposta à pergunta formulada é que o Cristo e a Hierarquia espiritual – independente do quanto seja grande a necessidade ou importante o estímulo – nunca infringem o direito divino dos homens de tomarem as próprias decisões, exercerem seu livre-arbítrio e obterem liberdade lutando por ela – individual, nacional e internacionalmente. Quando a verdadeira liberdade cobrir a Terra, veremos o fim das tiranias – nos campos político, religioso e econômico.

Não estou me referindo à democracia moderna como conjuntura que atenda à necessidade, pois no presente ela é uma filosofia de autoengano e um ideal inalcançado. Refiro-me ao período que certamente virá, no qual regeirão as pessoas *iluminadas*, as quais não tolerarão o autoritarismo de nenhuma igreja nem o totalitarismo de nenhum sistema político; elas não aceitarão nem permitirão o rigor disciplinar de nenhum grupo de homens que lhes diga no que devem acreditar para que sejam salvos ou qual governo devem aceitar. Quando se disser a verdade às pessoas e elas puderem avaliar com liberdade e decidir por si próprias, veremos então um mundo muito melhor.

Não é essencial nem necessário que todos estes objetivos sejam fatos consumados na Terra antes que o Cristo esteja atuando entre nós. É necessário, porém, que esta atitude com relação à religião e à política seja considerada desejável de maneira geral e que tenham sido dados passos bem-sucedidos na direção de corretas relações humanas. Nestas linhas estão trabalhando o Novo Grupo de Servidores do Mundo e os homens de boa vontade, e sua primeira iniciativa deve ser neutralizar o difundido senso de frustração e de inutilidade individual.

O que neutralizará o senso de frustração e de inutilidade e também proporcionará o necessário incentivo para a reconstrução do novo mundo será a crença na divindade essencial da humanidade, na comprovação da evolução (o que um breve estudo dará rapidamente) de que a humanidade avançou com firmeza em sabedoria e conhecimento e que uma considerável inclusividade, além do desenvolvimento de um estado mental que se baseará na crença da veracidade dos registros históricos, que testemunham os muitos adventos, nos momentos cruciais dos assuntos humanos e dos muitos Salvadores mundiais – dos quais o Cristo foi o maior. Uma atitude correta e construtiva também deve se basear no reconhecimento inato da existência do Cristo e de Sua Presença entre nós, em todas as épocas; deve estar fundamentado no conhecimento de que a guerra – com seus indizíveis horrores, crueldade e catástrofes – nada mais foi do que um instrumento do Pai, varrendo todas as obstruções do caminho do retorno do Seu Filho. Seria quase impossível preparar a vinda nas condições do pré-guerra. Com base nesses fatos, o Novo Grupo de Servidores do Mundo deve tomar sua posição. Deve reconhecer os fatores obstrutores, mas também não se deixar frustrar por eles; deve estar ciente dos obstáculos (muitos dos quais financeiros e baseados na ganância material, nas antigas tradições e nos preconceitos nacionais). Deverá empregar tal habilidade de ação e tal tino para os negócios que esses obstáculos serão superados; deve caminhar com olhos perspicazes e ultrapassar ileso e com sucesso todos os fatores frustrantes.

Há dois grandes fatores que condicionam a presente oportunidade; podem ser considerados como obstáculos tão grandes que, se não forem eliminados, haverá grande atraso para que o Cristo possa retornar. São eles:

1. A inércia do cristão comum ou do homem de orientação espiritual em todos os países, no Oriente e no Ocidente;

2. A falta de dinheiro para o trabalho de preparação.

Manteremos estes temas no nível simples, fácil de compreender, no qual atua e pensa a maioria das pessoas de hoje. Sejamos práticos e nos empenhemos em ver as condições tais como são para assim chegarmos a um melhor conhecimento de nós mesmos e das nossas motivações.

1. Inércia do Homem Comum de Orientação Espiritual

A pessoa comum de orientação espiritual, o homem de boa vontade, ou discípulo, está sempre consciente do desafio da época e da oportunidade que os eventos espirituais podem oferecer. O desejo de fazer o bem e de alcançar os fins espirituais absorvem incessantemente a sua consciência. Quem ama os semelhantes, tem o sonho de ver o Reino de Deus se materializar na Terra e quem está consciente do despertar das massas para os valores espirituais superiores – por lento que seja – só pode estar completamente insatisfeito. Esta pessoa compreende que a contribuição que presta para alcançar os objetivos desejados é pequena. Sabe que a sua vida espiritual é assunto secundário; é algo que mantém cuidadosamente para si e que habitualmente teme mencionar às pessoas mais próximas e queridas; procura encaixar seus esforços espirituais na vida comum, externa, lutando para encontrar tempo e oportunidade para ela de maneira moderada, superficial e inócua. Sente-se impotente diante da tarefa de organizar e reajustar seus assuntos visando o predomínio do modo de vida espiritual; procura desculpas para si e, com o tempo, racionaliza com tanto êxito que acaba achando que está fazendo o melhor que pode diante das circunstâncias. A verdade é que está fazendo tão pouco que, provavelmente, uma hora (talvez duas) das vinte e quatro cobririam o tempo que dá à obra do Mestre; esconde-se atrás da desculpa de que as obrigações domésticas o impedem de fazer mais e não compreende que – com tato e compreensão amorosa – o ambiente familiar pode e deve ser o campo onde ele triunfe; esquece-se de que *não há circunstâncias nas quais o espírito do homem possa ser derrotado* ou no qual o aspirante não possa meditar, pensar, falar e preparar o caminho para a vinda do Cristo, desde que tenha interesse suficiente e saiba qual é o significado de sacrifício e silêncio. *As circunstâncias e o ambiente não oferecem nenhum obstáculo real à vida espiritual.*

Talvez se esconda atrás de desculpas como saúde debilitada e muitas vezes de doenças imaginárias. Dedicar tanto tempo ao cuidado de si mesmo que as horas que poderia dedicar à obra do Mestre ficam direta e seriamente restritas; fica tão preocupado com a sua condição de cansaço, seu resfriado e dificuldades cardíacas imaginárias que a sua “consciência corporal” se desenvolve gradualmente até que, a certa altura, passa a dominar sua vida, e então é tarde demais para fazer alguma coisa. É o que acontece especialmente com pessoas que chegaram aos cinquenta anos ou mais. É uma desculpa difícil de deixar de usar, pois muitos se sentem cansados e indispostos, o que, com o passar dos anos, tende a piorar.

A única terapia para esta inércia que vai se arraigando é ignorar o corpo e extrair alegria na vida de serviço. Não estou me referindo às doenças específicas nem às sérias deficiências físicas, às quais é preciso dispensar devido cuidado e atenção; falo para os milhares de homens e mulheres indispostos, preocupados em cuidar de si mesmos, desperdiçando horas que poderiam ser dedicadas ao serviço à humanidade. Aqueles que procuram trilhar o Caminho do Discipulado deveriam aplicar essas muitas horas consumidas em inúteis cuidados pessoais no serviço à Hierarquia.

Outra desculpa que leva à inércia é o medo que as pessoas têm de falar sobre as coisas do Reino de Deus; temem ser repelidas ou ser tidas por excêntricas ou intrometidas. Assim, guardam silêncio, perdem a oportunidade e nunca descobrem o quanto as pessoas estão prontas para debater sobre os fatos, para o conforto e a esperança que o pensamento do retorno do Cristo pode trazer e para a partilha de luz espiritual. Trata-se, essencialmente, de uma forma de covardia espiritual, mas é tão difundida que é responsável pela perda de milhões de horas de serviço mundial.

Há outras desculpas, mas as mencionadas acima são as mais comuns; libertar a maioria das pessoas dessas condições impeditivas traria para o serviço do Cristo tanto tempo extra de esforço, que a tarefa dos que não admitem desculpas seria muito minorada e a vinda do Cristo estaria mais próxima do que está hoje. Não somos chamados ao ritmo de vida sob o qual o Cristo e a Hierarquia espiritual atuam, e que vibra em harmonia com a necessidade humana e a resposta espiritual. No entanto, somos chamados a demonstrar a qualidade de atividade espiritual e a não nos escondermos atrás de desculpas. É essencial que todas as pessoas de orientação espiritual reconheçam que no lugar em que se encontram agora, entre as pessoas que lhe são associadas e com o instrumental psicológico e físico de que são dotadas, elas podem e devem trabalhar. Não há coerção possível nem pressão indevida no serviço que se presta à Hierarquia. A situação é clara e simples.

No momento, há três grandes atividades em andamento:

Primeiro, a atividade que se percebe no “centro onde a vontade de Deus é conhecida”, a vontade-para-o-bem que levou toda a criação a uma glória cada vez maior e a uma resposta inteligente, cada vez mais profunda.

Esta atividade está procurando introduzir, criativamente, a nova visão mundial, a visão do Reino de Deus, sob a supervisão física do Cristo, o que poderia ser considerado como a exteriorização da Hierarquia espiritual do nosso planeta, da qual o retorno do Cristo à atividade visível será o sinal e o símbolo.

Segundo, a decisiva atividade que está condicionando a Hierarquia espiritual, do próprio Cristo até o menor dos aspirantes que se encontra na periferia desse “centro onde o amor de Deus” está plenamente ativo. Ali se compreende que (nas palavras de São Paulo), “Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto, esperando a manifestação dos Filhos de Deus” (Rm 8:22). Para esta manifestação Eles estão se preparando agora, aqueles “Filhos de Deus que são os filhos dos homens”; é para esta vinda ao serviço ativo externo que Eles já estão entrando – um a um – em atividade externa no plano físico. Não são reconhecidos pelo que são, mas cuidam dos assuntos do Pai, demonstrando boa vontade, procurando ampliar o horizonte da humanidade, dessa maneira preparando o caminho para Aquele a Quem Servem, o Cristo, o Mestre dos Mestres e o Instrutor de anjos e homens.

Terceiro, há a própria humanidade, “o centro a que chamamos raça dos homens” – um centro no momento repleto de caos, distúrbios e confusão; uma humanidade cheia de dores, perplexidade e inquietações e, ainda assim, mentalmente consciente das infinitas possibilidades, batalhando emocionalmente pelo plano que lhe parece ser o melhor, mas sem qualquer senso de coerência e sem compreender que ele deve ser “um só mundo para uma só humanidade”. As pessoas desejam simplesmente paz emocional, segurança na qual viver e trabalhar e uma visão de um futuro que atenda a algum rudimentar senso de perdurabilidade divina. Estão fisicamente enfermas, desprovidas da maior parte do básico para levar uma vida normal e saudável, atormentadas pela insegurança financeira e – consciente ou

inconscientemente – estão invocando o Pai de todos, para o próprio bem e o do resto do mundo.

A solução se encontra no reaparecimento do Cristo. Trata-se da determinante vontade de Deus, da qual testemunham os textos sagrados do mundo; é o desejo do próprio Cristo e de Seus discípulos, os Mestres de Sabedoria; é o clamor, não reconhecido, dos povos de todas as nações. Onde há unificação de propósito, uniformidade de intenção espiritual e de consciência chamado, só uma coisa pode deter Seu reaparecimento e é ela o fracasso da humanidade de preparar o cenário mundial para este egrégio evento: “Preparai o caminho do Senhor, endireitai Suas veredas” (Mt 3:3), de dar a conhecer às pessoas a ideia de Sua vinda e de viabilizar a necessária medida de paz na Terra – uma paz baseada em corretas relações humanas.

É certamente desnecessário tratarmos aqui do tema da preparação que o indivíduo deve fazer em si mesmo, à medida que se habilita para o trabalho a realizar. Os princípios da correta conduta espiritual foram apresentados ao homem ao longo dos séculos. No entanto, os homens os consideraram de maneira egoísta, sonhando que a conduta correta os levaria ao céu. Para aqueles que trabalham na preparação da vinda do Cristo e que, além de uma inteligência sadia e da prática de uma vida bem organizada, a breve prece que diz: “Senhor Deus Todo-poderoso! Que haja paz na Terra e que ela comece em mim”, resume todos os requisitos indispensáveis. Hoje, porém, o motivo se desloca do conceito de salvação pessoal (o qual é admitido ou dado como certo) e a preparação exigida que é a de trabalhar com intensidade e compreensão, a fim de impulsionar as corretas relações humanas – objetivo muito mais amplo. Com isso temos um motivo que não é autocentrado, mas sim que alinha todo trabalhador individual e todo humanitário ao lado da Hierarquia espiritual, colocando-o em contato com todos os homens de boa vontade. Chegamos agora ao segundo dos principais obstáculos, a falta de suporte financeiro para os colaboradores do Cristo.

2. Falta de Suporte Financeiro para o Trabalho do Cristo

Talvez seja esta a principal dificuldade e para muitos parece ser, às vezes, insuperável. Implica no problema da verdadeira governança e na alocação de somas adequadas para canais que seguramente ajudem no trabalho de preparação para o retorno do Cristo. Essa dificuldade está estreitamente relacionada com o problema de corretas relações humanas.

O problema, portanto, é especialmente difícil, porque os trabalhadores espirituais do mundo não somente têm que educar as pessoas para que deem (segundo suas possibilidades) como, em muitos casos, têm que – primeiramente – oferecer-lhes uma motivação de apelo tão magnético que elas forçosamente devam dar. E eles também terão que prover o instituto, a fundação ou organização para administrar o dinheiro. É uma tarefa de tremenda dificuldade. O impasse que existe hoje não se baseia apenas na inovação de levantar fundos em preparação para o retorno do Cristo, mas sim no exercitado egoísmo da maioria dos que detêm a riqueza do mundo, os quais – mesmo que deem – o fazem porque promove o prestígio e indica sucesso financeiro. É evidente que há exceções, mas são relativamente poucas.

Generalizando e, portanto, simplificando muito o tema, podemos admitir que o dinheiro tem quatro canais principais pelos quais circula:

1. Nos incontáveis lares do mundo, sob a forma de remuneração, salário ou herança. Tudo isto hoje é desigual, produzindo riquezas excessivas ou extrema pobreza.

2. Nos grandes sistemas capitalistas e monopólios, que se encontram em imponentes estruturas em muitas nações. Seja o capital pertencente ao governo, ao poder local, a um pequeno número de homens ricos ou a grandes sindicatos, não importa. Pouco se dispensa ao

melhoramento da vida humana ou para inculcar valores que levem às corretas relações humanas.

3. Nas igrejas e grupos religiosos de todo o mundo. Aqui (mais uma vez falando em termos gerais e, ao mesmo tempo, reconhecendo a existência de uma minoria de orientação espiritual) o dinheiro é dedicado aos aspectos materiais do trabalho; à multiplicação e preservação da estrutura eclesiástica; aos salários e despesas gerais e apenas um pequeno percentual é destinado ao ensinamento das pessoas, à demonstração viva da simplicidade, “tal como está em Cristo”, e à difusão dos fatos relacionados ao Seu retorno – que durante séculos foi doutrina da igreja. Este retorno está previsto ao longo das eras e já poderia ter ocorrido se as igrejas e as organizações religiosas tivessem cumprido o seu dever.

4. Nas obras filantrópicas, educativas e de assistência médica. Tudo isto tem sido muito bom e grandemente necessário e a dívida do mundo junto aos homens imbuídos de espírito público é sem dúvida significativa. Tudo isto foi um passo na direção correta e uma expressão da divina vontade-para-o-bem. No entanto, com muita frequência o dinheiro é usado de maneira imprópria e mal direcionado, e os valores desenvolvidos foram em grande parte institucionais e concretos. Sofreram limitações em razão dos princípios impostos pelos doadores e pelos preconceitos religiosos daqueles que controlam o desembolso dos fundos. Em meio às disputas por causa de ideias, teorias religiosas e ideologias, a verdadeira assistência à Humanidade una é desconsiderada.

O fato é que se as agências encarregadas de canalizar os recursos do mundo tivessem uma real visão das realidades espirituais, da humanidade una e do mundo uno, e se seu objetivo fosse estimular corretas relações humanas, as massas de toda parte estariam respondendo a uma possibilidade futura muito diferente da que há atualmente; não estaríamos enfrentando gastos como estamos hoje – que chegam a muitos bilhões – necessários para restaurar fisicamente, não apenas o corpo físico de milhões de homens, como cidades inteiras, sistemas de transporte e centros responsáveis pela reorganização da vida humana.

Da mesma maneira se pode dizer que se os valores e as responsabilidades espirituais relacionados ao dinheiro (em somas grandes ou pequenas) tivessem sido avaliados e ensinados da maneira adequada nos lares e nas escolas, não teríamos as aterradoras estatísticas do dinheiro gasto antes da guerra, em todas as nações (e gastos hoje no hemisfério ocidental) em doces e similares, bebidas alcoólicas, cigarros, diversões, roupas desnecessárias e artigos supérfluos. Estas estatísticas chegam a centenas de milhões de dólares por ano. Uma fração deste dinheiro, que implicaria em um sacrifício mínimo, habilitaria os discípulos do Cristo e o Novo Grupo de Servidores do Mundo a prepararem o caminho para Sua vinda e para instruir as mentes e os corações dos homens de todas as nações nas corretas relações humanas.

O dinheiro – assim como tudo mais da vida humana – foi corrompido pelo egoísmo e sequestrado para fins egoístas, individuais ou nacionais. A prova disso é a Guerra Mundial (1914-1945) embora muito se falasse de “salvar o mundo para a democracia” e “lutar uma guerra para acabar com a guerra”, o principal objetivo era a autoproteção e a autopreservação, a expectativa de lucros, a reparação de antigos ódios e a recuperação de territórios. Os anos transcorridos desde a guerra provaram isso. Infelizmente, as Nações Unidas, por força das circunstâncias, estão ocupadas com as ávidas demandas de todos os lados, com a caça das nações por posição e poder, e pela posse dos recursos naturais da terra – carvão, petróleo, etc., e também com as atividades furtivas das grandes potências e dos capitalistas.

No entanto, o tempo todo, a humanidade una – independente do local de residência, da cor da pele ou da crença religiosa – está clamando por paz, justiça e um sentimento de segurança.

Isso, o correto uso do dinheiro e uma compreensão por parte de muitos de sua responsabilidade financeira (responsabilidade baseada em valores espirituais), rapidamente propiciariam. Com exceção de alguns filantropos perspicazes e de uma mera minoria de estadistas, religiosos e educadores iluminados, este senso de responsabilidade financeira não se encontra em parte alguma.

Chegou a hora do dinheiro ser reavaliado e sua utilidade canalizada para novas direções. A voz do povo deve prevalecer, mas é preciso ser um povo educado nos verdadeiros valores, nos significados de uma cultura correta e na necessidade de corretas relações humanas. Trata-se, essencialmente, de uma questão de educação correta e de correta instrução para a cidadania mundial – algo que ainda não foi empreendido. Quem pode dar este treinamento? A Rússia desejaria impor a todos os ideais do comunismo e reuniria todo o dinheiro do mundo nos cofres do proletariado, a certa altura produzindo o maior sistema capitalista jamais visto no mundo; a Grã-Bretanha desejaria convencer o mundo nos conceitos britânicos de justiça, padrões estabelecidos de decência e honestidade e no comércio internacional, e o faria da maneira mais correta que qualquer outra nação, em razão da sua vasta experiência, mas sempre também visando lucrar. Também os Estados Unidos desejariam impor ao mundo o modelo americano de democracia, usando seus imensos capitais e recursos neste sentido, e acumulando em seus bancos os resultados financeiros de suas disseminadas operações financeiras, preservando-as em segurança por meio da ameaça de bomba atômica e brandindo seu punho de ferro diante do resto do mundo. A França manteria a Europa em estado de efervescência ao procurar reconquistar seu prestígio perdido e puxar das outras nações aliadas para si tudo que pudesse da vitória. E a história segue assim – cada nação lutando para si mesma e cotando umas às outras em termos de recursos e finanças. Enquanto isso, a humanidade tem fome, continua sem receber educação e é induzida em falsos valores e no uso errado do dinheiro. Até que essas coisas estejam em processo de ser corrigidas, o retorno do Cristo não será possível.

Diante desta incômoda situação financeira – qual será a resposta para o problema? Há homens e mulheres em todas as nações, em todos os governos, em todas as igrejas e religiões, em todas as fundações educacionais que têm a resposta. Que esperança há para eles e para o trabalho de que são incumbidos? Como podem ajudar os povos do mundo, os homens de boa vontade e de visão espiritual? Há alguma coisa que possam fazer para mudar o pensamento do mundo com relação ao dinheiro, orientando-o, assim, para canais nos quais seja usado de maneira mais correta? É preciso achar a resposta.

Há dois grupos que podem fazer muito: aqueles que já estão usando os recursos financeiros do mundo, desde que entendam a nova visão e que também vejam o desastre inevitável da antiga ordem e, em segundo, a força de pessoas boas e altruístas de todas as classes e esferas de influência.

Os homens de boa vontade e de inclinação espiritual devem descartar o pensamento de sua relativa inutilidade, insignificância e ineficácia e compreender que agora (neste momento crítico e crucial em que estamos) podem trabalhar com afã. As Forças do Mal estão derrotadas, embora ainda não “seladas” atrás da porta onde a humanidade pode colocá-las e segundo vaticinou *O Novo Testamento*. O mal está procurando toda possibilidade para uma nova abordagem, mas – e isso podemos dizer com confiança e insistência – *o homem comum do mundo, iluminado e altruísta, existe em número suficiente para fazer sentir o seu poder* – se assim quiser. Há milhões de homens e mulheres de orientação espiritual em todos os países, os quais, quando chegar a hora de encarar globalmente esta questão do dinheiro, *poderão canalizá-lo de maneira permanente*. Há escritores e pensadores em todas as nações que incorporariam sua poderosa ajuda, e incorporarão se forem abordados da maneira correta. Há estudantes esotéricos e religiosos devotados aos quais se pode apelar para que ajudem na

preparação do caminho de retorno do Cristo, em especial se a ajuda solicitada for o dispêndio de dinheiro e tempo para o estabelecimento de corretas relações humanas e o cultivo e a difusão da boa vontade.

Não se exige uma grande campanha para arrecadar dinheiro, mas sim o trabalho altruísta de milhares de pessoas aparentemente sem importância. Diria que a qualidade mais necessária é a coragem; é preciso coragem para anular a falta de confiança em si mesmo, a timidez e a resistência de apresentar um ponto de vista, em especial um ponto de vista relacionado a dinheiro.

É neste ponto em que a maioria fracassa. Hoje é relativamente fácil arrecadar dinheiro para a Cruz Vermelha, hospitais e instituições educacionais. É demasiado difícil arrecadar dinheiro para a disseminação da boa vontade ou para assegurar o correto uso do dinheiro para a difusão de ideias avançadas como o retorno do Cristo. Portanto, digo que *o primeiro requisito é Coragem*.

O segundo requisito para os trabalhadores do Cristo é fazer os sacrifícios e os planos de ação que os habilitem a dar até o limite de sua capacidade; não deve haver apenas uma competência para apresentar o tema, mas cada trabalhador deve praticar o que prega. Se, por exemplo, as milhões de pessoas que amam o Cristo e procuram servir à Sua causa, dessem pelo menos uma pequena quantia por ano, haveria fundos adequados para o Seu trabalho; as necessárias fundações e gestores de mentalidade espiritual apareceriam então automaticamente. A dificuldade não está na organização do dinheiro e do trabalho, mas na aparente incapacidade das pessoas de dar. Por uma razão ou outra dão pouco ou nada, mesmo quando interessadas em uma causa como o retorno do Cristo; o medo pelo futuro ou o amor pelas compras, o desejo de dar presentes ou o fato de não entender que muitas somas pequenas formam somas muito grandes – todas essas coisas militam contra a generosidade financeira e as razões sempre parecem adequadas. Portanto, *o segundo requisito é que todos deem tanto quanto puderem*.

Terceiro, as escolas metafísicas e os grupos esotéricos têm dedicado muito pensamento a esta atividade de direcionar o dinheiro para os canais que lhes interessam. Pergunta-se com frequência: Por que a escola de pensamento “Unity”, a igreja “Christian Science” e os movimentos do Novo Pensamento sempre conseguem reunir os fundos necessários, enquanto outros grupos, em especial os grupos esotéricos, não conseguem? Por que os verdadeiros trabalhadores espirituais parecem ser incapazes de materializar o que necessitam? A resposta é simples. Estes grupos e trabalhadores que estão mais próximos do ideal espiritual têm convicções limitantes. Seu principal interesse situa-se nos níveis abstratos, espirituais e, aparentemente, não captaram o fato de que o plano físico, quando motivado a partir dos níveis espirituais, tem idêntica importância. As grandes escolas metafísicas concentram-se em fazer demonstrações materiais, e tão grande é sua ênfase, e tão unidirecionada é a sua abordagem, que conseguem o que pedem; elas têm que aprender que o pedido e a resposta devem resultar de propósito espiritual, e que o que é pedido não deve se destinar ao eu separado nem para uma organização ou igreja separatista. Na Nova Era que está sobre nós, antes do retorno do Cristo, o pedido de apoio financeiro deve se destinar a impulsionar corretas relações humanas e boa vontade, não o crescimento de uma organização específica. As organizações que fazem tal pedido devem trabalhar com um mínimo de despesas gerais e instalações, e os colaboradores devem receber um salário baixo, mas aceitável. Não há hoje muitas organizações desse tipo, mas as poucas que existem podem dar um exemplo que será seguido rapidamente, à medida que cresce o desejo pelo retorno do Cristo. Portanto, *o terceiro requisito é o serviço à humanidade una*.

O quarto requisito deve ser uma cuidadosa apresentação da causa para a qual se requer o apoio financeiro. As pessoas podem ter a coragem de falar, mas uma apresentação inteligente tem a mesma importância. O principal ponto a enfatizar no trabalho preparatório para o retorno do Cristo é o estabelecimento de corretas relações humanas, o que já teve início por parte dos homens de boa vontade de todo o mundo sob diferentes nomes.

Chegamos agora ao quinto requisito: *uma confiança vital e firme na humanidade como um todo*. Não deve haver pessimismo com relação ao futuro da humanidade nem ansiedade pelo desaparecimento da antiga ordem. “O bom, o verdadeiro e o belo” estão a caminho e a responsável por isso é a humanidade, não determinada intervenção divina e externa. A humanidade é forte e está despertando rapidamente.

Estamos passando por uma fase em que tudo é anunciado “do alto dos telhados” – como o Cristo afirmou que seria – e à medida que ouvimos ou lemos sobre essa enchente de corrupção, crime, prazer sensual e compra de artigos de luxo, tendemos a nos desanimar; vale lembrar que é muito salutar que essa situação aflore e nós todos tenhamos conhecimento dela. É como uma limpeza psicológica do subconsciente, à qual os indivíduos se submetem; pressagia a inauguração de um dia novo e melhor.

Há um trabalho a fazer e os homens de boa vontade, de tendência espiritual e de verdadeira instrução cristã devem empreendê-lo. Devem inaugurar a era do uso do dinheiro para a Hierarquia espiritual e levar essa necessidade às esferas da invocação. A invocação é o tipo de oração mais elevado que há, e uma nova forma de apelo divino, que o conhecimento da meditação agora tornou possível.

Nada há a acrescentar com relação ao apelo por fundos, coragem e compreensão. Se a coragem do Cristo, à medida que enfrenta Seu retorno a este mundo externo físico, se a necessidade da humanidade por corretas relações humanas e se o trabalho e os sacrifícios dos discípulos do Cristo não forem suficientes para despertar o ardor de vocês e inspirá-los, assim como daqueles que vocês puderem alcançar, nada há a dizer que possa ser útil.

Já consideramos a necessidade da preparação para a vinda do Cristo e alguns dos requisitos básicos que surgirão, à medida que as pessoas se capacitarem para a necessária atividade, inclusive a de angariar os fundos necessários para sustentar o trabalho preparatório. O colaborador individual precisa, inicialmente, determinar se seu incentivo e perspectiva espiritual são adequados para a tarefa pela frente. Só importa aquilo que proporciona a necessária dinâmica para a ação e só estará apto para a tarefa aquele cuja visão tiver suficiente clareza para habilitá-lo a trabalhar com compreensão e sinceridade. Ele deve descobrir que é possível para ele exercer seu papel na promoção do Plano divino. A realidade do Cristo e a genuína possibilidade de Seu reaparecimento devem se tornar fatores motivadores importantes em sua consciência. Ele busca aqueles com quem pode trabalhar e têm os mesmos objetivos espirituais. E assim, e no devido tempo, descobre que há na Terra um grupo bem-organizado e integrado ao qual pode ser dada a denominação de Novo Grupo de Servidores do Mundo. Descobre que estão por todo lado e atuando em todos os países, em todos os grupos religiosos organizados e em todos os outros grupos dedicados ao bem-estar da humanidade e à preparação do caminho para o retorno do Cristo.

Trata-se de um grupo que, embora atuando essencialmente no plano externo da vida física diária, preserva uma estreita, interna e espiritual integração com o centro de energia, do qual pode extrair o que necessita para o trabalho espiritual ativo. O grupo proporciona um campo de serviço para todos aqueles que procuram expressão no serviço. Proporciona também um ponto de encontro para todos que estão dispostos a ser postos à prova e um lugar onde suas

motivações e persistência podem ser testados, antes de um firme desenvolvimento da oportunidade espiritual. Ele é então liberado para áreas de serviço cada vez mais amplas.

O Novo Grupo de Servidores do Mundo oferece, particularmente, um campo de treinamento e de experiência para todos aqueles que têm a esperança de se elevar espiritualmente e se capacitar para ser discípulo ativo, dirigido pelo Cristo. O aparecimento deste grupo na Terra neste momento é um dos indicativos do êxito do processo evolutivo, conforme aplicado à humanidade. Este método de trabalho – uso de seres humanos como agentes para sustentar a obra de salvação e elevação do mundo – foi iniciado pelo próprio Cristo. Ele trabalhou muitas vezes com os homens por meio de outros, chegando à humanidade por meio de Seus doze Apóstolos, e considerando Paulo como o substituto de Judas Iscariotes. O Buda experimentou o mesmo sistema, mas, no princípio, a relação do Seu grupo foi mais próxima a Ele e não tanto com o mundo dos homens. O Cristo enviou Seus Apóstolos ao mundo para alimentar as ovelhas e buscar os homens, guiá-los e convertê-los em “pescadores de homens”. A relação dos discípulos do Cristo com o Mestre era apenas secundária, as necessidades do mundo sendo o principal; esta atitude ainda rege a Hierarquia, mas sem detrimento à devoção ao Cristo. O que o Buda instituiu simbolicamente e de forma embrionária se tornou um fato, presente sob as demandas da era pisciana.

Na Era de Aquário em que agora estamos entrando, este modo de trabalho grupal alcançará um elevado ponto de desenvolvimento e o mundo será salvo e reconstruído por grupos, muito mais do que por indivíduos. No passado tivemos salvadores mundiais – Filhos de Deus que deram aos homens uma mensagem que propiciou um aumento de luz aos povos. Agora, na plenitude dos tempos e pelos processos da evolução, um grupo está surgindo, o qual trará a salvação ao mundo e o qual (corporificando as ideias grupais e enfatizando o verdadeiro sentido da Igreja do Cristo) estimulará e energizará tanto as mentes e as almas dos homens que a nova era será introduzida por uma emanção de Amor, Conhecimento e Harmonia do próprio Deus, como também pelo reaparecimento do Cristo, no qual estas três faculdades estarão encarnadas.

As religiões do passado foram instituídas por uma grande alma, por um Avatar e por um personagem espiritual excepcional. O selo de suas vidas, palavras e ensinamentos se incrustou na raça e persistiu através de muitos séculos. Qual será o efeito da mensagem de um Avatar grupal ou Salvador mundial? Qual será a potência do trabalho de um grupo de conhecedores de Deus que enunciem a verdade e se reúnam, subjetivamente, na relevante obra de salvação do mundo? Qual será o efeito da missão de um grupo de Salvadores do mundo, todos Conhecedores de Deus até certo ponto, que complementem os esforços mútuos, reforcem as mensagens uns dos outros e constituam um organismo por meio do qual a energia espiritual e o princípio vida espiritual possam fazer sentir sua presença no mundo, sob a direção do Cristo em Presença Visível?

Este grupo já existe agora, com membros em todas as nações. São relativamente poucos e distantes entre si, mas seu número aumenta regularmente e sua mensagem será cada vez mais sentida. São dotados de um espírito de construção; são os construtores da Nova Era; a eles foi atribuída a obra de preservação do espírito da verdade e da reorganização dos pensamentos dos homens, de maneira que a mente da raça seja controlada e levada a tal estado meditativo e condição reflexiva que possibilitará o reconhecimento da próxima revelação da divindade, que o Cristo inaugurará.

Nos últimos dez anos este Novo Grupo de Servidores do Mundo foi reorganizado e revitalizado; expandiu-se o conhecimento da sua existência por todo o mundo. Hoje é um grupo de homens e mulheres de todas as nações e raças, de todas as organizações religiosas e movimentos humanitários orientados, fundamentalmente, para o Reino de Deus ou em

processo dessa reorientação. São discípulos do Cristo, atuando conscientemente e, muitas vezes de maneira inconsciente, pelo Seu reaparecimento; são aspirantes espirituais que procuram servir e tornar realidade o Reino de Deus na Terra; são homens de boa vontade e inteligência que estão procurando aumentar o entendimento e as corretas relações humanas entre os homens. Este grupo abrange duas grandes correntes:

1. Um grupo constituído pelos discípulos do Cristo, os quais trabalham conscientemente para desenvolver Seus planos e aqueles que, instruídos por esses, colaboram consciente e voluntariamente. Nós podemos nos encontrar nesta última categoria, se assim desejarmos e se estivermos dispostos a fazer os necessários sacrifícios.

2. Um grupo constituído de aspirantes e homens e mulheres conscientes do mundo que estão trabalhando inconscientemente sob a orientação da Hierarquia espiritual. São muitos, em especial ocupando os altos cargos e cumprindo o papel de destruidores das antigas formas ou de construtores das novas. Não têm consciência de nenhum plano sintético interno, mas procuram atender desinteressadamente às necessidades do mundo da melhor maneira que podem, desempenhando papéis importantes nos relevantes eventos nacionais ou atuando com empenho no campo da educação.

O primeiro grupo tem certa medida de contato com a Hierarquia espiritual e, em grande medida, com os verdadeiros discípulos; seus membros atuam sob inspiração espiritual. O segundo grupo está em contato mais estreito com as massas e atua de maneira mais definida sob a inspiração de ideias. O primeiro grupo se ocupa do Plano do Cristo, até onde seus membros podem captar sua substancialidade; o segundo trabalha com os novos conceitos e esperanças que estão assomando à consciência da humanidade, à medida que os homens começam a responder, subjetivamente e muitas vezes de maneira inconsciente, à preparação para a vinda do Cristo. De maneira constante e em resultado do Novo Grupo de Servidores do Mundo, a humanidade está despertando para as possibilidades vindouras.

O despertar das classes intelectuais de todos os países para o reconhecimento de uma só humanidade é o prelúdio para o estabelecimento da fraternidade. A unidade da família humana é reconhecida pelo homem, mas antes que esta unidade possa tomar forma em medidas construtivas, é essencial que um número maior de homens e mulheres reflexivos derrubem as barreiras mentais que existem entre raças, nações e indivíduos; é também essencial que o Novo Grupo de Servidores do Mundo reitere no mundo externo aquele tipo de atividade que a Hierarquia expressou quando implementou e materializou o Novo Grupo de Servidores do Mundo. Por meio da impressão e expressão de certas grandes ideias, os homens de todas as partes podem ser persuadidos dos ideais fundamentais que regerão a Nova Era. É esta a principal tarefa do Novo Grupo de Servidores do Mundo.

À medida que estudamos e aprendemos a reconhecer o Novo Grupo de Servidores do Mundo em todas as suas ramificações e esferas de atividade – disseminadas pelo mundo e abarcando os verdadeiros e sérios trabalhadores de todas as nações, religiões e organizações de orientação humanitária – certamente compreenderemos que há na Terra hoje um grupo de homens e mulheres que, pela quantidade e gama de atividades, são perfeitamente adequados para implementar as mudanças que habilitarão o Cristo a caminhar novamente entre nós. Isto vai acontecer se estiverem realmente dedicados, prontos para fazer os sacrifícios necessários e dispostos a declinar de suas diferenças nacionais, religiosas e organizacionais em prol das formas de serviço que reconstruirão o mundo. Devem instruir a raça humana em alguns princípios básicos e simples e dar a conhecer à humanidade a ideia do reaparecimento do Cristo e da exteriorização do Reino de Deus. O trabalho consistirá, em grande parte, em sintetizar e estabilizar a obra dos dois Filhos de Deus, o Buda e o Cristo.

O êxito do trabalho do Novo Grupo de Servidores do Mundo é inevitável; realizou muito progresso nos últimos dez anos e a integração interna da parte do grupo que atua em estreito contato com o Cristo e a Hierarquia espiritual é de tal envergadura que o sucesso externo está garantido. Eles proporcionam um canal por meio do qual a Luz, o Amor e o Poder do Reino de Deus podem chegar aos trabalhadores mais exotéricos.

Portanto, que possamos compreender que todos os homens e mulheres de orientação espiritual e todos aqueles que procuram trabalhar e trabalham para o estabelecimento de corretas relações humanas, todos que praticam a boa vontade e se esforçam realmente para amar seus semelhantes são parte integrante do Novo Grupo de Servidores do Mundo, e sua principal tarefa neste momento é preparar o caminho para o reaparecimento do Cristo.

Permitam-me expor enfaticamente que o principal método que podemos usar e o instrumento mais potente nas mãos da Hierarquia espiritual é a difusão da boa vontade, e sua fusão em uma potência unida e atuante. Prefiro esta expressão às palavras “organização de boa vontade”. A boa vontade é hoje um sonho, uma teoria, uma força negativa. Que ela se desenvolva em realidade, em um ideal atuante e em uma energia positiva. É este o nosso trabalho e, novamente, somos instados a cooperar.

É grande a tarefa diante do Novo Grupo de Servidores do Mundo, mas não impossível. É envolvente, mas, como constitui um modelo de vida, pode ser cumprido em todos os aspectos da vida diária, normal, do homem e da mulher. No entanto, ao mesmo tempo, somos chamados a um estilo de vida incomum e a assumir uma responsabilidade decisiva.

CONCLUSÃO

A convocação para a preparação para o reaparecimento do Cristo foi emitida; a convocação para a salvação do mundo foi lançada e hoje os homens de orientação espiritual e os discípulos do Cristo estão se reunindo em todo o mundo. Não se trata de uma reunião no plano físico, mas de um profundo acontecimento subjetivo e espiritual. Até mesmo aqueles que só têm um leve vislumbre de compreensão quanto ao que realmente significa tal convocação estão respondendo e pedindo pela oportunidade de ajudar e por orientação quanto ao que devem fazer.

Hoje, portanto, estamos esperando pelo novo Aparecimento. O Cristo é esperado universalmente e neste espírito de expectativa vem o antídoto ao espírito de medo e horror que se abateu sobre o nosso desditoso planeta. A humanidade hoje está olhando para duas direções: para a Terra devastada e os angustiados corações dos homens e para o Lugar de onde virá o Cristo, que chamam, simbolicamente, de *Céu*. Onde há a mesma expectativa, onde há uniformidade de testemunho e de vaticínio, e onde todos os indícios do “tempo do fim” estão conosco, não seria cabível crer que um grande evento está em processo de ocorrer? Se, em meio à morte e à destruição é possível encontrar uma fé viva (fé que existe em toda parte) e um ardente fervor que trespassa a escuridão até chegar ao centro de luz, isso não atestaria a hipótese de que tal fé e tal fervor fundamentam-se em um profundo conhecimento intuitivo? Que “a fé é a *substância* das coisas esperadas e a evidência das coisas não vistas” (Hb 11:1) não seria uma realidade divina?

A humanidade de todas as nações está esperando em nossos dias por Aquele Que Vem – qualquer que seja o nome pelo qual seja chamado. Percebe-se que o Cristo está a caminho. A segunda vinda é iminente e, dos lábios dos discípulos, místicos, aspirantes, pessoas de orientação espiritual e homens e mulheres iluminados eleva-se o clamor “Que a Luz, o Amor, o Poder e a Morte cumpram o propósito d’Aquele que Vem”. Estas palavras são uma demanda,

uma consagração, um sacrifício, uma profissão de fé e um desafio para o Avatar, o Cristo, que espera, em Suas altas esferas, até que a demanda seja adequada e o clamor suficientemente claro para respaldar Seu aparecimento.

É sumamente necessário ter em mente que não nos cabe determinar a data para o aparecimento do Cristo nem esperar por alguma ajuda espetacular ou fenômenos curiosos. Se o nosso trabalho for realizado da maneira correta, Ele virá na hora marcada. Como, onde ou quando Ele virá não é de nossa competência. Nosso trabalho é fazer o nosso melhor, e na escala mais ampla possível, para produzir corretas relações humanas, pois Sua vinda depende do nosso trabalho.

Todos podemos fazer algo para pôr fim à terrível situação mundial atual e melhorar as condições: o menor de nós pode desempenhar sua parte na inauguração da nova era de boa vontade e compreensão. É preciso compreender, porém, que não estamos trabalhando para milênio algum, e sim que o nosso principal objetivo é, nesse momento, duplo:

1. Quebrar os ritmos antigos e malignos e estabelecer novos e melhores. Neste ponto o fator *tempo* é supremo. Se pudermos impedir a cristalização dos antigos males que produziram a guerra mundial e deter as forças reacionárias em todas as nações, estaremos criando um caminho para o novo e abrindo a porta, em todas as nações, para as atividades do Novo Grupo de Servidores do Mundo – aquele grupo que é o agente do Cristo.

2. Unificar e fundir a aspiração unida e o anseio das pessoas de todas as partes, de maneira que o som do clamor da humanidade seja potente o suficiente para chegar à Hierarquia espiritual.

Isto exigirá sacrifício, entendimento e um profundo amor por nossos semelhantes. Exigirá também inteligência, sabedoria e uma percepção prática dos assuntos mundiais. À medida que avançar o trabalho de estabelecer corretas relações humanas (que é a necessidade básica do mundo) e à medida que o método dessa atuação – boa vontade – for desenvolvido, o Cristo e Seus discípulos se aproximarão cada vez mais da humanidade.

Se for aceita a premissa inicial de que Ele está a caminho, todas as pessoas de orientação espiritual, os discípulos e os aspirantes do mundo inevitavelmente trabalharão – mas a premissa deve ser aceita para que o impulso seja suficiente. É com este pensamento que olhamos para o futuro. A ordem do Senhor despontou; o Cristo está atento à demanda da humanidade, demanda que se eleva e aumenta cada vez mais e todos os dias e “porque na hora que não imaginais, *Ele virá.*”
